

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA**

**JULIANA PEREIRA SIMÕES**

**BENZEDEIRAS DE MARUÍPE: UMA PRÁTICA DE CUIDADO HUMANO EM  
EXTINÇÃO**

**VITÓRIA**

**2014**

JULIANA PEREIRA SIMÕES

**BENZEDEIRAS DE MARUÍPE: UMA PRÁTICA DE CUIDADO HUMANO EM  
EXTINÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Saúde Coletiva da Universidade Federal do Espírito Santo para obtenção do grau de Mestre em Saúde Coletiva – Área de Concentração Política e Gestão em Saúde.

Orientador: Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Túlio Alberto Martins de Figueiredo

VITÓRIA

2014

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)  
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

---

S593p Simões, Juliana Pereira, 1983-  
Benzedeiiras de Maruípe: uma prática de cuidado humano  
em extinção / Juliana Pereira Simões. – 2014.  
140 f. : il.

Orientador: Túlio Alberto Martins de Figueiredo.

Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Universidade  
Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências da Saúde.

1. Medicina Tradicional. 2. Cura pela Fé. 3. Políticas  
Públicas. I. Figueiredo, Túlio Alberto Martins de. II. Universidade  
Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências da Saúde. III.  
Título.

CDU: 614

---

**JULIANA PEREIRA SIMÕES**

**BENZEDEIRAS DE MARUÍPE: UMA PRÁTICA DE CUIDADO HUMANO EM  
EXTINÇÃO**

Dissertação de mestrado submetida ao Programa de Pós - Graduação em Saúde Coletiva do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Saúde Coletiva na área de concentração Política e Gestão em Saúde.

Aprovada em 17 de março de 2014.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

**Prof.º Dr.º Túlio Alberto Martins de Figueiredo**  
Orientador

---

Prof.ª Dr.ª. Maria Edla De Oliveira Bringuente  
Universidade Federal do Espírito Santo  
Membro Permanente Externo

---

Prof.ª Dr.ª Rita de Cássia Duarte Lima  
Universidade Federal do Espírito Santo  
Membro Permanente Interno

A todas as benzedoras que encontrei nesta caminhada.

“O saber a gente aprende com os mestres e os livros. A sabedoria, se aprende é com a vida e com os humildes.”

(Cora Coralina).

## AGRADECIMENTOS

Começarei pela pessoa que me incentivou. Ainda lá em MG, a ouvia dizer: “Larga tudo isso e vai, se é o que você quer”. Num momento em que me faltava apoio de um lado, ela me encheu de coragem do outro, me deu segurança e deixei MG rumo ao ES. Obrigada Vó Maria!

Aos meus pais Elcio e Ariete. Em especial à minha mãe, mulher de força, coragem, sabedoria, de uma grandeza tão especial que as palavras não dão conta de descrever.

Às minhas irmãs Christiane, Aliana e Luciana. Obrigada pelo apoio, pelas conversas, pelos momentos de distração e pelo carinho.

Ao meu sobrinho Pedro, meu “fio terra” que me abraça, me morde, me beija, me puxa para a brincadeira e me leva até o seu mundo de criança.

Ao Tiago, companheiro de todas as horas (boas e ruins). Pelas leituras e releituras de cada texto produzido nesses dois anos, por mudar sua rotina e me acompanhar, repetindo a todo o momento: “sou seu fã”. Obrigada por todo o incentivo e por toda ajuda que me deu durante esta caminhada.

Aos demais familiares que não citei neste agradecimento, mas que sei que torcem por mim.

Aos amigos antigos e novos que conquistei. Em especial Flávia Garcia, Wesley Pereira, Mariana Andrade, Sônia Cristina Plácido e Wanderson Gonçalves. Conviver com vocês durante o mestrado (e para além dele) tornou as coisas mais alegres, fáceis e suaves. Obrigada.

Aos amigos do Grupo de Pesquisa Rizoma Saúde Coletiva e Instituições. Em especial à Fernanda Poleze, ao Thiago de Sousa e à Mariana Andrade. Vocês três

foram mais que essenciais para construção desta pesquisa. Obrigada por cada momento que passamos juntos. Sou muito grata por tê-los conhecido.

Aos amigos do Laboratório de Epidemiologia- LabEpi. A mistura entre Rizomáticos e Epidemiologistas deu muito certo. Foi um prazer imenso conhecer e conviver com todos. Deixo aqui um agradecimento especial ao Thiago Prado.

Aos funcionários do campus da UFES de Maruípe, em especial Dona Néia. Cada um de vocês que nos acolhe, tornando a nossa estadia no campus mais agradável

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Edla de Oliveira Bringuente e à Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rita de Cássia Duarte Lima, que em meio a tantos compromissos atenderam prontamente ao convite para compor a banca examinadora desta pesquisa. Obrigada pela disponibilidade de vocês.

A todos os agentes comunitários de saúde, de todas as unidade básicas da Área de Saúde de Maruípe com quem tive contato durante a pesquisa. Obrigada pela disposição em me ajudar.

Às Benzedeiras de Maruípe. Obrigada por me receberem em suas moradas com todo carinho, dedicando-me um tempo precioso de suas vidas. Levo comigo um pouquinho de cada uma de vocês. Obrigada!

Concluo com quem se tornou responsável por esta conquista. Tive muita sorte de ser encontrada por um orientador tão carinhoso, tão sensível, amigo, paciente, dedicado, sábio...Tantas virtudes não caberiam nesta humilde folha. Túlio, obrigada por tudo! Da mesma forma que faltaria folha para te elogiar, faltaria também para te agradecer.

## **BIOGRAFIA**

Juliana Pereira Simões, filha de Élcio Borges Simões e Ariete Pereira Rosa Simões, nasceu em 25 de agosto de 1983 na cidade de João Monlevade – MG.

Em 2006, graduou-se em Enfermagem pelo Centro Universitário do Leste de Minas Gerais – Unileste - MG, localizado na região do Vale do Aço mineiro.

Em 2007 retorna para sua cidade natal para atuar como docente no curso técnico de enfermagem. Entre as disciplinas que lecionava estão: Saúde Pública, Saúde da Mulher e Estágio Supervisionado (unidade básica de saúde, pronto atendimento e hospital) ; posteriormente coordenou o curso técnico de enfermagem.

Entre 2010 e 2011 mudou-se para Vitória - ES com a intenção de retornar à vida acadêmica.

Em 2011, iniciou o curso de Especialização em Enfermagem do Trabalho no Centro Universitário São Camilo – ES. Concluiu a Especialização em junho de 2012.

No fim de 2012, iniciou o curso de Especialização em Ativação de Processo de Mudança na Formação Superior de Profissionais da Saúde pela Escola Nacional de Saúde Pública/ Fundação Oswaldo Cruz (ENSP/FIOCRUZ). Concluiu a Especialização em dezembro de 2013

Também em 2012, iniciou o Mestrado em Saúde Coletiva no Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva (PPGSC) da Universidade Federal do Espírito Santo. Defendeu sua dissertação em Março de 2014.

.

## BENZEDEIRAS GUARDIÃS

As rezadeiras usam  
Águas da chuva e do rio  
Curam as dores do corpo  
Cisco no olho, espinhela caída

As benzedadeiras vão  
Com fé na oração  
Curando nossas feridas  
Como obaluaê

As rezadeiras quebram  
Quebranto, mal olhado  
Males que vem dos ares  
Nervos torcidos, ventres virados

As benzedadeiras são  
As estrelas das manhãs  
As nossas anciãs  
Naná buruguêis

Afastam a inveja  
E o mal olhado  
Com suas forças  
Com suas crenças  
Com suas mentes sãs

As rezadeiras são  
As nossas guardiãs  
Por dias, noites, manhãs  
Naná

Estaca canção é uma oração  
Para as benzedadeiras  
Do coração mando este som  
Para as rezadeiras

As rezadeiras são  
As nossas guardiãs  
Por dias, noites, manhãs  
Naná

(VALENÇA; VILA, 1992)

## RESUMO

Estudo realizado com benzedeiras de uma área de saúde do município de Vitória - ES, objetivando identificá-las, conhecer suas histórias de vida e o interesse das mesmas em articularem-se com os profissionais das unidades básicas de saúde locais. Por se tratar de uma região marcada pela violência advinda do tráfico de drogas, tornou-se impossível identificar o universo dessas mulheres, face à impossibilidade de acesso a alguns desses bairros; assim posto, nossa amostra ficou limitada a cinco benzedeiras. A coleta de material do estudo se deu através de entrevistas e observações registradas em um diário de campo. O material transcrito e os apontamentos do diário de campo possibilitaram a narrativa de inspiração cartográfica deste estudo. Essas benzedeiras são mulheres entre 64 a 88 anos de idade, residem em locais inóspitos e em moradias humildes. Algumas benzem apenas crianças, outras todos aqueles que as procuram, inclusive para benzimento de seus animais. Nenhuma delas cobra e tão pouco aceita agradecimento pela atenção prestada, pois segundo elas, o agradecimento deve ser dirigido a Deus. São mulheres humildes, todas moradoras antigas da área, ora reconhecidas como importantes pelo dom que têm, ora rechaçadas como demoníacas por grupos religiosos. No tocante a uma aproximação com as equipes locais de saúde, todas as benzedeiras se mostraram avessas à ideia, no entendimento de que tal aproximação significaria uma demanda de benzimentos aumentada e obrigatória, o que contraria a lógica da atenção prestada pelas mesmas, que só benzem de acordo com a conveniência: sentindo-se bem, praticam o benzimento; estando desvitalizadas, evitam benzer. Por se tratar de mulheres idosas, as benzedeiras encontram-se ameaçadas de extinção, visto que aprender o ofício não tem sido objeto de interesse das novas gerações.

Palavras chave: Cura pela Fé ; Medicina Tradicional; Políticas Públicas.

## **ABSTRACT**

This is a study of faith healers at one health administrative region of the municipality of Vitória - ES, aiming to identify them, to know their life stories and their interest in articulating with professionals at the local units of primary healthcare. Because it is a region marked by violence arising from drug trafficking, it has become impossible to identify the universe of those women, due to the lack of access to some of these neighborhoods; thus our sample was limited to five faith healers. Material was collected for the study through interviews and observations recorded in a field diary. The transcripts and notes from the diary allowed the narrative of cartographic inspiration for this study. These healers are women between 64-88 years of age, living in austere locations in humble dwellings. Some bless only children, others all those who seek them, including blessing their pets. None of them charges anything, and they do not accept thanks for the provided attention, because according to them the thanks should be directed to God. They are humble women, all old residents of the area, sometimes recognized as important for the gift they have, sometimes rejected as demonic by religious groups. Regarding an approach with local health teams, all the faith healers proved averse to the idea, understanding that such approach would mean an increased and binding demand for blessings, which contradicts the logic of care provided by them, which is only to bless according to convenience: they bless when feeling well, and avoid it when devitalized. Faith healing is endangered of extinction, because the healers are older women, and learning the craft has not been the subject of interest among the younger generations

**Keywords:** Faith Healing; Traditional Medicine; Public Policy.

## LISTA DE ABREVIATURAS

ACS- Agente comunitário da saúde

ANFC- Agentes Não Formais de Cura

CAAE- Certificado de Apresentação para Apreciação Ética

CEP- Comitê de Ética e Pesquisa

CMI- Complexo Médico Industrial

ENSP- Escola Nacional de Saúde Pública

ES- Espírito Santo

ESF- Estratégia Saúde da Família

FIOCRUZ – Fundação Oswaldo Cruz

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

MASA – Movimento Aprendizes da Sabedoria

MUHN- Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul

PNPIC – Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares

PPGSC – Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva

SUS – Sistema Único de Saúde

UFES- Universidade Federal do Espírito Santo

TCLE- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

## SUMÁRIO

<b>1- INTRODUÇÃO</b>	<b>13</b>
<b>2- OBJETIVO</b>	<b>26</b>
<b>3- CAMINHADA METODOLÓGICA</b>	<b>27</b>
<b>Cenário</b>	<b>27</b>
<b>Tipo de Pesquisa</b>	<b>28</b>
<b>Sujeitos do estudo</b>	<b>29</b>
<b>Amostra do estudo</b>	<b>29</b>
<b>Instrumentos utilizados no cultivo do material</b>	<b>30</b>
<b>Trabalho de Campo</b>	<b>30</b>
<b>Tratamento do Material</b>	<b>31</b>
<b>Análise do Material</b>	<b>32</b>
<b>Pistas Sobre a Cartografia</b>	<b>32</b>
<b>Aspectos Éticos</b>	<b>36</b>
<b>4- MUNICÍPIO DE VITÓRIA</b>	<b>38</b>
<b>Histórico</b>	<b>40</b>
<b>Organização territorial do Sistema Municipal de Saúde de Vitória</b>	<b>42</b>
<b>A Região De Saúde De Maruípe</b>	<b>43</b>
<b>Os Bairros da Região de Saúde de Maruípe</b>	<b>45</b>
<b>5- MULHERES QUE CURAM ATRAVÉS DA ORAÇÃO</b>	<b>66</b>
<b>6-CONSIDERAÇÕES SOB BENZEDEIRAS E O SIGNO DA MEMÓRIA E PRESERVAÇÃO</b>	<b>104</b>
<b>7- REFERÊNCIAS</b>	<b>108</b>
<b>APÊNDICES</b>	<b>117</b>
<b>APÊNDICE A</b>	<b>118</b>
<b>APÊNDICE B</b>	<b>119</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>122</b>
<b>ANEXO A</b>	<b>123</b>
<b>ANEXO B</b>	<b>125</b>
<b>ANEXO C</b>	<b>129</b>
<b>ANEXO D</b>	<b>132</b>

## 1- INTRODUÇÃO

Desde o princípio de sua existência, o homem convive com suas mazelas, e tenta, para saná-las, diversas alternativas que variam de acordo com a região, o momento histórico e o contexto em que vive (SIQUEIRA et al, 2006).

O que hoje é conhecido como práticas populares de saúde acompanham o homem desde o início dos tempos. Nessas práticas são utilizados métodos tradicionais de cada etnia. O uso de tais métodos não se restringe a um único local do planeta; eles abrangem populações de todos os continentes (GASPAR, 2010).

Conforme Laplantine e Rabeyron (1989) há um grande repertório das práticas populares de saúde, e estabelecer este repertório é tarefa árdua, dada a heterogeneidade e a ausência de alguma classificação definitiva. Assim, os autores consideraram quatro grandes eixos bipolares: legitimidade social, dimensão tradicional, sua constituição em *corpus* teórico e sua funcionalidade.

As práticas populares de saúde são chamadas de “medicina rústica” por Araújo (1977), “medicina popular” por Santos Filho (1977) e por Oliveira (1985a), de “medicinas paralelas” por Laplantine e Rabeyron (1989) e de “práticas populares de saúde” por Vasconcelos (1996), termo eleito, nesta dissertação, para descrever todo esse amplo conjunto de práticas e saberes.

Em nosso país, a diversidade das práticas populares de saúde é resultado do processo de aculturação entre índios, colonizadores europeus e negros, abrangendo, enquanto dispositivos terapêuticos, uma série de técnicas, formulações, remédios e gestuais utilizados para o reestabelecimento ou manutenção da saúde (ARAÚJO, 1977).

As práticas populares de saúde, tanto em seu repasse, quanto em sua elaboração, foi um papel desempenhado pelas mulheres ao longo dos anos. Elas eram responsáveis por cuidar da família, principalmente as mais humildes, exercendo o saber saúde que lhes fora ensinado por suas mães e avós (DIAS, 1991).

No período colonial brasileiro, ainda sem o recurso da medicina, as mulheres recorriam às curas informais e, através de gestos, palavras e fórmulas, tratavam as doenças. A visão mágica ainda predominava e a mulher recorria às plantas - em geral ervas - para o cuidado terapêutico, além de se valer de saberes vindo da África (talismãs, amuletos) e dos conhecimentos dos índios (flora medicinal) (DEL PRIORE, 2009).

Sabedoras de segredos e usando apenas fórmulas oracionais, essas médicas sem diploma tentavam transformar seus fascinados pacientes em criaturas invulneráveis aos olhares e ares venenosos (DEL PRIORE, 2009, p. 90).

Tanto as mulheres que exerciam a cura como os demais agentes de tratamento (raizeiros, curadores de cobra, as benzedeadas) tinham livre circulação pela colônia, sendo aceitos por todas as camadas da população e não encontrando nenhuma resistência nos primeiros três séculos da história brasileira (MONTEIRO, 1985).

Os agentes populares de cura, guiados pela sabedoria tradicional, concebiam as doenças como parte de um todo. Estar doente envolvia, além de seu corpo, sua mente, a imagem que cada um tem de si mesmo, sua relação com o ambiente, o social, sua relação com o cosmo e com as divindades (CAPRA, 2006).

Mas, a partir do fim do século XVIII e início do século XIX, os agentes populares de cura foram perseguidos: instalou-se no Brasil colônia a “guerra santa” (MONTEIRO, 1985). Oliveira (1985b) acrescenta que, no período, houve uma grande repressão ao ofício, não somente dos curandeiros, mas também das benzedeadas, resultando em múltiplas prisões.

Acirrando mais esta guerra, chega ao Brasil a família real, trazendo consigo os ares do progresso. Por isso, tornou-se necessária a formação de profissionais habilitados no país. A primeira escola a ser criada foi a Escola de Cirurgia, em 1808 na Bahia, seguida logo após pela Faculdade de Medicina, em 1832. Assim, iniciou-se a formação de médicos no Brasil, e seus atendimentos se espalharam progressivamente à população urbana (MONTEIRO, 1985).

Não resta dúvida de que a implantação efetiva do ensino médico no Brasil – medida adotada em 1832 pelo governo imperial, transformando as precárias escolas de cirurgia instaladas no Rio de Janeiro e em Salvador em faculdades de medicina- foi um passo importante na direção do afastamento cultural entre as medicinas culta e popular (FERREIRA, 2003, p.102).

Até o início do século XIX, a presença de médicos no Brasil era rara e circunscrita às grandes cidades, notadamente o Rio de Janeiro (PIMENTA, 2003).

Monteiro (1985) relata como exemplo dessa situação, que não havia médicos na capitania do Espírito Santo até o ano de 1813; apenas em 1886 chegou a Vitória a primeira parteira diplomada, a Sra. Margarida Zanotelli, que passou a realizar as práticas populares de cura, até então reservadas “às curiosas” – pessoas não habilitadas.

Os conhecimentos femininos sobre os cuidados, quase sempre passados de mãe para filha, começaram a competir com a medicina recém-implantada que, na época colonial, não se mostrava competente para curar mazelas de qualquer tipo. A grande atuação das mulheres que curavam incomodava, tornando-as alvo da perseguição das autoridades científicas e eclesiásticas (DEL PRIORE, 2009).

A Fisicatura considerava as práticas de saúde realizadas pelos curandeiros, parteiras, sangradores e tiradores de dentes, inferiores às práticas médicas mais refinadas daquele contexto, inclusive porque os praticantes desta saúde popular eram oriundos das classes sociais menos prestigiadas, pessoas tidas como inferiores (mulheres, negros, escravos) (PIMENTA, 2003).

Entretanto, a Fisicatura tinha dificuldades de fazer valer seu regimento entre os terapeutas populares. Aqueles que não se submetiam à oficialização de suas práticas, ou simplesmente desconheciam as suas leis, atuavam clandestinamente (PIMENTA, 2003).

As questões de saúde pública passaram a ser decididas pelas câmaras municipais, já a partir de 1830. Para exercer os cuidados de saúde tornou-se necessário possuir uma “licença” ou “carta” registradas, e aqueles que não as possuíam passaram a ser enquadrados como ilegais no ofício. Nesse momento histórico, muitas práticas

populares – como a dos curandeiros, por exemplo – ficaram excluídas da regulamentação, ocupando o *status quo* de oficiosas. Mesmo assim, em um movimento de resistência, os curandeiros não deixaram de exercer seu ofício, à revelia do fortalecimento e do prestígio da medicina (PIMENTA, 2003).

Este prestígio é facilmente identificado nas publicações referentes à história da medicina no Brasil. Witter (2005) coloca que, até pouco tempo, era intenso o volume de publicações relativas às práticas populares de cura, que as colocava em um patamar de inferioridade. Os autores desses trabalhos insistiam em repetir o discurso médico, qualificando as práticas populares como atividades rodeadas pela ignorância, pela superstição e também pela ineficácia, considerando-as uma categoria de ações e atitudes pré-rationais, surgidas de aculturações (de uma forma pejorativa) e oriundas do abandono (da falta de recursos, médicos principalmente) durante o período colonial, quando teriam sido um mal necessário.

As inferiores condições sócio-econômicas vigentes nos tempos de colonização e de formação do país, o ambiente infenso ao desenvolvimento cultural e a decorrente escassez de profissionais e ainda a má qualidade da maioria destes, determinaram o florescimento do curandeirismo, da prática da Medicina por indivíduos não habilitados e sem iniciação escolar, sem estudos especializados, desconhecedores das bases, dos princípios e das teorias norteadoras da ciência médica. Como um mal necessário e de certa forma útil, aceito pelo povo, acobertado pelas autoridades, vicejou no país, desde os primeiros anos, o curandeirismo, ou a Medicina dos conhecimentos vulgarizados, popularizados, adquiridos através do empirismo, da simples experiência prática (SANTOS FILHO, 1977, p. 346).

Entretanto, a contra gosto de alguns, as práticas populares de saúde continuam a ser praticadas em todo o mundo, e elas utilizam abordagens holísticas, juntamente com diferentes práticas terapêuticas que, através de um ritual ou cerimônia, tentam acalmar o paciente e aliviar sua apreensão (CAPRA, 2006).

O surgimento das práticas populares de saúde se deu no espaço campesino e rural, e elas foram transmitidas entre famílias, de geração a geração, tendo seu manejo bases religiosas. O aprendizado dava-se através da observação, sendo mantida

pelas tradições. Porém, se antes satisfaziam somente a população campestre, populações afastadas e sem recurso, hoje elas se adaptam às grandes cidades, tornando-se complementares ao modelo oficial de cura (MATOS; GRECO, 2005). Há de se considerar, no entanto, que a opção por tais práticas na atualidade, enquanto complementares, é objeto de interesse como terapêutica para muitos usuários do Sistema Único de Saúde (SUS), independentemente de sua classe social.

A oficialidade de tais práticas se deu no Brasil, a partir de 2006, quando o Ministério da Saúde instituiu a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), obtendo-se um grande avanço histórico, visto que racionalidades médicas tais como Homeopatia, Medicina Antroposófica e Medicina Tradicional Chinesa, assim como sistemas terapêuticos tais como fitoterapia, Acupuntura, Crenoterapia e Termalismo, passaram a constituir parte integrante - embora complementar -, do sistema hegemônico até então vigente.

Conforme observado, procedemos a uma clivagem entre as diversas práticas integrativas e complementares constantes na PNPIC, considerando algumas delas racionalidades médicas e outras como sistemas terapêuticos. Para tanto, levamos em consideração o conceito de racionalidades médicas elaborado por Luz (1995), segundo o qual para ser uma racionalidade médica, tal como as já citadas Homeopatia, Medicina Tradicional Chinesa e Medicina Antroposófica, a especialidade deve englobar um conjunto integrado e estruturado de práticas e saberes compostos por cinco dimensões interligadas: morfologia humana, uma dinâmica vital, um sistema de diagnose, um sistema terapêutico e uma doutrina médica, todos embasados em uma sexta dimensão implícita ou explícita – uma cosmologia. Nesta lógica, portanto, a acupuntura e a fitoterapia, dentre outras, se caracterizam como sistemas terapêuticos, ou seja, possuem apenas uma dimensão - a terapêutica.

À revelia de todos esses avanços, à exceção da fitoterapia e do termalismo, por exemplo, as práticas populares de saúde, constituídas ao longo da história da saúde no Brasil, não foram consideradas. No entanto, conforme já foi afirmado anteriormente, tais práticas resistem e são objeto de interesse, sendo utilizada por relevante parcela da população brasileira.

Na opinião de Vasconcelos (2009a), a visão dualista que separa a matéria do espírito considera as ações ligadas à espiritualidade como inválidas para origem e cura das doenças, além de imbuir nos profissionais da saúde o preconceito quanto a essas práticas, marginalizando-as, enquanto potência, na resolução de problemas de saúde dos usuários do SUS.

Dentre as práticas populares de saúde, que tem como substrato a espiritualidade, destaca-se sobretudo a benzeção. A arte de benzer é uma antiga prática utilizada para curar mazelas - quebranto em crianças e mal olhado, por exemplo, em adultos.

Estudo realizado por Margotto (1998) com os profissionais da saúde ligados ao Centro Biomédico (atual Centro de Ciências da Saúde - CCS) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), entre eles: médicos, enfermeiros, dentistas, farmacêuticos, assistentes sociais, psicólogo e sociólogo, - escolhidos por terem no mínimo dez anos de serviço e por exercer sua profissão diretamente com a clientela, sendo que esta é originária de todo o estado do Espírito Santo, sul da Bahia e também parte do leste de Minas Gerais- discorre sobre a referida discriminação por parte dos profissionais entrevistados em relação às práticas alternativas. Quase todos os profissionais entrevistados nasceram/cresceram no interior do estado do ES, ou em áreas mais distantes, tendo vivenciado as práticas populares de saúde, entretanto muitos tiveram uma formação acadêmica em um período de domínio total da medicina, rotulando então todas as práticas que estavam fora desse contexto médico como superstição e curandeirismo. A referida autora aponta também em seu estudo que grande parte dos profissionais entrevistados

(...) manifesta uma certa aceitação da fitoterapia, da homeopatia e da acupuntura como formas alternativas de tratamento, percebe-se, quase sempre, uma certa desqualificação em relação àqueles que são os seus agentes, principalmente se tiveram uma formação na medicina científica (MARGOTTO, 1998, p.84).

Margotto (1998) diz ainda que as menções de seus entrevistados, mesmo manifestando aceitação por algumas práticas, apresenta discriminação por colegas que aderem às mesmas, visto que:

(...) parecem embutir um certo grau de depreciação, mesmo quando reconhecem a existência de demanda em alguns setores da população, com o conseqüente prestígio social e financeiro dos colegas que optaram por exercer determinadas terapias alternativas (MARGOTO, 1998, p. 84).

Ainda que algumas práticas, enquanto forma de resistência, tenham se tornado comuns aos usuários da cidade, não se pode negar que ao longo dos tempos ocorreu o desaparecimento de algumas, em decorrência de um modelo biomédico higienista que antes da instituição do SUS contribuiu para excluir os agentes populares de cura (NASCIMENTO, 1997).

Nos meandros da contemporaneidade, a prática da benzeção resiste, dando passagem a linhas de cuidado "acopladas em práticas hegemônicas de cura" (MERHY e CECCIM, sd, p.13), à revelia de sua omissão na PNPIC.

As benzedeadas levam consigo a tradição de orações, rezas, simpatias, ensinamentos divinos carregados de fé e que lhe são atribuídos através de um dom (VAZ, 2006).

A sabedoria tradicional, os conhecimentos repassados de família a família, através dos tempos, não competem com a medicina científica, entretanto, muitas vezes, tais conhecimentos são acessados pela população, passando despercebidos pela prática médica (DIAS, 1991).

Delinearemos a seguir algumas peculiaridades sobre o ofício das benzedeadas.

O espaço de intervenção das práticas populares é um lugar do feminino. Trabalho documental e fotográfico intitulado: "Mulheres e Práticas de Saúde: medicina e fé no universo feminino" realizado pelo Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul (MUHM, 2008) retrata esse lugar, registrando de maneira tocante a história de mulheres - benzedeadas, parteiras e até mesmo médicas. Trata-se a meu ver de um dos mais emocionantes documentários que, em relação às benzedeadas, exprime o valor e o reconhecimento das mesmas no sul do Brasil.

As benzedeadas atendem a todos que a procuram, são caridosas, solidárias, humanas, não cobram por seus serviços – estes sempre guiados por rezas

(OLIVEIRA, 1985b; VAZ, 2006; SANT`ANA 2012). Seu saber é um presente de Deus, que como tal não pode ser comercializado (VASCONCELOS, 2009b).

Usuários de benzeção, ao que parece, compreendem que a lógica de intervenção de tal prática popular, embora complementar, diverge da lógica médica. Lopes (2003) refere que, na época do Brasil colônia, para muitas doenças desconhecidas pelos europeus, solicitava-se ajuda às mulheres, que mantinham grande acervo de plantas e rezas para tratamento das mazelas, o que acontece até hoje.

No entanto, embora goze de prestígio junto à população que a solicita, houve um tempo em que as mulheres possuidoras do dom da cura pela reza foram consideradas bruxas, especialmente na idade média; em algumas denominações religiosas presentes em nossa sociedade atual, no entanto, este estigma ainda persiste (POHLMANN, 2007).

Ao longo da história, o período mais crítico enfrentado por todas as mulheres que tinham o dom da cura, no mundo ocidental, foi entre o fim do séc. XVI até meados do séc. XVIII, quando ocorreu em toda a Europa a repressão das mulheres e do feminino – a caça às bruxas. Houve milhares de execuções, apoiadas pela Igreja Católica Apostólica Romana, de mulheres consideradas bruxas e feiticeiras – muitas delas orquestradas pelo *Malleus Maleficarum* (KRAMER; SPRENGER 1991).

O *Malleus Maleficarum* – Martelo das Bruxas, escrito em 1484 pelos inquisidores Heinrich Kramer e James Sprenger, é um dos livros mais importantes da cultura ocidental, tanto para os leitores que se interessam pela história quanto para aqueles que estudam a história do pensamento e das leis. Documento fundamental do pensamento pré-cartesiano, bem como um dos mais importantes depositórios das leis que vigoravam no estado teocrático, revela ainda as articulações concretas entre sexualidade e poder, além de contribuir para o estudo do funcionamento das sociedades.

De acordo com este tratado, as mulheres consideradas bruxas ou feiticeiras seriam causadoras de mal, de efeitos fantásticos, do mau-olhado, pois, pactuadas com o diabo, se tornavam suas servas e devotas. Para as mesmas não havia salvação: se confessassem a condição de bruxa ou feiticeira, eram queimadas vivas: ainda que

não, da mesma forma, após o julgamento, também estavam condenadas à fogueira (KRAMER; SPRENGER, 1991).

Curandeiras e benzedoras que curavam com “orações, benzimentos, rezas e palavras santas”, pertencentes ao monopólio eclesiástico, passaram a ser sistematicamente perseguidas, pois as palavras que empregavam eram consideradas, sobretudo pelos inquisidores do Santo Ofício, de inspiração diabólica (PRIORI, 2009, p.92)

Resistindo a toda sorte de discriminação, as pessoas que realizam a cura através de um dom há muito têm a sua prática reconhecida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como patrimônio imaterial da cultura brasileira.

O patrimônio cultural imaterial

(...) dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas) (IPHAN, 2013).

O reconhecimento do benzimento pelo IPHAN fundamentou-se no Artigo 216 de nossa Constituição (Brasil, 1992, p. 120), que estabelece que

Constituem patrimônio cultural dos brasileiros os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira.

Os bens culturais de natureza imaterial, ao serem considerado patrimônio, devem ser preservados pelo Estado e pela sociedade. O patrimônio imaterial é repassado de geração para geração, recriado pela comunidade e seu meio, além de promover a diversidade (IPHAN, 2013).

A Constituição Federal, no que se refere à proteção do patrimônio cultural, em seu art. 5º, inciso LXXIII discorre sobre:

Qualquer cidadão é parte legítima para propor ação popular que vise anular ato lesivo ao patrimônio público ou de entidade de que o Estado participe, à moralidade administrativa, ao meio ambiente e ao patrimônio histórico e cultural, ficando o autor, salvo comprovada má-fé, isento de custas judiciais e do ônus da sucumbência.

Considerar a benzeção um patrimônio imaterial é importante, visto que essa prática muitas vezes ainda entra em choque com o paradigma médico vigente. Ampliando tal discussão, Loyola (1984), por exemplo, acrescenta que o curandeirismo e a medicina tradicional convivem ao mesmo tempo, dividindo o mesmo espaço, às vezes em um momento de oposição e em outras de aceitação por parte dos profissionais da saúde. A mesma autora ainda coloca que

Os curandeiros e os rezadores estão ligados à tradição católica ou, mais precisamente, ao catolicismo popular(...) Com a repressão e o enquadramento do catolicismo popular, essas denominações servem atualmente apenas para designar os indivíduos que praticam uma medicina estreitamente ligada à religião institucionalizada. Eles são definidos e se definem como especialistas da cura e não como agentes ou membros de uma religião. Em outras palavras o que prevalece é sua função terapêutica e não sua função religiosa. Eles eram e ainda são os médicos das comunidades rurais tradicionais e, por essa razão, continuavam sendo alvo dos ataques da medicina oficial e o objetivo privilegiado dos estudos sobre a medicina popular no Brasil (LOYOLA, 1984, p.91-92).

Tesser (2009) considera que a ciência não é a única verdade na saúde, ela serve de apoio para legitimação do saber, mas que esse espaço não deve permanecer fechado, e sim abrir-se para as tradições e outros saberes não científicos.

No entanto, Matos e Greco (2005) consideram que as práticas populares de saúde muitas vezes são mal interpretadas pelos profissionais da área da saúde, mesmo que supram necessidades do indivíduo que vão além da medicina tradicional e ultrapassam o corpo físico.

As práticas populares de saúde são marcadas por uma abordagem integral e na maioria das vezes não lucrativa o que contraria os interesses do complexo médico-industrial (CMI).

Sobre o conceito de CMI, Vianna (2002, p.375) considera que o mesmo,

[...] tem sido utilizado, desde os anos 1980, no Brasil, para ressaltar as múltiplas e complexas inter-relações estabelecidas entre os diversos atores do setor saúde e destes com os demais setores da economia. O CMI é um produto histórico e particular da evolução do sistema de saúde. É um estágio em que, devido à necessidade de reprodução dos capitais investidos, as práticas capitalistas privadas se tornam hegemônicas e determinantes das funções, papéis e relações de cada ator no interior do próprio sistema.

Contrariando a lógica do CMI dois municípios paranaenses em 2012 reconheceram e incorporaram a prática da benzeção como complementar à Estratégia Saúde da Família (ESF). Isso se deu nos municípios paranaenses de São João do Triunfo e de Rebouças, passando a existir uma cooperação entre o SUS e benzedeiros. Nesse arranjo as mesmas são reconhecidas legalmente (ANEXO B e C) como participantes da rede de atenção à saúde (COSTA, 2012).

No município de São João do Triunfo, Estado do Paraná, a promulgação da Lei Municipal 1.370/11 (ANEXO B) ocorreu em 2012. Nela se reconhece a identidade coletiva dos benzedeiros e se regulariza o livre acesso às plantas medicinais por parte dos detentores de ofícios tradicionais de cura, propondo-se a construção de uma política municipal específica com acolhimento das práticas tradicionais de cura no sistema formal de saúde (SECRETARIA DA CIDADANIA E DA DIVERSIDADE CULTURAL - MINC, 2014).

Almeida (2011) relata que o projeto de lei foi inicialmente apresentado pela vereadora e também benzedeira Marta Drabeski (PSB), mas foi impedida do ato por ser ela mesma benzedeira, então o Vereador Mario Cesar da Silva (PT) assumiu a apresentação. A Câmara Municipal promulgou, enfim, a Lei n.1370/11, em 22 de fevereiro de 2012, com a seguinte súmula:

Dispõe sobre o processo de reconhecimento dos Ofícios Tradicionais de Cura, em suas distintas modalidades: benzedores (as), curadores (as), remedieiros(as), costureiros(as) de rendidura ou machucadura, massagistas tradicionais e parteiras e regulamenta o livre acesso a coleta de ervas e plantas medicinais nativas, no Município de São João do Triunfo, Paraná. (ALMEIDA, 2011)

No tocante ao município de Rebouças, também no Estado do Paraná, a Lei Municipal 1.401/2010 (ANEXO C), foi sancionada pelo prefeito Luiz Everaldo Zak (PT). Rebouças foi o primeiro município do país a oficializar a prática de benzedeiros, curadores, “costureiro de rendiduras” ou “machucaduras” (ALMEIDA, 2012).

Importante salientar que a origem dessas duas leis municipais envolveu um processo de lutas e reivindicações de benzedeiros e outros portadores dos conhecedores tradicionais, articuladas no Movimento Aprendiz da Sabedoria (MASA). O MASA realiza um importante trabalho de preservação e valorização cultural e realizou em 2011 um mapeamento social das benzedeiros dos municípios de São João do Triunfo e Rebouças no Paraná que:

Além de garantir a manutenção dos costumes, o projeto também é o vencedor nacional da 24ª edição do Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade, instituído pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan, na categoria Salva-guarda de Bens de Natureza Imaterial. (IPHAN, 2013)

No outro lado do Brasil, na cidade de Sobral, interior do Ceará, as benzedeiros também foram incluídas na ESF, como Agentes Não Formais de Cura (ANFS) contribuindo para a redução de casos de Hanseníase e Tuberculose no município e, ao mesmo tempo, sendo valorizadas enquanto pertencentes à cultura local (COSTA, 2009).

A contribuição deste estudo está na possibilidade de levantar primeiras incursões sobre as benzedeiros, abrindo espaço para que, no futuro, a partir da compreensão das práticas das mesmas, seja possível avaliar em relação à Região de Saúde de Maruípe, e por extensão ao município de Vitória - ES [e aos demais municípios do

estado do Espírito Santo], de que forma essas mulheres que exercem a arte de curar podem integrar a ESF, assim como já vem acontecendo em outros municípios brasileiros.

## **2- OBJETIVO**

### **Objetivo Geral**

Conhecer as benzedeadas da Área de Saúde de Maruípe e suas práticas de cura.

### **Objetivos Específicos**

Identificar as benzedeadas;

Conhecer suas histórias de vida e,

Explorar o interesse das mesmas em articularem-se com os profissionais das unidades básicas de saúde locais.

### 3- CAMINHADA METODOLÓGICA

#### Cenário

O cenário deste estudo foi a Região de Saúde de Maruípe, localizada no município de Vitória – ES, que é composta por sete territórios nos quais estão situados sete USB inseridas na ESF, a saber:

USB Dr. Luís Claudio Passos, mais conhecida como Unidade de saúde Andorinhas;

USB Thomaz Tommasi, no território de Bonfim;

USB Maruípe, situada no bairro de Maruípe, um dos bairros homônimo ao território;

USB Benedito Gomes da Silva, mais conhecida como unidade de saúde Santa Martha no bairro homônimo;

USB Dr. Gilson Santos, situada no bairro da Penha;

USB de Consolação, na área de adscrição do bairro Gurigica, Consolação, Floresta e outros;

USB Tabuazeiro, mais conhecida como unidade de saúde de São Cristóvão, com a atenção voltada à saúde dos moradores do referido bairro e de Tabuazeiro.

Na busca ativa pelas benzedadeiras, tomei como referência cada uma das USB descritas, para poder contar com informações relevantes das equipes de saúde daquelas unidades.

Após realizar esse passo, entrei em contato com as sete unidades de saúde. Minha intenção era pedir auxílio aos agentes comunitários de saúde (ACS) na busca pelas benzedadeiras, afinal eles são os grandes conhecedores da população de sua área de trabalho; ao mesmo tempo, recolhia informações com os moradores dos bairros.

Foram quatro meses de busca, através de ligações telefônicas procurando contato com as ACS, encontros com moradores, remetendo a novas ligações, novos encontros, alguns exitosos, apontando a existência de benzedeiros no bairro e outros desencantadores, pois dava conta de benzedeiros que haviam falecido, ou, por várias razões descritas neste estudo, haviam abandonado a prática de benzer.

Como anteriormente descrito, a Região de Saúde de Maruípe é uma das sete regiões que constituem o município de Vitória. Neste sentido, achei por bem apresentar à parte um capítulo caracterizando o município, destacando os bairros que integram a região onde se deu o estudo.

### **Tipo de Pesquisa**

Tratou-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, cujo delineamento se deu pela cartografia.

A abordagem qualitativa consente o ponto de vista dos atores sociais, privilegiando a subjetivação entre o sujeito e o pesquisador e os significados atribuídos pelos atores num determinado contexto (TRIVIÑOS, 1987).

Do acordo com Minayo (2008), em uma pesquisa qualitativa destaca-se o processo, sendo este mais importante do que os resultados, pois não se busca uma única verdade, nem explicações causais ou generalizáveis.

Tal abordagem,

(...) se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam (MINAYO, 2008, p. 57).

## **Sujeitos do estudo**

Os sujeitos desta pesquisa foram as benzedeadas residentes na Região de Saúde de Maruípe.

## **Amostra do estudo**

Do universo de benzedeadas – impossível de ser quantificado, por ocasião deste estudo – a minha amostra foi constituída por cinco sujeitos.

A imprecisão desse universo teve como marcador os conflitos violentos que se sucederam em muitos locais do território, sob o domínio dos traficantes no período em que se deu o cultivo do material, quando nem mesmo as equipes de saúde ousavam adentrar aqueles espaços.

Uma das benzedeadas à qual tive acesso, embora me oferecesse bom acolhimento, declinou o meu chamado para participar desta investigação, dando a justificativa de estar dedicando todo o seu tempo ao cuidado de uma filha já de idade avançada. Referiu também que o peso de sua idade, no labor de cuidar da filha, tornava-a muito enfraquecida.

## **Instrumentos utilizados no cultivo do material**

Os instrumentos utilizados foram entrevistas gravadas (APÊNDICE A) e o diário de campo.

Conforme refere Lourau (1993), o diário de campo é uma escrita considerada fora do texto (entrevista transcrita), o que me possibilitou escrever as impressões e sentimentos que vivenciei.

O diário de campo, assim como as entrevistas são considerados como dispositivos, em uma leitura instituinte.

Barembliitt (2012) descreve os dispositivos como “uma montagem ou artifício produtor de inovações que gera acontecimentos e devires, atualiza virtualidade e inventa o novo radical. [...] Os dispositivos, geradores da diferença absoluta, produzem realidades alternativas e revolucionárias, que transformam o horizonte considerado do real, do possível e do impossível” (p. 147).

Trago ainda a sugestão de Guattari (1992) sobre dispositivo. Conforme ele afirma, “os dispositivos de produção de subjetividade podem existir em escala de megalópoles. Para apreender os recursos íntimos dessa produção, a poesia tem muito a ensinar” (GUATTARI, 1992, p. 33).

## **Trabalho de Campo**

O trabalho de campo se deu através do cultivo. A ideia do cultivo, segundo Kastrup (2009) foi cunhada pela primeira vez por Depraz, Varela e Vermersch, que definem o aprendizado por cultivo como aquele que “não implica a criação de uma nova

habilidade ou competência. Trata-se, aí também, de ativar uma virtualidade, de potencializar algo que ‘já estava lá’” (KASTRUP, 2009, p. 48).

A aprendizagem por cultivo se relaciona ao aprendizado da atenção do cartógrafo, já que ambos “estão lá” e a atenção, que habitualmente está voltada para o exterior, se volta para o interior, mudando a qualidade da atenção – ou sua natureza-, deixando de buscar algo definitivo e se abrindo para o encontro (KASTRUP, 2009).

Vista como um músculo, a atenção deve ser exercitada, trabalhada, e seu cultivo pelo cartógrafo propende a não torná-la rígida demais nem tão pouco flácida (KASTRUP, 2009).

O trabalho de campo do cartógrafo envolve a questão de onde pousar sua atenção (KASTRUP, 2009), e nesta pesquisa para descobrir onde pousaria minha atenção, busquei primeiramente levantar em que bairros havia benzedadeiras.

À medida que cada benzedeira ia sendo localizada, davam-se os encontros, totalizando, pois, cinco entrevistas.

Esses encontros foram agendados/ marcados de acordo com a disponibilidade das benzedadeiras, foram todos individuais e aconteceram em suas próprias moradias.

### **Tratamento do Material**

As entrevistas foram transcritas, procedendo-se em seguida a escuta das mesmas, concomitantemente com a leitura do texto. Nesse processo busquei lavrar a narrativa do estudo.

## **Análise do Material**

A análise do material se deu através da política da narratividade. Esta se refere aos dados coletados pelo pesquisador em campo, e esses produzem conhecimentos, estando articulados às políticas – tanto à política feita a partir de um poder central (Estado), quanto à surgida em arranjos locais (PASSOS; BARROS, 2009).

Esses dados surgem nos encontros, aos quais as pesquisas em saúde devem levar em conta, já que as relações que são estabelecidas entre os dados, poderão, ou não, romper com os sentidos, fazendo surgir outros impensáveis. O método cartográfico se propõe a desvelar essas relações, mapeando-as e conhecendo-as em sua complexidade (PASSOS; BARROS, 2009).

A política da narratividade nos faz pensar para além de um problema teórico, nos faz pensar na tomada de posição em relação ao mundo e a nós mesmos como um problema político (PASSOS; BARROS, 2009).

Desta forma, sob inspiração cartográfica, a pesquisa focou as práticas de resistências e as afetações que foram surgindo no exercício do campo, dando voz aos emergentes enunciados pelos sujeitos.

## **Pistas Sobre a Cartografia**

A cartografia é um método que busca acompanhar um processo, não pretendendo assim representar um objeto - é investigar um processo de produção (KASTRUP, 2009). Nesse sentido, a cartografia

acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos - sua perda de sentido - e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos. (ROLNIK, 2007, p. 23)

A cartografia contribui para articulação de saberes científicos, não científicos, culturais e tradicionais, fazendo assim a revisão de antigos paradigmas, de concepções hegemônicas, dicotômicas, dando espaço para reinvenção desses paradigmas ou até a concepção de novos saberes (ROMAGNOLI, 2009); não busca um caminho linear para atingir um fim. E em sua construção há pistas que descrevem, discutem e coletivizam a experiência do cartógrafo (KASTRUP, 2009).

Tornar-se cartógrafo exige, da parte do pesquisador, um vivenciar andarilho, tarefa bastante árdua para quem tem pés e não asas. Minha implicação nessa fase da dissertação, na tarefa da cultura, fluiu com leveza, tal como se ao invés de andar, eu voasse: um vivenciar devir<sup>1</sup> pássaro.

---

<sup>1</sup> “Devir: termo relativo à economia do desejo. Os fluxos de desejo procedem por afetos e devires, independentemente do fato de que possam ser ou não rebatido sobre pessoas, sobre imagens, sobre identificações” (GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: Cartografias do desejo**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2007). Etiqueta antropologicamente como mulher experimentei o atravessamento de coexistir com um devir- ave, no caso um pássaro.

“La paradoja de este puro devenir, con su capacidad de esquivar el presente, es la identidad infinita: identidad infinita de los sentidos a la vez, del futuro y el pasado, de la víspera y del día después, del más y del menos, de lo demasiado y lo insuficiente, de lo activo y lo pasivo, de la causa y el efecto” (DELEUZE, G. et al. **Lógica del sentido**. Barcelona: Paidós, 1994. p.9)



Fonte: <http://www.reservadosahy.com.br>

Nesse devir passarinho, e norteadada pelos passos do ato de cartografar, descritos por Kastrup (2009) – rastreio, toque, pouso e reconhecimento atento – comecei meu trabalho de campo, que se iniciou no mês de Outubro e que, por muitos acontecimentos- chuvas intensas, afastamentos para congressos, paralisações de ônibus, ora por protestos de motoristas ora por manifestações da multidão – se arrastou até Janeiro.

Eu passarinho, antes de conhecer meu local de pouso e de voo, fiz o rastreio. No decorrer da pesquisa, tentei perceber as variações de temperatura, se ali haveria água, comida, segurança, uma árvore com galhos firmes para meu descanso. Tentei sentir o campo com sua intensidade e, da mesma forma, deixei o campo agir sobre meu corpo.

E foi, nesse momento, que eu passarinho me senti tocada: meu corpo criava olhos, e via pelos gestos, via através do ouvido, via através da barriga, e o que eu enxergava e que me sensibilizava me fazia prosseguir... Foi preciso ficar atenta e sensível ao que acontecia longe de mim, longe das minhas visões, mas que - de uma forma ou de outra - afetavam todo o campo.

Depois de muito ver pelos olhos sensíveis, chegou o momento de pousar na árvore de galhos firmes, fechar todos os olhos, as janelas, e olhar para dentro. O que ficou desses olhares? Era o que tentava descobrir com o pouso. O pouso se fez necessário para que, diante de tantas visões, eu, passarinho percebesse qual realmente havia me causado afecção.

Quando reconheci aquilo que me afetava, saí do pouso. E nesse devir passinho me pus a pensar no que estaria acontecendo. Para tal, um reconhecimento atento seria necessário, ter atenção para perceber o que havia por detrás das máscaras no campo e, então, produzir conhecimento a partir daí.

Assim como o passarinho, o pesquisador se torna peça central na pesquisa. A produção de conhecimentos partirá de suas percepções, afetos, sentimentos, vividos no encontro com seu campo de estudo. Seu campo também não é neutro nem livre de influências (ROMAGNOLI, 2009).

Rolnik (2007) propõe para o pesquisador o encontro de algo que desperte o seu corpo vibrátil. Algo que irá tocá-lo de alguma forma/maneira. Este toque pode surgir de um passeio solitário, uma leitura, um cheiro, um filme, a escrita, as artes, um encontro e, até mesmo, um desencontro.

A mesma autora complementa que, para o cartógrafo, pouco importa as suas referências teóricas, teoria é sempre cartografia que vai sendo construída juntamente com as paisagens, as passagens, os encontros que acontecem no transcorrer da pesquisa (ROLNIK, 2007). Oferecendo-se como trilha para acessar o que nos força a pensar, possibilitando acompanhar o que não se curva à representação (AMADOR; FONSECA, 2009).

E o cartógrafo? Este é um antropófago. Vivendo de expropriar, apropriar, devorar e desovar, transvalorando, buscando alimento para suas cartografias (ROLNIK, 2007), enquanto sua produção de conhecimento se dará a partir de sua implicação, aquilo que o implica politicamente (PASSOS; BARROS, 2007).

## Aspectos Éticos

O projeto foi apresentado à Secretaria Municipal de Vitória para anuência e, a seguir, submetido à Plataforma Brasil onde obteve a aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) do Centro de Ciências da Saúde desta Universidade sob Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) número: 11347613.0.0000.5060 (Anexo A).

De acordo com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice B), todas as cinco benzedeadas foram esclarecidas a respeito da natureza acadêmica do estudo, seus objetivos e a preservação de suas identidades. Estando em concordância com o termo, procedeu-se a assinatura do mesmo em duas vias, uma das quais ficou em posse delas.

Os nomes das benzedeadas foram substituídos por letras do alfabeto grego e os nomes dos Territórios de Saúde – bem como os bairros que os compõem- foram substituídos por letras do alfabeto latino.

Assim posto, as cinco benzedeadas foram referidas no texto pelas seguintes letras gregas.

$\beta$  - Beta

$\Delta$  - Delta

$\zeta$  - Zeta

$\Sigma$  - Sigma

$\omega$  - Ômega

Os bairros ou territórios, por sua vez, foram referidos no texto pelas seguintes letras latinas: A, B, C, D, E, F e G.

Minha intenção, até mesmo com o objetivo de preservação da memória destas benzedeadas, era o de fotografá-las. Todas, no entanto, se esquivaram ao meu

convite para o registro fotográfico. Os motivos de recusa das mesmas serão explicados no transcorrer do texto.

#### 4- MUNICÍPIO DE VITÓRIA

O município de Vitória, fundado em 1535, primitivamente era formado por um arquipélago composto por 33 ilhas, sendo que ao longo dos anos vários planos de desenvolvimento urbano, descaracterizaram a topografia local, com a anexação de Vitória, ilha principal, através de aterro, a muitas outras tais como: a ilha de Santa Maria, a Ilha do Príncipe e a Ilha das Caieiras.

O município possui, além da ilha principal que o denomina, cuja área é de 29.37 km<sup>2</sup>, uma parte continental, situada ao Norte, com extensão de 34.35 km<sup>2</sup>, além de integrar em seu território municipal as Ilhas Oceânicas de Trindade e o Arquipélago de Martin Vaz, situadas a 1.140 km da costa, com área de 10.92 km<sup>2</sup> (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 a).

Além desses espaços, Vitória possui diversas ilhas menores no seu entorno, que são santuários de reprodução de pássaros, que juntamente com sua baía compõe seu território de 98.194 km<sup>2</sup>. Sua extensão territorial limita-se ao Norte com o município de Serra, ao Sul com Vila Velha, a Oeste com Cariacica e a Leste com o Oceano Atlântico (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 a).

Circundado pela Baía de Vitória e pelo estuário formado pelos rios Santa Maria, Marinho, Bubu e Aribiri, o município apresenta, além de suas ilhas, encostas, enseadas, mangues e praias, elementos de grande recurso paisagístico (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 b). Vitória possui uma “posição privilegiada para superintender, como capital e porto, os destinos políticos e econômicos” (DERENZI, 1995 p. 13) do Estado do Espírito Santo.

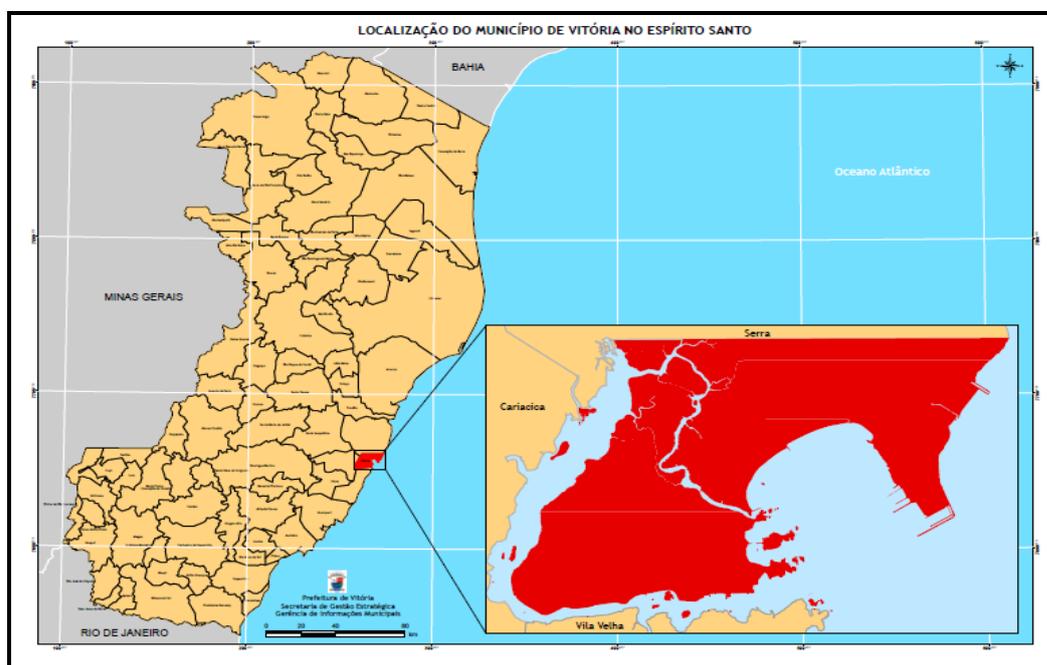
Vitória é singular por suas belezas naturais, suas paisagens encantam a quem chega, quer seja de avião, de navio ou pela via terrestre. Sete pontes interligam a Ilha de Vitória ao continente, e, com suas tradições culturais – assim como o congo e a panela de barro- é um destino turístico em ascensão, possuindo um espaço

territorial propício para eventos e negócios, destacando-se para a realização de esportes náuticos (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 b).

A capital do Espírito Santo possui, conforme a estimativa de população do IBGE (2013a), 348.265 habitantes e é o centro da Região Metropolitana, que congrega mais seis municípios - Cariacica, Fundão, Guarapari, Serra, Vila Velha e Viana – totalizando uma população estimada em 1,857 milhão (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 b).

Vitória integra o conjunto dos setenta e oito municípios do Estado do Espírito Santo. O Mapa 01 mostra a posição geográfica do município em relação aos (77) outros setenta e sete municípios que compõem o estado Espírito Santo.

Mapa 01 – Localização do município de Vitória no Espírito Santo.



Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 c.

## Histórico

A história da capital Vitória se inicia no segundo quartel do século XVI, assim que a carta régia de 1º de janeiro de 1534 chega às mãos de Vasco Fernandes Coutinho, em Portugal. Esta carta tornava-o donatário de uma das capitanias na costa brasileira (IBGE, 2013 b).

Vasco Fernandes Coutinho reuniu em torno de sessenta homens, entre fidalgos, criados Del Rei, e também aqueles que deveriam cumprir suas penitências. Com uma caravela de quatro mastros, o fidalgo Vasco Fernandes parte em direção ao Ocidente, para se apossar de sua donatária de cinquenta léguas de terra na dita costa do Brasil (IBGE, 2013 b).

No dia 23 de maio de 1535, a nau Glória, orientando-se pela serra do Mestre Álvaro, atravessou a barra da baía, ancorando numa pequena enseada situada à esquerda, nas fraldas do morro da Penha, ao norte do morro de João Moreno. O fidalgo lusitano tomou posse de sua capitania, dando para aquela terra o nome de Espírito Santo, em vista da celebração da festa do Divino Espírito Santo, nesta mesma data (IBGE, 2013 b).

O donatário, logo ao desembarcar no continente, ordenou que cada um construísse sua morada, surgindo assim o primeiro núcleo europeu no Espírito Santo (DERENZI, 1995, p. 15).

A capitania de Vasco Fernandes Coutinho era considerada um refúgio para os colonizadores portugueses, que chegavam cansados de muitas batalhas, por possuir fontes de água potável e melhores condições de segurança. Mas a história da capital passa por lutas e disputas de território, com o aborígine que insistia em repelir do continente os portugueses colonizadores (DERENZE, 1995, p. 15).

No dia 08 de setembro de 1551, os índios invadiram o povoado iniciando uma marcha violenta rumo ao centro colonizado. Os colonos, por sua vez, enfrentaram os índios, derrotando-os, fato que os exploradores portugueses comemoraram com uma grande festa. A partir dessa data, a ilha passa a se chamar Vila da Vitória.

Elevada à categoria de cidade pela Lei de 17 de março de 1823, a província passa a ser chamada apenas de Vitória (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 d).

Nos 300 anos iniciais de sua história, Vitória foi uma vila-porto, tendo enfrentado europeus atrás de açúcar e de pau-brasil. Em meio ao pequeno núcleo urbano de feição nitidamente colonial, havia "capixabas" – roças, na língua dos índios - expressão que acabou servindo para denominar os habitantes da ilha e, posteriormente, todos os espírito-santenses (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 d).

A emancipação política do município ocorreu em 24 de fevereiro de 1823, quando um Decreto-Lei Imperial concedeu Fórum de Cidade a Vitória. Os índios chamavam a Ilha de Vitória de Guanaaní ou "Ilha do Mel", pela amenidade do clima e pela beleza de sua geografia, com a baía de águas viscosas e manguezal repleto de moluscos, peixes, pássaros e muita vida (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 d).

No século XX, em função da ocupação dos morros, que refletem as luzes das casas nas águas da baía, Vitória passou a ser chamada de "Cidade Presépio do Brasil" e depois "Delícia de Ilha". A partir de meados daquele mesmo século, a cidade se transformou, em função das mudanças econômicas ocorridas no estado do Espírito Santo. A ocupação urbana se estendeu por grande parte da ilha e avançou, definitivamente, em direção à porção continental do município (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 d).

Vitória é a cidade mais arborizada do Espírito Santo. São 91 metros quadrados de área verde por habitante, distribuídos em recantos de lazer e áreas de preservação ambiental. Seus ecossistemas abrigam centenas de espécies da flora e da fauna que contribuem para a qualidade de vida dos moradores. Segundo a ONU, a cidade está em quarto lugar no ranking de onde melhor se vive no Brasil (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 e).

## **Organização territorial do Sistema Municipal de Saúde de Vitória**

O Sistema Municipal de Saúde de Vitória se organiza sobre bases territoriais, onde a distribuição dos serviços segue uma lógica de delimitação de áreas de abrangência (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 e).

Essas bases territoriais, conhecidas como território de saúde, vão além de espaço delimitado geograficamente, pois suas fronteiras são porosas. O território de saúde possui suas peculiaridades, suas características, modo de viver, suas transformações e cultura, e é o cenário de atuação dos diversos atores sociais (FIGUEIREDO, SIMÕES e BONALDI, 2011).

O objetivo dos territórios é prevenir riscos e evitar danos à saúde, a partir de um diagnóstico da situação e das condições de vida de populações em áreas delimitadas. Na territorialização da Saúde, Vitória se divide em 06 Regiões e 27 Territórios de Saúde (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 e).

Mapa 02- A regionalização de saúde em Vitória



Fonte: PREFEITURA DE VITÓRIA, 2013 e<sup>2</sup>

### A Região De Saúde De Maruípe

A pesquisa tem como cenário de estudo a região de saúde de Maruípe, que compreende 18 bairros: Maruípe, Da Penha, Bonfim, Gurigica, Consolação, Horto, Itararé, Joana D'Arc, São Benedito, Santa Cecília, Santa Martha, Santos Dumont, São Cristovão, Tabuazeiro, Andorinhas, Bairro de Lourdes, Bonfim, que se distribuem em 06 Territórios de Saúde: Maruípe, Consolação, Bairro da Penha, Bonfim, Andorinhas e Santa Marta (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013e).

<sup>2</sup> O mapa disponível da regionalização do município de Vitória ainda não incluiu na Região de Maruípe a UBS de Tabuazeiro, razão pela qual na referida região consta apenas seis UBS.

A origem desses bairros remonta da antiga Fazenda Jucutuquara (em tupi guarani significa "pedra com buraco na ponta" ou "pássaro de buraco de pedra"), que pertencia aos padres da Companhia de Jesus. Com a expulsão dos Jesuítas, o comerciante Gonçalo Pereira Pinto adquiriu a fazenda que ia do morro da Capixaba à Ponta de Tubarão e era produtora de mandioca, cana-de açúcar, algodão, mamona, cereais, hortifrutigranjeiros e café (SEFAZ, 2013 a).

No final do século XVIII, a filha de Gonçalo, Francisca Sampaio Porto, casou-se com o capitão-mor Francisco Pinto Homem de Azevedo, que recebeu a Fazenda Jucutuquara como dote de casamento (MORRO DO MORENO, 2013)

A filha do casal e herdeira da fazenda casou-se com o coronel Monjardim, tendo um filho chamado Alfeu Adolfo Monjardim de Andrade e Almeida, que foi agraciado com o título de Barão de Monjardim (SEFAZ, 2013 b).

Em 1924, após a morte do Barão de Monjardim, a fazenda foi desmembrada e denominada Vila de Monjardim, Chácara Barão de Monjardim e/ou Solar ou Chácara Monjardim (MORRO DO MORENO, 2013).

A área de Maruípe originou-se dessas terras, recebendo este nome devido a um mosquito abundante naquela época. Ali, onde no passado era um local ermo, que abrigava o Sanatório Getúlio Vargas para tratamento de tuberculosos, foi implantado o curso de Odontologia e depois o de Medicina. Posteriormente, o Sanatório foi incorporado à Universidade, tornando-se um hospital geral, denominado Hospital das Clínicas, hoje Hospital Universitário Cassiano Antônio de Moraes (HUCAM).

## Os Bairros da Região de Saúde de Maruípe

### Joana D'Arc

O bairro Joana D'arc, localizado na região da Grande Maruípe, às margens da Av. Serafim Derenze, faz limite com os bairros Santa Martha, São Cristóvão, Resistência e ao norte com a Estação Ecológica Ilha do Lameirão. Possui uma área de 280.000m<sup>2</sup> sendo sua população distribuída entre o morro, a baixada e o mangue. O nome Joana D'arc foi uma forma de homenagear a antiga proprietária da região, que se chamava Joana (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 f).

A ocupação da área de Joana D'arc deu-se, efetivamente, em três momentos, que podem ser registrados dentro das décadas de 60, 70 e 80. Tais momentos são, respectivamente: loteamento, invasão pacífica e invasão conflituosa com histórico de resistência (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 f).

A década de 60 foi marcada pelas primeiras ocupações do bairro, quando a imobiliária São José adquiriu, através de compra, a fazenda "Da Menininha", localizada na área de baixada da região de Maruípe. A fazenda foi loteada e comercializada de forma dispersa (em condições precárias, sem nenhuma infraestrutura) ao longo de uma trilha construída pelos próprios moradores. Esta trilha deu origem a principal rua do bairro, a Rua Leopoldo Nunes do Amaral (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 f).

Outro nome importante a ser lembrado é o do senhor Lídio, um dos primeiros moradores do bairro, proprietário de pequenas embarcações pesqueiras, que fortalecia o comércio local e ajudava aos mais necessitados, quando a pesca era farta (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 f).

A maioria dos moradores do bairro eram pessoas de baixa renda, o qual tratavam de adquirir seus lotes, através de compra, buscando possuir casa própria e possível

melhoria de vida. Migravam de bairros vizinhos, do interior do Espírito Santo, bem como do Estado de Minas Gerais e do sul da Bahia (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 f).

Além da oportunidade de moradia, o bairro ainda oferecia um mangue em bom estado de conservação, uma importante fonte de alimentos e recursos financeiros para boa parte da população. Devido a esses fatores, começou então a ocupação desordenada do espaço, resultando na degradação do mangue (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 f).

A carência da região em infraestrutura básica e urbana se tornou motivo para que os moradores começassem a ser organizar em redes de solidariedade, fortalecendo a cooperação entre vizinhos, buscando a partir daí soluções mais imediatas para problemas cotidianos e comunitários (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 f).

Na década de 70 já havia uma desaceleração das vendas dos lotes no bairro, dando-se início à ocupação da área de manguezal que margeava o loteamento existente. Tal ocupação deu-se de forma organizada. Pensando no futuro, os primeiros moradores tiveram a preocupação de reservar espaços para a construção de estabelecimentos de ensino, igreja católica, equipamentos comunitários e abertura de ruas (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 f).

No início, as condições de vida eram extremamente precárias e a maioria da população se alojava em pequenos barracos na área que avançava no manguezal, em um crescente aglomerado de palafitas. Os ocupantes vindos de bairros vizinhos, interior do Estado e de Estados vizinhos, mantiveram o perfil daqueles que já moravam na região e juntos multiplicaram a situação de pobreza que predominava na comunidade (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 f).

Os primeiros moradores “apropriaram-se” de grandes áreas pertencentes à União, utilizando-se de cercas para identificarem e protegerem suas “propriedades”. Neste ciclo de ocupação, inicia-se o processo de especulação imobiliária praticado pelos próprios invasores (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 f).

O avanço do processo de terraplanagem e a construção de barracos no mangue consolidaram e intensificaram cada vez mais a aglomeração da área. Neste

contexto, a referência maior da comunidade, o Porto de Canoas, passou a deslocar-se do local natural de ancoragem, afastando-se à medida que a região agregava novos moradores (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 f).

Na época, as condições de precariedade da região expressavam a própria situação de miséria da população local. A maior parte das famílias sobrevivia através da pesca, em especial a de mariscos, e do trabalho na construção civil (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 f).

Em 1975, instalaram-se, na área, empresas que incrementaram um pequeno crescimento socioeconômico no bairro, com o surgimento de pontos de comércio como vendas e bares, além de gerar empregos para os moradores. Ao mesmo tempo em que as empresas traziam vários benefícios para os moradores do bairro, elas também atuaram como fonte de insegurança e de problemas ambientais (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 f).

A evolução dos aterros passou a exigir a instalação de infraestrutura básica em uma ampla extensão da região, que até então era mangue. As obras ocorreram gradativamente, de acordo com a ocupação da área. Na época não existiam vias de acesso; além da rua principal, por onde circulava precariamente o transporte coletivo, havia diversos becos e atalhos que conectavam os diferentes setores da região (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 f).

A década de 70 foi marcada por uma maior participação dos moradores em processos organizacionais para reivindicar serviços junto aos órgãos públicos. Não havia uma organização comunitária formal, mas algumas pessoas já se destacavam nestas manifestações coletivas reivindicatórias, iniciando, inclusive o estabelecimento de alianças com candidatos políticos e/ou partidos políticos, uma vez que não eram atendidos devidamente pela Prefeitura (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 f).

No início dos anos 80, o bairro estava sendo atendido com a implantação de alguns serviços urbanos como água, energia elétrica, rede de esgoto e a construção de uma escola. Mesmo não atendendo à toda população, as melhorias estabelecidas na comunidade tornaram-se atrativos para a expansão e um novo tipo de ocupação do bairro (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 f).

Então, a aglomeração expandiu-se para a região conhecida como “Mangue Seco”. Uma ocupação mais recente, que ocorreu de forma lenta e conflituosa, em condições ainda mais precárias (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 f).

De início “Mangue Seco” foi denominada como “Pingo D’água”, devido à escassez de água na zona recém-habitada. Com o alargamento da ocupação, a região passou a ser chamada de Mangue Seco, denominação decorrente das características naturais da área, que era arenosa, possibilitando aos moradores caminhar no mangue sem afundar (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 f).

Os primeiros ocupantes iniciaram o aterro do mangue para a construção de barracos. Esta fase caracterizou-se pela forma conflituosa e com resistência à ação policial, que regularmente interferia no processo de aterro e/ou construções de barracos que estavam tentando se instalar no local (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 f).

A intervenção policial surgiu não pela preocupação em manter as condições ambientais da área, mas sim porque um morador do bairro Santa Martha afirmou ser o proprietário da área de manguezal, localizada nas adjacências do bairro mencionado. Nesta fase, os poucos moradores que resistiam à ação dos policiais, terminavam encarcerados, mas, libertos, retomavam o processo de ocupação e a reconstrução das casas, até que a polícia entrasse em cena novamente (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 f).

Foram intensos os conflitos no início da ocupação, chegando ao fim quando a Marinha se posiciona quanto à legalidade da área (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 f).

Com o final dos conflitos, em 1985 ,os novos moradores consolidaram-se no bairro, sendo que alguns estabelecem as mesmas relações de especulação imobiliária, registrada na década anterior (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 f).

A expansão, nesta última fase, aumentou as condições de miséria da região. As cercas passaram a compor a paisagem, permeando pequenos barracos de madeira ou materiais improvisados de lona ou de plástico. As palafitas se projetavam desordenadamente sobre o mangue, em ocupação indiscriminada, comprometendo as condições naturais do meio ambiente. Gradativamente, as palafitas foram

recebendo pequenos aterros, prosseguindo o avanço das ocupações no mangue (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 f).

As primeiras famílias que se estabeleceram em Mangue Seco eram, em geral, constituídas de desempregados, em busca de um lugar para sobreviver. A disponibilidade da região do mangue passou a ser uma opção de moradia, sendo efetivada através de aterros. A terra utilizada era adquirida na parte alta do morro Santa Martha, de difícil transporte. O processo de aterro, neste período, durou cinco anos (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 f).

Predominava uma condição de precariedade absoluta, nas habitações em 1985. No local não tinha comércio, o posto de saúde e a escola que serviam à comunidade estavam situados em bairro vizinho. A partir da década de 90, os novos moradores passaram a aterrar o mangue com cascalho e entulho, prática interrompida devido as orientações de conscientização e preservação da natureza (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 f)

A panela de barro, um dos símbolos de Vitória, é também um Patrimônio Cultural Imaterial. Sua produção artesanal é uma das maiores expressões culturais do município e também do Estado do Espírito Santo. A técnica na produção, assim como a estrutura social das artesãs, pouco mudou em mais de 400 anos, desde quando era produzida pelas tribos indígenas. Devido à tradição, pratos típicos capixabas como a Moqueca Capixaba e a Torta Capixaba somente são servidos nas panelas de barro (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 g). A matéria prima para produção da panela de barro é retirada do bairro Joana D`Arc.

### **São Cristóvão**

A história do bairro São Cristóvão está ligada à ocupação da região de Maruípe que se relaciona ao loteamento "Vila Maria", em "Maruhype", aos parcelamentos da

Fazenda Maruípe e às glebas pertencentes aos herdeiros do Barão Monjardim (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 h).

Em alguns livros e recortes de jornais, consta como proprietários de parte da Fazenda um nobre inglês, Mr. Bhering que, ao falecer não deixou herdeiros, passando as terras para o domínio do Estado (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 h).

À medida que a área de Maruípe foi sendo ocupada e parcelada, diminuiu progressivamente a abrangência do que se convencionou chamar Bairro Maruípe. Isto pode ser explicado pelo fato de novos parcelamentos possuírem outros nomes como Santa Cecília (ex-fazenda do Sr. Aurinho), Penha, Itararé, São Cristóvão, Tabuazeiro, entre outros (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 h).

A Lei 1649/1966 criou o bairro Santos Dumont, o lugar conhecido por Barreiros, em Maruípe, compreendido entre a Rodovia Serafim Derenzi, a Vila de Maruípe e o Cemitério da Boa Vista (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 h).

## **Andorinhas**

O bairro Andorinhas localiza-se às margens do Canal de Camburi, próximo à ponte da passagem. Neste local, no início dos anos 60, ocorreu um processo de ocupação no manguezal existente, que culminou em um aglomerado de barracos e palafitas, orlando as margens do Canal da Passagem (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 i).

O manguezal invadido, de propriedade da Marinha, recebeu o nome de Andorinhas em função da existência de uma pedra às margens do mangue, onde frequentemente pousavam muitas andorinhas, que inclusive já faziam parte da paisagem ambiental da área (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 i).

A ocupação se deu de forma desordenada, provocando a descaracterização do ambiente natural do mangue, sendo posteriormente urbanizada sem planejamento e organização (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 i).

As invasões tiveram início na década de 60, quando os primeiros ocupantes delimitaram seu espaço no mangue através de um aterro bem próximo ao Canal da Passagem, do lado oposto ao campus universitário. Surgiu no local um grande número de barracos e palafitas que ganharam espaço às margens do mangue (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 i).

O mangue passou a alojar os muitos migrantes do interior do Estado, do norte de Minas Gerais e do sul da Bahia, que chegavam à cidade em busca de trabalho e melhores condições de vida (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 i).

As primeiras moradias eram de madeira, construídas precariamente pelos moradores: os primeiros delimitavam seu terreno e, posteriormente, efetuavam o aterro (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 i).

## **Bairro Da Penha**

O Bairro da Penha tem por limites os bairros Itararé e Bonfim. A origem do nome da Penha deve-se ao fato de que muitos moradores eram devotos de Nossa Senhora da Penha. No início da ocupação era chamado de “Morro do Teimoso” porque, quando a Prefeitura Municipal de Vitória começou a urbanizar a área, algumas casas situadas em áreas de risco foram retiradas e os moradores “teimosos” retornavam constantemente (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 j).

A área em que se localiza o Bairro da Penha pertencia à Fazenda Maruípe. Foi doada à Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e, posteriormente, ao Município. Inicialmente era coberto por vegetação construída por espécies arbóreas

médias ou baixas gramíneas forrageiras. Havia plantações de cana-de-açúcar e aipim no alto do Morro (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 j).

A ocupação inicial se deu na década de 50 e foi feita através de invasões pacíficas orientadas pelo Sargento Carioca (Sr. Arcendino Fagundes de Aguiar), considerado uma liderança pelos moradores. Este líder era quem demarcava e indicava os lotes a serem ocupados, orientando os assentamentos. Era considerado o “Xerife” da localidade, devido à sua postura autoritária. Era também muito conhecido na região pelo incentivo que dava aos processos de invasão, sendo a referência maior para as pessoas que queriam se instalar no local, tanto para migrantes (vindos do interior do Estado, de Minas Gerais, Rio e Bahia) como para os moradores das proximidades (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 j).

A ocupação iniciou-se na parte baixa, devido à maior facilidade de acesso à água, luz, transporte, alcançando posteriormente a parte alta. Na época inicial, havia uma grande divisão dentro do bairro. Eram territórios delimitados pela atual Rua Ariobaldo Bandeira. Os moradores não podiam ultrapassar os limites demarcados do seu território. Aos poucos, essa barreira foi se desfazendo (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 j).

Hoje, com o adensamento da área, a demarcação inicial deixou de existir. Porém, na época, esse fato foi causador de organizações de grupos e, conseqüentemente, de muitos desentendimentos locais (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 j).

O perfil inicial da comunidade era de muita pobreza, as casas eram de estuque ou de madeira, cobertas por folhas de coqueiro ou palha. Aos poucos foram construídos barracos de madeira, localizados na parte alta do morro e casas de alvenaria na parte baixa (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 j).

## Consolação

O bairro Consolação está localizado nas mediações da Av. Marechal Campos próximo aos bairros São Benedito, Bairro da Penha e Gurigica. O início da ocupação se deu em 1949, na área da “Fazenda Maruípe” (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITORIA, 2013 k).

Esta fazenda ocupava uma área baixa de antigos mangues e parte dos morros Grande e da Penha. A ocupação se deu de forma espontânea, com estabelecimento de algumas famílias migrantes vindas do norte do Espírito Santo. Os motivos para chegarem ao bairro estão relacionados à falta de trabalho no campo e à necessidade de “habitação própria”, diante da impossibilidade de renda para pagar o aluguel. Nesta fase inicial, uniram-se aos migrantes famílias vindas de outros bairros de Vitória e dos municípios vizinhos, que também não tinham onde morar (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITORIA, 2013 k).

A região era conhecida como “Baixada da Égua”, uma vez que havia no local um criadouro de éguas e predominava uma grande circulação desses animais. Posteriormente passou a denominar-se Gurigica. Em consequência do crescimento, o bairro passou a ser dividido em 02 (dois): Gurigica de Dentro e Gurigica de Fora (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITORIA, 2013 k).

No final dos anos 70, uma lei municipal unificou as duas Gurigica com o nome de Consolação, em referência à Igreja Nossa Senhora da Consolação, localizada no bairro, sendo a Santa padroeira local. Os moradores de Gurigica de Fora aderiram ao novo nome, enquanto os de Gurigica de Dentro, simplificaram para Gurigica passando, então, a predominar os dois nomes, enquanto a parte mais alta do morro ficou conhecida como Alto Consolação (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITORIA, 2013 k).

Os primeiros assentamentos ocorreram na região do manguezal, espalhando-se às áreas próximas. Ali se estabeleceu uma favela de habitações subnormais, onde qualquer material servia para a construção de barracos (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITORIA, 2013 k).

Nesta época, os moradores sofriam repressão da polícia que tentava impedir a invasão por ser a área de propriedade da União. Em função da ação policial, a estratégia de alguns moradores era montar os barracos fora da área do manguezal e depois transportá-lo para o lugar desejável. Durante três anos, os moradores permaneceram nesta situação, quando então chegou ao local o Sargento Carioca, que passou a liderar as ocupações e a orientar a demarcação dos lotes, distribuindo gratuitamente à população (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITORIA, 2013 k).

Com a aparente organização no processo dos assentamentos, os moradores começaram também o aterro do mangue, com material proveniente de abertura de ruas, escavações e refugo de construção em geral. Durante a consolidação, cada reivindicação era uma luta. Começando pela "posse da terra", passando pelo aterro do mangue, até a construção dos barracos (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITORIA, 2013 k).

As condições de habitação eram precárias, a luz era de lamparina. Com relação ao abastecimento de água, os moradores tinham apenas 03 (três) alternativas: uma torneira comunitária, um poço e um chafariz. Viviam em função dessas referências que chamavam "fontes de águas". O transporte das latas d'água para as partes altas do morro era extremamente precário, prevalecendo uma situação de miséria absoluta, que permaneceu ao longo dos anos 60 (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITORIA, 2013 k).

Nesta mesma época, a ocupação passa a tomar forma de aglomeração com a vinda de novos moradores, quase todos migrantes. No começo dos anos 80, quando o bairro estava começando a se estruturar melhor, a ocupação passa por um novo processo de expansão, com a chegada de migrantes do sul da Bahia, norte do Rio de Janeiro e norte de Minas Gerais (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITORIA, 2013 k).

## **Bonfim**

O bairro Bonfim localiza-se na região da Grande Maruípe, entre as Av. Marechal Campos e Av. Maruípe. Sua ocupação ocorreu inicialmente na parte baixa, hoje a área mais consolidada. Seus primeiros habitantes vieram para o bairro do norte do Estado, em busca de escola para seus filhos e de tratamento de saúde (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITORIA, 2013 I).

No início dos anos 50 já se evidenciava, no local, formas de ocupação diferenciada. Algumas pessoas comprando lotes de antigos invasores e outras demarcando lotes e estabelecendo barracos, no sentido de garantir a posse da terra. Este processo de ocupação avançou para a parte mais alta do morro, exigindo por parte dos moradores a abertura de caminhos para realizar os assentamentos no local (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITORIA, 2013 I).

O espaço foi demarcado em lotes grandes e em vários lotes pequenos, que foram doados e/ou vendidos para os ocupantes posteriores. No início da ocupação, o bairro recebeu o nome de Morro do Teimoso, porque os moradores iam ocupando e construindo os barracos e a polícia ia desmanchando. Os moradores insistiam e retornavam a construção (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITORIA, 2013 I).

Superada esta fase teve seu nome alterado para Morro do Martelo, que também tem origem em uma ação de proteção do espaço, ou seja, os moradores ficavam batendo o martelo na madeira a noite toda, para afastarem outros invasores. Finalmente o Bairro Bonfim, recebeu este nome por sugestão de um migrante baiano, que sugeriu homenagear o padroeiro de sua terra natal: Nosso Senhor do Bonfim. Assim, este nome foi legitimado por todos (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITORIA, 2013 I).

O Morro do Bonfim é densamente povoado e em todos os seus limites apresenta uma aglomeração em desalinho de ruas e casas que expressam sua situação ambiental (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITORIA, 2013 I).

## **Tabuazeiro**

A área se divide em Tabuazeiro de Fora e de Dentro, devido à existência da chácara de propriedade de Vicente Oliveira, que separa as duas porções. Tabuazeiro de Dentro compreende uma parte de morro e Tabuazeiro de Fora está mais próxima à Avenida Maruípe (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITORIA, 2013 m).

Tabuazeiro surgiu basicamente da divisão de três fazendas: a dos Pereira, a dos Figueiredo, e da Fazenda do Sr.Bhering. Mister Bhering possuía uma parcela da antiga fazenda Maruípe e por não ter herdeiros doou sua fazenda ao Estado (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITORIA, 2013 m).

As invasões na área do Estado ocorreram na década de 50 e se aceleraram na década de 70. Em 1959, foi inaugurada a primeira linha de ônibus, com apenas um veículo (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITORIA, 2013 m).

O nome do bairro vem de uma árvore conhecida como Tabuá, que dava pequenos frutos de sabor ácido, semelhantes ao cajá-mirim, que é doce. As árvores, os tabuazeiros, faziam parte da paisagem das fazendas existentes no local (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITORIA, 2013 m).

## **Santa Martha**

O bairro Santa Martha está situado próximo à Av. Maruípe e a Av. Serafim Derenze, bem como dos bairros Joana D'arc, Andorinhas, Maruípe, São Cristóvão, Itararé e outros. O terreno, hoje ocupado pelo bairro Santa Martha, era conhecido como Fazenda de Maruípe (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITORIA, 2013 n).

Sua ocupação é antiga, data das primeiras décadas do início deste século, mais precisamente dos anos 30. Os primeiros moradores (já falecidos) foram homenageados com nomes de ruas, escadarias e praças da comunidade. (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITORIA, 2013 n).

No início, o bairro era conhecido pelo nome de Mulembar, devido a existência de uma árvore enorme, situada na parte alta, o mulembazeiro. Contam os moradores mais antigos que o pé de mulembar representava a "casa do demônio" e que de lá saíam bichos e sacis fazendo com que o bairro não progredisse. Essa lenda gerava em alguns moradores o desejo de mudança de nome do bairro. Tal fato aconteceu em 1958, quando do início da construção da Igreja Católica e da doação para o templo da imagem de Santa Martha por uma moradora (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITORIA, 2013 n).

A ocupação foi se dando lentamente, com os primeiros moradores construindo seus domicílios, principalmente, na parte baixa do bairro. O fato de a ocupação ter se dado de forma mais intensa, na parte baixa do bairro, deve-se à proximidade deste com a Av. Maruípe e a Rodovia Serafim Derenze, possibilitando aos moradores maior facilidade de deslocamento e de acesso à cidade e seus serviços (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITORIA, 2013 n).

Tratando-se da origem da população do bairro, os moradores mais antigos abandonaram outras áreas de Vitória, em busca de espaços vazios onde pudessem construir suas casas e transformarem-se em proprietários. A partir dos anos 60, ocorreu um movimento de migrantes vindos do interior do Estado, especificamente dos municípios de Guaçuí, Colatina, João Neiva, seguindo-se de um grande fluxo interbairros, principalmente dos bairros vizinhos como São Cristóvão, Caratoíra, Maruípe, Tabuazeiro e Goiabeiras, registrando-se também a chegada de pessoas dos Estados de Rio de Janeiro e Sergipe (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITORIA, 2013 n).

Os motivos que os trouxeram para o bairro foram a busca de moradia própria, de tratamento médico, prestar serviços à Polícia Militar e o trabalho na construção civil, na mineradora e no Porto de Vitória. Importante destacar que o estabelecimento do Quartel da Polícia Militar, em Maruípe, passou a atrair a população, ampliando a ocupação da área (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITORIA, 2013 n).

Algumas pessoas se instalaram na região tentando obter a posse da terra. Outras começaram a comprar lotes perto do quartel, ou adquiriram terreno através de requerimento de posse junto ao Governo do Estado ou, ainda, compraram o terreno de terceiros (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITORIA, 2013 n).

Este quadro retrata períodos e situações distintas na ocupação do bairro, a saber: no início foi invasão, posteriormente o Estado loteou ou passou a posse da terra aos moradores que a requereram, objetivando a legalização da posse, junto à Prefeitura Municipal de Vitória. Outros compraram os terrenos dos primeiros ocupantes da área (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITORIA, 2013 n).

Devido à origem da ocupação dos terrenos, poucos possuem as escrituras dos lotes, a grande maioria dos moradores têm apenas os recibos de compra dos terrenos e o IPTU da PMV (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITORIA, 2013 n).

As melhorias urbanas ocorridas em Santa Martha devem-se à influência do Quartel da Polícia Militar, próximo ao bairro. Diante das precariedades da região, o Governo do Estado precisou criar uma pré-urbanização mínima, para atender às necessidades do Quartel, e também às exigências de trabalho dos policiais que atuavam na área. A urbanização da área do Quartel e arredores passou a representar prosperidade para o local e, conseqüentemente, atraiu novos moradores, dando início a expansão da aglomeração, que passou a ocupar os espaços vazios da região (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITORIA, 2013 n).

### **Santos Dumont**

Santos Dumont surgiu de terrenos aforados pela PMV em 1942 que, posteriormente, foi loteado a partir da área próxima à Avenida Marechal Campos (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITORIA, 2013 o).

Trata-se de um bairro fronteiro ao CCS-UFES - um lado da rua é o bairro, no outro lado está o CCS.

### **Santa Cecilia**

Em 1963, o prefeito Solon Borges Marques reconheceu, através da Lei 1076/63, o loteamento da fazenda de Áureo Monjardim (Sr. Aurinho), na época localizada em Maruípe, como Bairro de Santa Cecília (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 p).

Trata-se também de um bairro fronteiro ao CCS-UFES.

### **São Benedito**

O bairro de São Benedito encontra-se entre os Bairros da Penha, Consolação, Bonfim e Itararé. Tem como limites as avenidas: ao norte Maruípe, ao sul Vitória, a leste Marechal Campos e ao oeste Leitão da Silva (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 q).

A ocupação no bairro ocorreu no início da década de 60, com a liderança do Sargento Carioca. Nesta área a tática de ocupação foi inicialmente o agrupamento de pessoas para iniciar os assentamentos. O Sargento Carioca reuniu um grupo de pessoas para iniciar a ocupação na área de São Benedito, onde existia mato, lavoura de café e cana (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 q).

Para reunir esse grupo, o Sargento soltava fogos às 23 horas, avisando que a ocupação iria começar. Não fazia muito barulho para não despertar suspeitas. As pessoas que podiam iam ao encontro do Sargento Carioca, para ajudar na derrubada das cercas, abertura de picadas na mata, demarcação dos lotes e construção dos barracos; outras ajudavam com o café para os que estavam trabalhando e o querosene para iluminação (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 q).

Era o próprio Sargento Carioca que demarcava os lotes para as famílias que participavam do processo de ocupação. O interessante é que ele não fazia isto para o comércio, e sim para organização da ocupação (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 q).

A primeira área a ser ocupada foi onde atualmente se localiza a Praça Jair Andrade. As pessoas que se instalaram no bairro são, na sua maioria, migrantes de outros estados, principalmente de Minas Gerais e Sul da Bahia. Alguns já moravam no Espírito Santo há algum tempo, até mesmo bem próximo à região ocupada. A necessidade de fugir do aluguel fez com que muitos participassem da ocupação. Outros chegavam do interior do Estado e não, tendo onde morar, também participavam da ocupação (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 q).

Muitas dessas pessoas vieram em busca de um novo emprego, melhores condições de vida, saúde e educação para suas famílias. Em sua maioria, trabalhadores rurais expulsos do campo e atraídos pelo processo de modernização industrial que se desenvolvia na cidade de Vitória, principalmente com o surgimento da siderurgia no Estado. Essa industrialização atraiu mão-de-obra proveniente de outros Estados, provocando uma ocupação desordenada nos morros e o agravamento dos problemas urbanos do município (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 q).

A origem do nome do bairro se refere a São Benedito, devido à época da ocupação ter sido instituído pelo Sargento Carioca como padroeiro da ocupação. Neste mesmo período (1960), foi construída em regime de mutirão uma capela, onde foi colocada a imagem do Santo Padroeiro (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 q).

## Itararé

O bairro de Itararé fica localizado entre as Avenidas Maruípe e Leitão da Silva. O bairro surgiu por volta dos anos 50, em decorrência de invasões apoiadas pelo Sargento Carioca (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 r).

A ocupação de Itararé deu-se em decorrência de invasões em áreas alagadiças. A região passou por vários processos de aterros, realizados tanto pelo poder público quanto pelos moradores. A parte mais alta do bairro, situada em um morro, denomina-se Alto Itararé. A parte baixa estende-se nas proximidades da Avenida Leitão da Silva (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 r).

A área que corresponde à extensão do bairro foi cedida pela União ao Município em 1982. E o início de sua ocupação se deu na década de 50, com o estabelecimento dos primeiros assentamentos, quando algumas famílias migrantes passaram a construir barracos na parte baixa, na área onde existia um vasto manguezal, estimulando as invasões (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 r).

As invasões se davam na área de alagados, avançando em seguida as encostas do morro, em função dos alagamentos em época de chuva. A situação de precariedade aliada aos alagamentos permaneceu praticamente até o início dos anos 60 (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 r).

Na parte alta, havia diversos tipos de plantação como milho, banana, feijão, arroz, cana-de-açúcar, e outros, consideradas fonte de subsistência. O acesso à cidade era através de bondinho. Os moradores andavam até a Praia do Canto ou Jucutuquara para pegá-lo. Nos períodos de chuvas fortes, o acesso ao bairro era por canoas, que os levavam para cidade até a região onde está situado o Quartel de Maruípe (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 r).

As primeiras casas eram de sapé ou de tijolos construídos precariamente pelos moradores que, em sua maioria, haviam saído de municípios próximos à cidade, e migrantes do interior do Estado. Essas famílias se estabeleciam em áreas precárias

pela necessidade de habitação própria (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 r).

Hoje o bairro é dividido em duas áreas: Itararé (parte baixa) e Alto Itararé (parte que abrange o morro) (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 r).

## **Horto**

A região conhecida como Horto, às margens da Avenida Vitória, originou-se de dois pequenos loteamentos: um de 1959 (Ilha da Penha) e outro de 1966 (Hortícula) (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 s).

O loteamento Ilha da Palha - 1966 - de propriedade de Montza Yalon possuía uma área total de 11mil m<sup>2</sup>, tendo início na Rua Antônio Aleixo. Ele abrangia três quadras paralelas à Avenida Vitória. Quanto ao outro, Vila Hortícula, não existem dados históricos precisos (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 s).

## **Bairro de Lourdes**

O bairro tem aproximadamente 36 anos de existência e teve origem de vários loteamentos feitos na antiga Fazenda Monjardim, adquirida de Yolanda Monjardim Faria Santos (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 t).

O nome Bairro de Lourdes, segundo antigos moradores, foi uma homenagem feita por Dyonízio Abaurre, dono de uma grande área loteada em 1969, à sua esposa, Lourdes Benezath Abaurre (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 t).

### **Maruípe (propriamente dito como bairro)**

A história da ocupação da região de Maruípe está relacionada, ao loteamento de "Vila Maria", em "Maruhype," aos parcelamentos da Fazenda Maruípe e das glebas pertencentes aos herdeiros do Barão Monjardim, ao loteamento Nossa Senhora da Consolação, em Gurigica e às invasões nos morros e mangues (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 u).

Durante o Império, a fazenda pertenceu ao Dr. Inácio Accioli de Vasconcelos, ouvidor da comarca de Vitória, nomeado por D. Pedro I para o governo do estado (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 u).

Posteriormente, e devido a sua localização ser distante do Centro, foram doadas várias áreas para abrigar equipamentos públicos de grande porte: o cemitério, em 1928; o Quartel, antigo Esquadrão da Cavalaria do ES, em 1936; o Hospital dos Tuberculosos do ES, atual Hospital Universitário Cassiano Antônio Moraes, em 1951; a Estrada do Contorno e o Horto Municipal (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 u).

À medida que a área de Maruípe foi sendo ocupada e parcelada, diminuiu progressivamente a abrangência do que se convencionou chamar bairro Maruípe. Isto pode ser explicado pelo fato dos novos parcelamentos possuírem outros nomes como Santa Cecília (ex-fazenda do Sr. Aurinho), Penha, Itararé, São Cristóvão, Tabuazeiro, entre outros (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 u).

A origem do nome do bairro é atribuída ao mosquito de picada forte - Maruí de Maruim, sendo Maruípe "caminho de mosquitos". Para os moradores, era constrangedor ser identificado como habitante de uma área infestada por mosquitos (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 u).

## **Gurigica**

O bairro Gurigica está localizado nas mediações da Av. Marechal Campos, próximo aos bairros São Benedito, Bairro da Penha e Horto. Dele fazem parte as comunidades de Constantino, Floresta e Jaburu (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 v).

A trajetória da ocupação clandestina na região de Gurugica, anteriormente denominada de região de Jaburú iniciou a partir de 1945, quando ocorreram as primeiras invasões no morro, e em 1954, ano marcado pela ocupação efetiva (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 v).

Esse período é marcado pela urbanização dos antigos mangues, localizados onde hoje se encontram as Av. Vitória e Leitão da Silva. A expansão dos aterros e o avanço da urbanização começou a expulsar a população local, que foi se deslocando para encostas da Fazenda Baixada da Égua, desencadeando as primeiras invasões na região, onde hoje se localiza o Morro do Jaburu (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 v).

As invasões aconteceram inicialmente nas regiões baixas por ser de melhor acesso e próximo ao grande centro da cidade. Posteriormente, com a ocupação já acentuada na parte baixa, as encostas foram dando lugar aos assentamentos (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 v).

A família proprietária da fazenda morou no local na década de 40 e 50 e atuaram com grande energia no sentido de impedir a ocupação de suas terras, que se deu de

forma conflituosa, principalmente pelo fato da área de ocupação ser de propriedade privada. Os proprietários apelavam para a intervenção policial que atuava no sentido de impedir as ações dos posseiros. Foram sete as tentativas de invasão entre os anos de 1945 e 1954, sendo as seis primeiras impedidas por ação policial (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 v).

As ocupações aconteceram em sua maioria espontaneamente por famílias que viviam em dificuldades e não tinham onde morar. Na época, a liderança era do Sargento Carioca, que incentivava as invasões e organizava táticas de ocupação do terreno (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 v).

A ocupação definitiva da área mudou a condição legal do terreno, que de privado passou a público, e a fazenda que ocupava a região de propriedade da família Helal, passou a pertencer ao Governo do Estado do Espírito Santo. Os primeiros moradores da região do Gurigica/Jaburú, na época chamado Baixada da Égua, foram os migrantes do nordeste que chegavam à Vitória em busca de uma renda melhor. Em seguida, uniram-se aos nordestinos, pessoas pobres da cidade, de municípios próximos e do interior do Estado (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 v).

A prática de ocupação se deu com a prática de invasões noturnas como forma de desviar as ações policiais. Os moradores durante o dia atuavam como “vigias”, bloqueando a chegada da polícia, e organizavam formas de resistência. Ocupavam todos os espaços, inclusive aqueles destinados para as vias de acesso. Os acessos eram abertos pelos próprios moradores com facões e enxadas e ainda não existiam escadarias e rampas no morro (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 v).

Gurigica tinha inicialmente uma área de baixada pequena, e a parte alta com características rurais. Os avanços dos assentamentos alargou a área, e o bairro foi dividido em dois: Gurigica de Dentro e Gurigica de Fora. Na década de 70, uma lei municipal unificou as duas Gurigicas, sob a denominação de Consolação, em homenagem a N.S. da Consolação, padroeira de ambos os bairros. Os moradores de Gurigica de Fora aderiram ao novo nome, enquanto os de Gurigica de Dentro, simplificaram para Gurigica, passando então, a predominar os dois nomes (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 v).

A ocupação da parte mais alta do morro originou a comunidade de São Benedito, também conhecido como Alto Consolação. Atualmente tem-se o bairro Gurigica e o bairro Consolação (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2013 v).

## 5 - MULHERES QUE CURAM ATRAVÉS DA ORAÇÃO

Aqui começa o relato do meu cartografar - “um lançar-se na água, experimentar dispositivos, habitar um território, afinar a atenção, deslocar pontos de vista e praticar a escrita, sempre levando em conta a produção coletiva do conhecimento” (PASSOS; KASTRUP e ESCÓSSIA, 2009 contra capa).

As benzedeadas de Maruípe que encontrei nessa caminhada são todas idosas, sendo que a mais nova tem 64 anos e a mais velha 88 anos. E, bem de acordo com o que diz Oliveira (1985b), elas são humildes, mães, conhecem as rezas, as simpatias e os chás. A autora considera essas benzedeadas como cientistas populares, uma vez que são possuidoras de maneira muito peculiares de cura.

Outras interpretações a respeito das benzedeadas também sustentam esta mesma compreensão. No campo das representações sociais, conforme proposição de Moscovici (1978) as mesmas seriam detentoras de uma “ciência popular”, visto que inserida em um dos universos consensuais, contraponto aos universos reificados, nos quais circulam os saberes reconhecidos como científicos. Há de se considerar, no entanto, que a Teoria das Representações Sociais não se aplica somente ao benzimento, mas a todos os fenômenos capazes de gerar perturbação social.

A Pintura Naïf<sup>3</sup> apresentada a seguir, “A Benzedeadas”, datada de 2012, embora seja criação de uma artista que vive no Rio de Janeiro, poderia ter sido produzida por uma artista capixaba, pois parece traduzir com simplicidade o cenário simples da maioria das salas de visita das benzedeadas de Maruípe, que visitei.

---

<sup>3</sup> O termo “Arte naïf” surgiu através do apelido que foi usado para designar tanto a pintura quanto a personalidade de Henri Rousseau em 1890, um pintor autodidata admirado pela vanguarda artística dessa época, que incluía gênios como Picasso, Matisse e Brancusi, entre outros. Rousseau foi o primeiro naïf moderno a ser exposto e valorizado, considerado o pai da arte naïf por Lucien Finkelstein (MIAN, 2014). A partir da obra de Rousseau (apud MIAN, 2014) a crítica passou a considerar os artistas e obras não oriundos de movimentos artísticos ou escolas de arte, como de grande interesse, devido a originalidade, pureza e técnicas não formais presentes nas pinturas.



Helena Coelho. A Benzedeira. Rio de Janeiro: 2002. Coleção particular

Todas as benzedeiros que encontrei em minha caminhada moram na periferia - na periferia da periferia, exceto uma, que mora em uma parte mais baixa do bairro, bem no “pé do morro”. Moram em locais de difícil acesso, mais reclusos, com moradias precárias, lugares marcados, à primeira vista, pela pobreza e pela violência.

A primeira benzedeira deste estudo, para minha sorte, é vizinha de uma auxiliar de serviços gerais que mora em um dos bairros de Área de Saúde de Maruípe e que trabalha no CCS. Conversando informalmente na cantina sobre a minha pesquisa, a mesma ouviu minhas reclamações sobre a dificuldade de encontrar benzedeiros em uma área de saúde tão grande, então, se aproximou e me ofereceu ajuda; obra do acaso.

Para Baremlitt (2012, p.146), o acaso é um

modo de devir que se caracteriza por ser aleatório, imprevisível e incontrolável [...] de modo geral, a “desordem” e o acaso que caracterizam os processos (do Institucionalismo) são considerados

fontes de produção e essência do desejo, geradores de transformação e da novidade nos sistemas [...]

Combinado o dia e na hora do almoço, lá fomos nós, a pé, ao encontro de Dona  $\Sigma$ . Pensei que se trataria de uma tarefa fácil, mas o caminhar, de repente, se deu morro acima. Feitas as devidas apresentações e havendo concordância da mesma, deu-se a assinatura do TCLE.

Dona  $\Sigma$  me recebeu muito bem em sua moradia, mas estava ressabiada. Ela queria saber mais sobre mim, saber de fato o porquê da minha visita, pois não se considerava benzedeira. Ela se denomina como uma mulher que reza:

*“Eu rezo para as crianças a pedido da mãe”.*

(Dona  $\Sigma$  ).

Em sua obra, Araújo (1977) faz uma descrição da medicina por ele denominada como “Rústica”. Dentro desta, está a “Medicina Mágica” que, por definição, é aquela que “procura curar o que de estranho foi colocado pelo sobrenatural no doente, ou extirpar o mal que faz sofrer” (p. 46). O benzimento está dentro da Medicina Mágica e têm como seus oficiais (agentes de cura) os curadores, o curador-de-cobra, o rezador, o benzedor e a benzinheira.

Como Dona  $\Sigma$  não se reconhecia como benzedeira, segui meu roteiro de entrevista (Apêndice A) considerando-a como rezadeira, conforme a mesma preferiu se autodenominar.

Natural do Mato Grosso do Sul, e moradora do Bairro **D** há 50 anos, é bem conhecida pelos moradores deste bairro, mas me disse que está saindo pouco de casa, além de evitar receber visitas. Só me recebeu ali porque fui com sua vizinha e amiga, e já fazia tempo que as duas não sentavam para conversar.

Comecei então a conversar com Dona  $\Sigma$  sobre seu ofício. Logo lhe perguntei quando ela havia descoberto o dom de benzer e ouvi a seguinte resposta:

*“Ah!! Isso não é dom não. A gente reza mesmo. Pega a bíblia solta um salmo na cabeça da criança, leva o pensamento a Deus, bota um copo d’água debaixo da cadeira onde a mãe estiver sentada ou a criança e depois a gente oferece a Nossa Senhora do Desterro um Pai Nosso e uma Salve a Rainha. Porque se eu for te falar a oração toda não é hoje que você sai daqui”*

(Dona  $\Sigma$ ).

Dona  $\Sigma$  não considera benzer/rezar como um dom, o que me surpreendeu, visto que a literatura específica comumente associa o ato de benzer a um dom. Autores tais como Silva (2013), Vaz (2006), Quintana (1999) e Oliveira (1985b) corroboram tal afirmação.

Silva (2013, p16) nos conta uma passagem na qual o ofício da benzedeira se dá através de dom que, sendo desígnio de Deus, a mesma não pode deixar de exercitar:

Ter o dom significa que não pode deixar de benzer. O castigo vem da própria cobrança, da culpa de não estar cumprindo com os desígnios de Deus. Quanto mais se é dado, mais será cobrado. Muitas benzedeiros burlam isso não se deixando conhecer como tais. Ficam incógnitas (SILVA, 2013, p16).

Meu encontro com Dona  $\Sigma$  talvez pudesse ter sido mais rico. No entanto, esse encontro se deu no horário de almoço de minha acompanhante. Minha ideia, que frustrou já de início, era a de que pudesse realizar um estudo tal como Sant’Ana e Seggiaro (2007) fizeram no Rio Grande do Sul e do qual, além do levantamento

histórico das benzedadeiras daquele estado, constava também relatos, imagens e rezas, ou o estudo de Silva (2013), em Curitiba.

Poderia ter tentado uma nova visita à Dona Σ, mas, advertida pela minha acompanhante, fui aconselhada a não circular sozinha por aquela região, pois a mesma constituía uma área de risco face aos frequentes embates entre a polícia e os traficantes e até mesmo entre traficantes rivais.

Prossegui a conversa interessada em saber mais sobre Dona Σ e seu modo de rezar. Perguntei a ela com o que ela rezava se com arruda, alguma planta e mal havia terminado a pergunta ela já me deu a resposta: *“Eu rezo com a fé.”*

Ela me falou que só reza para criança, independente do dia e da hora, pois segundo ela é um pecado não socorrer alguém que muito precise. Perguntei se ela era muito solicitada.

Naquele momento ela parou e me disse que não rezava mais. E eu perguntei: “Já está parando?”. Ela com uma voz mais séria virou-se para mim e disse: *“Não! Não tô parando! Não gosto porque pro pessoal aqui qualquer coisa é macumba”*. E me pediu para desligar o gravador.

Dona Σ, aquela que se considera rezadeira, mora bem próximo - quase que vizinha de muro - de duas igrejas pentecostais. A influência dessas igrejas na vida dessa Benzedeira é bem maior do que poderia imaginar. Quando desliguei o gravador, Dona Σ me disse estar cansada das perturbações dos vizinhos, e que não estava divulgando seu ofício para evitar conflitos. Preferia ficar quieta em casa a ter que ouvir os neopentecostais tentando convencê-la de que aquilo que pratica e acredita é contra as leis de Deus.

Por tal razão, muitas mulheres, para não assumir compromisso com a comunidade, optam por tornarem-se incógnitas, ou como Dona Σ prefere denominar-se rezadeira – um artifício para livrar-se da pressão dos vizinhos e evitar a procura por pessoas à busca por benzimentos.

No Brasil, desde a chegada dos colonizadores portugueses adotou-se o catolicismo, representado pela Igreja Católica Apostólica Romana, como religião dominante. Entretanto, o que se tem observado no Brasil do século XXI é que ele está deixando de ser majoritariamente Católico Apostólico Romano (ALVEZ; BARROS e CAVENAGHI, 2012). Há um expressivo aumento no número de evangélicos.

O Censo Demográfico, disponibilizado pelo IBGE (2012), nos fornece a classificação das composições dos grupos de religião existentes no Brasil. Ele separa os Evangélicos em dois grandes grupos: “Evangélicos de Missão” e “Evangélicos de Origem Pentecostal”. No grupo dos Evangélicos de Missão estão a Igreja Evangélica Luterana, Igreja Evangélica Batista, Igreja Evangélica Adventista e outras Igrejas Evangélicas de Missão.

Já no grupo das Igrejas Evangélicas de Origem Pentecostal<sup>4</sup> estão a Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Assembleia de Deus, Igreja Deus é Amor, Igreja Maranata, Igreja Congregação Cristã do Brasil entre outras. O IBGE ainda coloca um terceiro grupo, menor do que os dois anteriores, e o especifica apenas como “Evangélica não determinada” (IBGE, 2012).

Desde o seu “achamento” (DONATO, 2001), o Brasil é um país hegemonicamente Católico Apostólico Romano, no entanto, embora tal hegemonia ainda permaneça, o país vem enfrentando uma acentuada redução do percentual da religião Católica Romana.

O Censo Demográfico de 2000 já revelava uma acentuada redução do percentual de pessoas da religião católica romana (73,6%) e um aumento do total de pessoas que se declararam evangélicas (15,4%) (IBGE, 2010).

Os resultados do Censo Demográfico 2010 apontam um decrescente número de católicos e, ao mesmo tempo, o crescimento da população que se considera evangélica. Importante destacar também que o Censo Demográfico 2010 mostrou o crescimento da diversidade dos grupos religiosos no Brasil (IBGE, 2010).

---

<sup>4</sup> Nesta dissertação optei por seguir a divisão dos grupos religiosos proposta pelo IBGE. Alguns autores citados dentro deste estudo como Oro (2007; 1997) e Silva (2005) fazem a separação mais detalhada entre os evangélicos, considerando-os como: evangélicos de missão (tradicionais), evangélicos pentecostais (Igreja Deus é Amor, Assembleia de Deus, por exemplo) e neopentecostais. Os neopentecostais derivam da terceira onda do movimento pentecostal, na década de 1970, seus fundadores são brasileiros (Edir Macedo e R.R. Soares) e as igrejas mais antigas deste movimento são a Igreja Universal do Reino de Deus e a Igreja Internacional da Graça de Deus.

A este respeito Machado (2002, p 225- 226) avalia que:

Não obstante a falta de precisão dos dados, o fato é que estamos presenciando a significativa expansão de uma neo-religiosidade que vem chamando a atenção da sociedade de um modo geral, e em especial dos cientistas sociais e da Igreja Católica. Esta, ao perder seu domínio e raio de ação tem procurado aplicar novas táticas e métodos para conter o avanço do pentecostalismo e, ao mesmo tempo, arregimentar adeptos para o catolicismo.

Ao longo desse processo de reconfiguração religiosa do país, as benzedeadas se tornaram um alvo fácil para muitas correntes religiosas, notadamente as pentecostais. Sendo mulheres idosas, muitas vezes frágeis, sozinhas e cansadas de serem discriminadas pelo seu ofício, acabam se submetendo a um processo de conversão e, paradoxalmente passam a exercer o seu ofício – agora sob o manto da revelação ou do falar em línguas -, com a bênção do pastor e apoio da comunidade.

Trata-se de um fenômeno que, a meu ver, Hall (1999) denomina como transição:

Em toda parte, estão emergindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em *transição*, entre diferentes posições; que retiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais; e que são o produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns num mundo globalizado (HALL, 1999, p. 88).

Voltando ao encontro com Dona  $\Sigma$ , ainda com o gravador desligado – pois ela ainda fazia questão que o mesmo assim permanecesse- perguntei-lhe sobre a possibilidade de atuar junto da UBS, de colaborar com os profissionais da saúde daquele território.

Dona  $\Sigma$  me disse que gosta muito do trabalho dos ACS e de todos da unidade. Ela encoraja as mães, a irem logo depois da reza a UBS ou ao hospital. Segundo Leal

(1992), em seu ofício, a benzedeira identifica a doença através de um diagnóstico - elas trazem consigo um código particular que só cada uma delas decifra – fazendo em seguida a orientação sobre os cuidados necessários relativos ao benzimento, e, em casos mais sérios de saúde, ela indica o médico.

Dona  $\Sigma$  diz que não tem intenção de atuar junto aos profissionais da saúde, alegando não querer ser responsável pelas ações de outras pessoas, sem contar que a procura por ela iria aumentar muito e está sem condições de atender a muitas pessoas.

Antes de sair da casa de Dona  $\Sigma$ , agora com o gravador já dentro da bolsa, lhe perguntei sobre sua reza, como é que ela fazia, se ela havia ensinado para alguém como se benze (e aqui usei o benzer mesmo). Dona  $\Sigma$  me disse que não havia mistério em sua reza, porque “é só *uma reza*”. Em seguida me rezou, de uma maneira inusitada: perguntou qual era o meu signo e, de acordo com ele, selecionou um salmo da Bíblia e foi rezando, dizendo que estava posicionando suas mãos nos meus chakras<sup>5</sup>.

Pedi para tirar uma foto de Dona  $\Sigma$ , mas essa se esquivou, dizendo que estava feia e descabelada. Mas o que há por detrás dessa recusa pode ser a vontade de permanecer no anonimato, o medo de ser identificada e de ser perseguida. Respeitei a recusa de Dona  $\Sigma$ .

Ao me despedir dela, disse-lhe “obrigada”. E ela mais que depressa me corrigiu, dizendo que não era para agradecer, pois ela não tinha feito nada, que quem faz é Deus.

---

<sup>5</sup> Chakra é uma palavra de origem sânscrita que significa roda, disco, ou qualquer arranjo organizado circularmente. Fontes antigas descrevem a presença de sete Chakras principais semelhantes a uma flor de lótus florescendo. Eles são centros sutis que podem ser ativados. Cada Chakra se relaciona a uma parte do corpo. O 1º: Muladhara – localizado na base da espinha; o 2º: Svadhishtana – localizado na região genital; o 3º: Manipura – se localiza no umbigo; o 4º: Anahata: localizado no coração; o 5º: Vishuddha, região da garganta; o 6º: Ajna, se localiza entre as sobrancelhas e o 7º: Sahasrara, se localiza no topo da cabeça (JOHARI, H. Chakras: Energy Center for transformation. Rochester: Destiny Books, p1-2, 1999).

Percebo que dentro de Dona  $\Sigma$  há um pouco do Profeta Gentiliza, que recusava a dizer “muito obrigado”, argumentando que:

[...] ninguém é obrigado a nada, pois todos devemos ser gentis uns para com os outros e relacionar-nos com amor. No lugar de “muito obrigado” devemos dizer “agradecido”; ao invés de “por favor” devemos usar “por gentiliza”, pois assim, dizia, nos religamos à Gentileza ou a Graça que é Deus, porquanto Ele criou tudo com gentileza e na plena gratitude (GENTILEZA, apud BOFF, 1999, p.182).

Fomos embora do Bairro **D** às pressas, não queria que a funcionária do CCS se prejudicasse com a ajuda que estava me dando. Já no caminho de volta para a UFES, ela me apontou a residência da próxima benzedeira que iríamos encontrar em outro dia.

Outro dia de cultivo. Desta vez eu e a funcionária do CCS combinamos de nos encontrarmos após o expediente. A benzedeira que iríamos encontrar era muito amiga da funcionária, e ela queria visitá-la com mais tempo.

Ligamos antes para a Dona  $\beta$ , pois, segundo a funcionária do CCS, ela é muito requisitada. Mesmo sem conseguir falar com ela seguimos rumo a sua moradia.

Dona  $\beta$  nos recebeu no portão com um sorriso no rosto - já estava do lado de fora de sua morada, conversando com uma vizinha - indo abraçar a funcionária do PPGSC. Também ganhei um abraço e fomos apresentadas. Ela nos convidou para entrar e a sentar e começamos a conversar sobre os acontecimentos da semana no Bairro **D**.

Dona  $\beta$ , moradora da parte mais baixa do Bairro **D** (que a meu ver seria a parte mais calma, tranquila, com um acesso melhor), relatou que, na semana anterior à minha visita, havia ocorrido ali, bem em frente ao seu portão, um tiroteio entre traficantes e a polícia. E que este se estendeu escadaria acima. Disse também que os moradores ali daquela região logo entraram em suas casas e permaneceram quietos até que tudo terminasse.

A região de Maruípe possui em seus múltiplos bairros muitos bolsões de violência. A respeito das cidades, Lira (2011) considera que, de uma forma geral, a violência se enraíza nas desigualdades sociais, nas diferenças entre as classes sociais, na má distribuição de renda e riqueza e dos recursos urbanos como um todo. Estes fatores contribuem (não são os únicos) para a causalidade dessa violência (LIRA, 2011).

É como se a própria palavra violência ao ser dita, escrita, lida, substituísse as palavras pobreza, injustiça e abandono. Violência também é aquilo que deixou de merecer discussão nos meios de comunicação ou nas campanhas políticas, como a desigualdade social, as resistências populares, os enfrentamentos entre diferentes grupos sociais (RAUTER, 2011).

Violência também são os olhares (des) qualificadores, que algumas das benzedeadas entrevistadas, neste estudo, referem sobre algumas denominações religiosas. Violência é reprimir um patrimônio cultural imaterial secular e de resistência, considerado como coisa errada, visto que obra do demônio, cooptando o sujeito para determinada denominação religiosa considerada certa e de religião considerada como verdadeira.

Nesse processo de cooptação, quantas benzedeadas acabaram por aceitar Jesus (expressão usualmente utilizada para os convertidos). O que essa mudança de comportamento implica em nossa cultura?

Para Silva (2005) os ataques das religiões pentecostais às religiões, cultos, devoções que diferem de suas crenças crescem diariamente. As religiões que são atacadas tentam se solidarizar umas com as outras como uma forma de resistência.

Oro (1997) coloca que a religião no Brasil é um campo claro para as intolerâncias. Essas, em sua grande parte, têm sido deflagradas pelos pentecostais, principalmente contra religiões afro-brasileiras.

Trata-se, na opinião de Oro (2007), de uma “guerra- santa”, onde os pentecostais não esperam ser atacados pelos inimigos e pelo demônio, mas tomam uma postura de partir para a guerra se antecipando a ação desses inimigos. As vítimas desse ataque são, em grande parte, as religiões consideradas mediúnicas (os kardecistas, candomblé, umbanda). Pelo depoimento de pelo menos duas entrevistadas neste estudo, isso também se aplica às benzedeadas.

Voltando à Dona **β**, a mesma se denomina kardecista, nascida e criada em Vitória tem orgulho de dizer que sempre viveu no Bairro **D**, tem 64 anos e me relatou que nunca sofreu preconceito ou perseguições ali.

Diz que respeita muito todas as religiões, inclusive tem uma filha que é evangélica. Perguntei então como era a relação das duas, e Dona **β** se encheu de orgulho ao falar sobre a filha. Ela me disse que sua filha respeita muito seu ofício, do mesmo modo que ela respeita a opção religiosa de sua filha. Não moram juntas, mas estão sempre em contato.

Dona **β** começa a descrever então como é sua relação com seus vizinhos e também com as religiões diferentes da sua. Diz que ali todos sabem de seu ofício, que nem por isso é desrespeitada. Frequenta a missa e o culto quando é convidada, gosta de ajudar nas festas e na arrumação da Igreja Católica.

Expliquei para Dona **β** o porquê da minha visita, e ela logo disse que não poderia benzer, pois estava com problemas de saúde. Segundo ela, seus braços estavam doloridos havia algum tempo, o que a deixava impossibilitada de exercer seu ofício.

Pensando um pouco sobre a situação de saúde de Dona **β** e como isso interfere diretamente em seu ofício, reflito sobre a relação saúde/doença que nós profissionais de saúde temos conosco e com nosso trabalho. Exercemos nossa função de cuidadores sem muitas vezes nos preocuparmos com as vozes de nossos corpos, com os ruídos das articulações, com os gritos que são entoados dentro de nossas cabeças, com os calos que devemos pressionar para calçar os sapatos, com o ronco de nosso estômago que implora por um pouco de atenção. Seguimos em frente, sem dispensar (em muitos momentos) um minuto de cuidado a nós mesmos, cuidando dos outros.

De volta a Dona **β**. Expliquei-lhe que apenas seria uma conversa, que estava interessada em saber um pouco mais sobre sua história de vida. Minha acompanhante me ajudou, nesse momento, dizendo que já havia visitado a Dona **Σ**

e que, em breve, visitaria também a Dona  $\zeta$ . As benzedeadas do Território **D** se conhecem mesmo morando em localidades diferentes e recebem notícias umas das outras através das pessoas que lhe visitam. Uma rede de benzedeadas, guardiãs daquela Região de Saúde que se chama Maruípe.

E assim começamos a conversar sobre benzimento. Dona  $\beta$  me diz que para benzer com ela é preciso marcar um horário, para não dar tumulto, mas que tenta atender a todos que a procuram. Diz-me que há dias que não são bons para benzer, mas que isso vai de acordo com a situação (saúde, emocional) de quem lhe procura.

Ela começou a benzer quando tinha por volta de dez anos e que benzer é um dom, que veio naturalmente, esse dom também veio de sua avó, benzedeadas como ela.

Oliveira (1985b) descreve vários modos de descoberta do dom de benzer, entre eles o da revelação através da visão (de algum santo) ou quando a benzedeadas ouviu alguma voz. Também há aquele dom passado por alguém da família da benzedeadas, como também situações em que o dom surge da combinação das diversas formas. “Possuir um dom é sentir-se diferente. O dom impõe um ofício: o ofício da benzeção” (OLIVEIRA, 1985 b p. 36).

Dona  $\beta$ , durante a nossa conversa – pois o que é uma entrevista senão uma conversa a dois? – se mostrou bem à vontade. Ela fala dos benzimentos com fé e convicção, é confiante, e, apesar de morar sozinha, conta com a proximidade e a aceitação de seu ofício por parte dos filhos que moram bem próximos. Nascida e criada naquele bairro construiu ao longo dos anos uma relação de afeto e (até o presente momento) não tem em seus arredores templos religiosos que agregam fiéis avessos às benzedeadas.

O mesmo eu não posso dizer em relação à Dona  $\Sigma$ , que também mora sozinha, vive cercada por templos pentecostais e renegada, visto que o seu ofício é estigmatizado pelos membros daquelas comunidades religiosas como coisa do diabo.

O lugar que a benzedeadas mora e a manutenção de sua sólida rede de afecções construída ao longo dos tempos, ou fragilização por movimentos próprios da contemporaneidade – aqui especificamente, a expansão dos templos

neopentecostais nas periferias – ao que parece são decisivos em seu jeito de saber, fazer e pensar as mazelas da saúde.

Dona **β** benze todo o tipo de gente, não tem uma preferência. Benze adulto, criança, idoso, quem estiver precisando. As pessoas chegam até a ela por motivos de doença. Pergunto se benzer para ela é uma missão. E ela me diz:

*“Pra mim é né, e é uma coisa que não vou largar nunca, principalmente eu. No início assim quando eu fiquei doente eu precisei, eu ia desistir, depois eu tive uma graça muito grande. Não! Nunca cobrei um tostão e vou assumir minha missão até o fim”*

(Dona **β**).

Vaz (2006) coloca que a missão das benzedeadas, geralmente se relaciona à graças divinas recebidas e as maneiras de demonstrar a gratidão por estas, através da caridade e da solidariedade.

Pergunto a ela se ela já ensinou alguém a benzer, se ela compartilhou com alguém seu dom, e ela me disse que não. Então passo para a pergunta seguinte, sobre a possibilidade de ela trabalhar junto (mas ela na casa dela) com a UBS, desenvolver um trabalho em conjunto e ela me responde:

*“Não! Pra mim é assim. Assumir responsabilidade não. Prefiro mais trabalhar sozinha em casa, não é egoísmo entendeu? Eu já tô com trauma desse negócio de hospital, minha mãe, tendeu. Agora por enquanto não.”*

(Dona **β**).

Assim como Dona  $\Sigma$ , Dona  $\beta$  não quer assumir a responsabilidade de profissionais da saúde. Mas ambas entendem que os profissionais da saúde são importantes para reestabelecimento da saúde das pessoas. Da mesma forma. Dona  $\beta$  se sente importante e reconhecida pelos profissionais da saúde que, segundo ela, frequentam sua casa e indicam pacientes para ela benzer.

Pergunto a Dona  $\beta$  se posso tirar uma foto dela, e ela usa uma desculpa semelhante a da Dona  $\Sigma$ . Diz que está feia e que não gosta de tirar fotos. Para me consolar conta a história de quando foi procurada por uma emissora de TV de Vitória, e que se recusou a aparecer dizendo que benzedeira não precisa de mídia, as pessoas sabem onde encontrá-las.

“Não se acha benzedeiros pela lista telefônica, nem pela internet, é de boca em boca, e elas têm o cuidado de procurar saber quem anda falando delas por aí” (SILVA, 2013, p. 13). Elas são populares nos locais que residem e esse cuidado se refere aos seus atendimentos. Se muito procuradas, não dão conta de atender a todos.

Mas as benzedeiros estão aderindo às tecnologias contemporâneas... Durante uma pesquisa aleatória na internet, vejo a seguinte notícia: “Facebook viabiliza trabalho de benzedeira em shopping. Tradição popular sobrevive em meio à modernidade da região Centro-Sul de Belo Horizonte”. Clico na matéria para ler. É a história de uma senhora que, em busca desesperada por uma benzedeira, pediu ajuda no Facebook, e como resposta obteve a indicação de uma que atendia em um shopping da capital mineira.

(...) L. F., 52 anos postou na rede social Facebook que precisava de uma benzedeira. “Em poucas horas, me responderam que havia uma no 5ª Avenida. No começo fiquei receosa, mas precisava levar minha mãe e então arrisquei, telefonei e marquei o horário. Hoje não estamos mais achando benzedeiras nas grandes cidades”, ressalta. Maria José foi aprovada por mãe e filha. “As feridas estão se fechando, e eu gostei muito da reza dessa moça”, conta a idosa (OLIVEIRA, N. Jornal O Tempo. Disponível em: <http://www.otempo.com.br/cidades/facebook-viabiliza-trabalho-de-benzedeira-em-shopping-1.744075> acesso em 27/02/2014).

A reportagem dá conta de que a referida benzedeira não cobra por seus benzimentos; sua renda mensal, inclusive para pagar o espaço alugado, provém de outras atividades, tais como consultas com tarô e jogo de búzios, estes pagos.

A conversa com Dona  $\beta$  descambou para assuntos pessoais e achei por bem desligar o gravador. Sai da casa de Dona  $\beta$  ao entardecer e mesmo sendo avisada por minha acompanhante (a funcionária do CCS) para não agradecer a Dona  $\beta$ , não resisti e o fiz. E ouço Dona  $\beta$  dizer quase que a mesma coisa que Dona  $\Sigma$ , e mais uma vez vejo que há um pouquinho do Profeta Gentileza em cada Benzedeira do Território **D**.

E, assim, encerrava mais um dia de cultivo. Dias depois parti para o encontro com minha terceira entrevistada, Dona  $\zeta$ .

Para encontrar com a Dona  $\zeta$  contei novamente com a ajuda da funcionária do CCS. Combinamos que iríamos após o seu expediente, pois poderíamos demorar. E assim, por volta das 16h, saímos rumo à moradia da mesma.

A funcionária do CCS, no caminho, me disse que Dona  $\zeta$  já era bem idosa e que não benzia mais, mas que com certeza me receberia bem. Ao chegarmos à morada de Dona  $\zeta$ , quem nos atende do terraço é sua filha, que ao ver a funcionária do CCS

pergunta se queremos falar com ela. Ao mesmo tempo Dona ζ aparece na garagem de sua casa e nos recebe.

Dona ζ é uma idosa de 88 anos, muito simpática e agradável. Tive uma sensação boa de estar ali com ela, como se ela fosse a minha avó. Fui apresentada a Dona ζ e ela logo começou a conversar sobre seu tempo de mocidade, que escutei atentamente.

Quando encontro uma brecha em sua história, digo que estou ali para conhecer um pouco da história dela como benzedeira e ela em seguida me diz: *“só que eu não sou mais benzedeira! Há muito tempo que não sou benzedeira!”*

Então lhe perguntei se ela já havia sido benzedeira. E ela me conta a história de quando veio para Vitória (nasceu no estado de Alagoas, na cidade de Traipu). Dona ζ já era mãe de uma menina, que constantemente adoecia devido à bronquite.

Nesse tempo, segundo Dona ζ, apareceu uma mulher em sua casa que lhe ensinou a benzer. Dona ζ me contou que, de início, se sentiu insegura em relação ao ato de benzer, não sabia como iria fazer, nem conhecia todas as rezas, questionando a mulher que estava em sua casa como é que ela iria benzer. A mulher lhe disse para o que ela não soubesse era para ela copiar. Desse modo, ela copiou e aprendeu. Nessa mesma história ela falou que não sabia que não era bom benzer e que quem disse isso para ela foi um padre da Igreja Católica.

As benzedeiros que frequentam a Igreja Católica notam que, para os padres ou para os fiéis alinhados ao movimento carismático, seu ofício de benzer está diretamente relacionado à demonização e ao pecado e junto com essa caracterização elas recebem o convite para deixarem de praticar os benzimentos. Diante desse fato, se sentem sem saída, pois muitas são fiéis à Igreja Católica (FARINHA e SILVA, 2011).

Ao aceitarem participar do Movimento de Renovação Carismática, deixam de ser benzedeiros e passam a ser mulheres que realizam orações. Suas orações não são muito diferentes daquelas que antes praticavam, pois como carismáticas essas mulheres reorganizam suas orações dentro do que pode ser exibido para a

comunidade católica (FARINHA e SILVA, 2011). Dona ζ se recorda das suas orações e chegou a me revelar uma que considera bem simples enquanto me falava sobre sua época de benzedeira.

*“Porque as palavras é simples. É simples. Olha só: em nome de Deus e Jesus eu benzo fulana de tal para que ela seja livre de todo o mal. Ai falando, falando tudo, “jogava pra cima”, se apropria. Em nome de Jesus, Maria e José eu te benzo e que Jesus e Maria te livre de todo mal. Só isso. Porque o que fere as pessoas é o mal”*

(Dona ζ).

Falou-me que não gostava de benzer à noite, mas que abria exceção caso alguém precisasse, e não excluía ninguém de seus benzimentos. Colocando-me como exemplo, ela me conta mais uma história:

*“Muitas vezes não é porque você faça algo, você é uma moça bonita então você vai passando ali e eu, eu, eu que graças a Deus tenho educação dada por Deus falo assim “que moça bonita, Deus te benze, Deus livre e guarde.” Mas tem gente que fala: “que coisa bonita, desconjuro!”. Ó! Desconjuro não é de Deus. Porque ninguém nunca ouviu falar que a palavra de Deus vai desconjurar”*

(Dona ζ).

Depois de explicar-me à sua maneira como se instala o mal na pessoa, ela me pede para voltarmos para as perguntas. E assim o fiz. Perguntei desta vez, quando ela havia começado a benzer, se ela se recordava. Dona ζ então retorna ao encontro com a mulher que lhe ensinou a benzer, dizendo que este encontro aconteceu

quando ela estava na flor da idade, mas fica muito confusa em relação às datas e ao tempo, se perdendo em histórias da infância de sua filha.

Mas, afinal, o que importa? As datas? O que importa são os sentimentos, as lembranças, pois são esses sentimentos que marcam os períodos da vida (MATURANA, 2001). Como disse Carlos Drummond de Andrade em seu poema intitulado “Memória” (...) Mas as coisas findas, muito mais que lindas, essas ficarão (ANDRADE, 1990)

À medida que acho brechas, faço perguntas que nem sempre são respondidas. Ao lhe perguntar se ela achava que benzer era um dom ela me diz:

*“Não, nunca achei que fosse um dom. Eu benzia porque eu tinha cisma com a pessoa, porque tem mal que só vai com benzeção. Que as pessoas dizem que tomam remédio e o remédio não faz nada”*

(Dona ζ).

E em seguida Dona ζ se perde na resposta, desta vez me contando sobre a história de seu marido, já falecido. Fiquei atenta a todas as histórias contadas por ela, pois havia uma atmosfera de carinho e curiosidade, estava ali interessada em conhecê-la e ela me contava sua história, independente de se relacionar com o ofício de benzer.

Em momentos que a pergunta queria aparecer eu dava lugar a ela. Perguntei então sobre o que mais aparecia para ela benzer. E ela de maneira simples e rápida me respondeu:

*“Aparecia de tudo, e eu abria tanto a boca, mas tanto a boca que eu tinha até vergonha de conversar com as pessoas. E se a mulher tivesse um filho ou dois precisando podia trazer. Que ela viesse. Eu tinha pena. Graças a Deus toda pessoa que me*

*procurava eu curava. Quando eu rezo eu rezo com confiança em Jesus e não rezo com falsidade”*

(Dona  $\zeta$ ).

Tentei perguntar para Dona  $\zeta$  sobre o que ela achava do benzimento fazer parte da rotina da unidade de saúde, ajudando os moradores locais e ela começou a me contar sobre a história de quando construíram a unidade de saúde do Bairro **D**. E quando pensei que ela iria me contar essa história, ela narrou sobre a vida de um vizinho, já falecido.

Ao sair da casa de Dona  $\zeta$  agradei pelo acolhimento e ela me disse para voltar lá quando quisesse para conversar. Tenho um carinho especial pelos bem idosos e Dona  $\zeta$  me conquistou.

Já conhecia o caminho de volta para casa, então, deixei (debaixo de muitos agradecimentos) a funcionária do CCS em casa e segui rumo à minha casa, terminando o meu cultivo no Território **D**.

Após terminar o trabalho de campo no Território **D** dei sequência à busca de outras Benzedeadas em outros territórios.

Parti então para o cultivo no Território **F**. O contato com esse Território se deu através de uma ligação telefônica, onde consegui conversar com uma das enfermeiras da UBS.

A enfermeira me informou que no Território **F** havia sim benzedeadas, mas que aquele momento não era propício para visitaçãõ em decorrência de um conflito que havia se instalado entre traficantes e policias e que já durava algum tempo. Fui aconselhada a não me encontrar com as benzedeadas do local.

O conflito do Território **F**, assim como em alguns dos outros territórios onde se deu a pesquisa, é resultado de constantes disputas entre policiais e traficantes ou da

rivalidade entre traficantes. Mas é importante destacar que a violência ali não se restringe a esse fator, são múltiplos fatores. Um “complexo e dinâmico fenômeno biopsicossocial” que tem a sociedade como palco (para se desenvolver, crescer e se apresentar) (MINAYO 1994).

Com o aumento da frequência em que ocorrem tiroteios no Território **F**, o serviço de saúde fica comprometido. A mesma enfermeira disse que os ACS não estavam realizando as visitas domiciliares devido ao risco que corriam ali, diariamente.

Caracterizada como uma epidemia, a violência afeta a todos pela fonte comum de uma estrutura social desigual e injusta que alimenta e mantém ativos os focos específicos (MELO, 2010).

Outro dia de cultivar o campo, desta vez no Bairro **G**, conforme combinado previamente com duas ACS da UBS local. Lá fomos nós ao encontro de duas benzedeiros: Dona **Ω** e Dona **Δ**.

Como já é de praxe, em qualquer visita domiciliar com estudantes ou visitantes, as ACS me recomendaram que nessa visita eu levasse apenas o essencial. Assim posto, deixei a minha bolsa na UBS e levei comigo apenas uma caneta, os TCLE e meu celular - instrumento básico para a gravação das entrevistas e possíveis fotografias.

As agentes me falaram que as duas benzedeiros moravam no alto do morro, e que daríamos uma volta a mais para não passar pelo local que, embora fosse mais perto, era o mais perigoso naquela subida: ali enfrentaríamos o risco de assalto. Contar com a companhia das duas ACS me deu tranquilidade, já fui preparada para a caminhada – roupas leves e sapato confortável -, e transitar morro acima não me causou medo.

Às vezes parávamos para descansar, e nessas curtas paradas eu observava a região e também as pessoas. Muitas vezes, inclusive, tentava pensar o que me separava delas e não achava resposta, pois todos nós, eu e elas, éramos parecidas, éramos seres humanos. Não me via como estranha e os moradores dali também não demonstravam estranheza. Transitei no Bairro **G** como se fizesse parte dele. E

começava a pensar nas diferentes situações de vida, de criação, de condições sociais e econômicas e percebi que, apesar de muitas coisas em comum, ai havia uma diferença.

Uma diferença cruel demais. Que faz com que as pessoas não tenham acesso às coisas mais básicas. Que, devido a isso, ficam à margem da sociedade, sendo consideradas como um único bloco de exclusão e de violência. Não se tem a delicadeza (claro que há algumas exceções) de perceber que há muita coisa boa na periferia: pessoas incríveis, acolhedoras, educadas, bonitas, alegres que mesmo com muita luta e sofrimento, se mantêm dispostas a ajudar o outro.

Outra parada e via mães preocupadas com a educação dos filhos, levando-os para a escola ou até mesmo repassando valores para os mesmos. Em alguns momentos, vizinhos que se ajudavam e que tomavam para si a responsabilidade de cuidar daquele que já não tem mais a quem recorrer. Ali encontrava a amizade.

No Bairro **G** re-descobri (e vivi) que a diferença cresce e cria força no acesso. A desigualdade social, a segregação, o acesso como disparador das diferenças, produzem uma exclusão social, marcada pelo desamparo, desemprego, trabalhadores mal remunerados, deficiências no sistema educacional, assim como no sistema de saúde (SANTOS, 2002).

Os moradores das periferias são privados de bens básicos e essenciais. O transporte não chega, digo, até chega a um certo ponto, mas não sobe as escada – que também são precárias. “Calçada pra favela, avenida pra carro, céu pra avião, e pro morro descaso” (CRIOLO, 2011). Mas quem é que se importa?

Um buraco como outros muitos das ruas e escadarias na periferia da cidade. Este leva-nos a vários lugares de pensamento e também de denúncia. Coloca-se um ponto: o lugar em que estava o buraco - periferia do município de Vitória – espaço em que por vezes ações de infraestrutura são negligenciadas, e por isso, nem sempre dá suporte às idas e vindas, há uma violência estrutural vivenciada rotineiramente. Questiona-se: haveria esse mesmo buraco em um bairro nobre? Por que tornamos tão naturais os buracos na periferia e intoleráveis nos bairros nobres (SANTOS et al, 2013).

Os ACS chegam aonde o transporte não vai, mas será que dão conta da demanda? E os demais profissionais da saúde? Conhecem os moradores a sua realidade?

No encontro com a primeira benzedeira do Bairro **G**, Dona **W**, ela logo reconhece a ACS e começa a relatar suas dores e problemas. Reclama do atraso na liberação para sua cirurgia de catarata e quer saber o motivo. A ACS tenta se esquivar de tantas perguntas, mas avisa que irá olhar tudo para ela e me deixa ali.

Dona **W** me diz então que desde outubro fez os exames, enviou o pedido para marcar uma cirurgia e até agora nada foi feito. Conta-me que a esposa de um amigo que mora em Jardim da Penha (bairro com maior renda concentrada, melhor infraestrutura, mais acesso), com o mesmo problema que ela, operou a primeira vista depois dela, assim como também já fez a segunda operação, e enquanto isso a cirurgia dela está sem data definida.

Dona **W** demonstra muita preocupação com sua visão, o medo de perdê-la a assombra em todo o momento. Ela relata um sofrimento em relação à espera de seu tratamento, sua angústia de não conseguir ir até a unidade de saúde para resolver (ou tentar) a situação, há falta de comunicação e relação entre ela e a unidade de saúde.

Então, diante de tanto sofrimento sem que eu pudesse fazer nada de imediato para ajudá-la, comecei a refletir sobre o que se passava ali. Qual seria o motivo daquela senhora ficar tão excluída? Será que a ACS faz visitas frequentes àquela senhora? Como será que ela é vista pelos profissionais da unidade de saúde? E pelos moradores, como ela é tratada?

Guardei essas questões comigo. Meu encontro com Dona **W** deveria ser rápido, o combinado era que as ACS fariam suas visitas enquanto eu ficaria ali conversando com Dona **W**.

Dona **W** estava cansada, não estava muito interessada em mim, mas abriu o portão de sua moradia e me convidou para entrar e sentar. Sentei. Dona **W** estava ouvindo

o padre Marcelo pelo rádio, e se sentou em outro sofá distante de mim. Com o som do rádio e pela distância que estava de mim, imaginei que a entrevista gravada poderia ficar comprometida. Não sabia o que fazer para me aproximar de Dona O.

Dona O estava enfrentando um problema com as baratas em sua morada e foi graças a isso que me aproximei dela. Aproveitei o momento em que uma barata passou no sentido do meu sofá e Dona O se levantou para matá-la (sem sucesso) para trocar de lugar e me sentar ao seu lado.

Então, já mais à vontade, comecei a conversar com Dona O que tem 76 anos e chegou em Vitória quando tinha um ano e sete meses. Quando perguntei para Dona O qual a sua religião, ela me respondeu ser espírita e também católica, fazendo uma pausa para responder “ser católica”, como se quisesse usar o catolicismo como uma forma de defesa, ou para que evitasse julgamentos de minha parte, até mesmo para se esquivar de perguntas do tipo: mas se a senhora é espírita por que escuta o Padre Marcelo? Mas não questionei, não fiz qualquer menção, nem cara feia, nada.

Oro (2006) fala dessa duplicidade de religiões. O referido autor coloca que muitos praticantes das religiões mediúnicas não se assumem na totalidade. Preferem se declararem como católicos, devido ao preconceito enraizado por essas religiões.

Estava interessada em sua vida, livre de julgamentos. E vou seguindo com a conversa, quero saber se Dona O tem dia e horário para benzer e ela me diz que não tem horário nem dia. *“A hora de Deus independe dos outros. É de manhã, de madrugada, a hora que Deus mandar”*.

Queria saber quando ela começou a benzer e ela disse que começou a benzer aos cinco anos. E logo emenda na resposta a história de como tudo aconteceu. Seu tio estava muito doente e ela vendo aquilo pegou um raminho e água benta e foi ao encontro dele. Isso era de manhã cedo e sua mãe não fez nada, deixou que ela fosse atrás de seu tio. Quando chegou à tarde ele estava já trabalhando. Havia três dias que ele estava sem trabalhar por causa da doença.

Junto dessa história Dona **W** me contou sobre sua relação com o mundo espiritual. Disse que por volta de dez, doze anos, foi para Bahia, acompanhada de seu pai para “fechar o corpo”, pois era sempre incomodada (de dia, de noite, madrugada) pelos espíritos. Ela não tinha medo, mas seu pai e sua mãe tinham além de medo, preocupação sobre o que eles (espíritos) poderiam fazer com ela e a eles também. Ao chegar à Bahia o “caboclo<sup>6</sup>” lhe disse que era para fechar o corpo sim, mas contra o inimigo, não contra eles. O caboclo havia lhe dito que era preciso se defender, lutar junto (com ele e com os outros terreiros) contra o mal.

Dona **W** continua a me contar essa história, dizendo que com 20 anos de idade seu pai colocou um terreiro para ela, e me conta os desafetos que fez por causa deste terreiro, da inveja que causou nas outras mães de santo da região. Mas mesmo assim permaneceu ali por um bom tempo. Somente agora seu terreiro vai para outro bairro.

Após a conversa sobre o seu terreiro, pergunto se benzer é um dom. Mas Dona **W** entendeu que eu estava lhe pedindo para ser benzida, de maneira alguma interrompi Dona **W** e esperei uma resposta ou até um gesto.

Dona **W** me disse que ela conta com a ajuda do Arcanjo Gabriel durante os benzimentos, mas como sua saúde está debilitada, ela não está benzendo. E ao falar da saúde, ela retoma ao assunto de sua cirurgia. O medo de perder a visão ronda Dona **W** a todo o momento. Ela me pediu ajuda que eu fizesse algo por ela lá na UBS. Fiquei sem saber o que fazer, queria ajudar Dona **W**.

---

<sup>6</sup> Os caboclos “são os espíritos “donos da terra” e representam os índios que aqui viviam antes da chegada dos brancos e dos negros. Quando baixam nos terreiros, vestem-se com cocar de pena, dançam com arco e flecha, fumam charutos e bebem vinho. Geralmente falam um português antigo e quase incompreensível. Muitos deles são extremamente católicos e suas preces e louvações lembram os tempos coloniais de sua catequese. Por serem conhecedores da medicina local e dos segredos da mata, são famosos como curandeiros e feiticeiros.” (SILVA, V. G. **Candomblé e umbanda** - caminhos da devoção brasileira. 2ª. ed. São Paulo: Selo Negro - Grupo Summus, p. 87, 2005.)

Sentia o que ela sentia, as reclamações de Dona **W** me tocavam. Queria ter ferramentas para ajudá-la, fazer com que o seu lamento chegasse aos ouvidos da UBS. Fui invadida pela compaixão.

Da forma como Boff (2005) descreve compaixão eu a sentia. Sentia o cuidado antes de qualquer coisa, mas não antes de sentir o outro. Desejava obedecer ao meu coração.

Comecei então a conversar sobre sua dor. Deixei que ela falasse sobre o que a estava incomodando. E nesse caminhar chegamos até os assuntos cotidianos, percebia que Dona **W** aparentava já estar mais tranquila.

E uma nova pergunta surgiu. Queria saber por quais motivos as pessoas a procuravam. Dona **W** me responde bem baixinho que as pessoas a procuravam por diversos motivos, como problemas com marido, trabalho, relacionamentos. Quando pergunto sobre quais seriam os motivos de saúde ela me responde contando outro caso seu.

Dona **W** narra sobre uma época em que estava doente, e nenhum médico tinha resposta para sua doença, até que ela ouviu uma voz. E esta voz ditou para ela o que ela deveria fazer para ficar boa novamente – resumindo, tomar Coca-Cola quente durante 07 dias, uma forma de neutralizar um trabalho feito contra ela e que consistia em um papel grafado com o seu nome e que fora jogado num valão. Ela fez exatamente o que a voz lhe pedia, sem muito questionar, e logo se curou.

Quase imediatamente a ACS apareceu na sombra da porta (mas do lado de fora da casa, na rua) perguntando se já havia terminado. Eu, que estava preocupada em não interferir com a rotina de trabalho das ACS, mas também ansiava por terminar minha conversa com Dona **W**, fiz um gesto para a ACS, pedindo que me concedesse dez minutos de tempo a mais. Assim a ACS seguiu rumo a suas visitas domiciliares e eu permaneci na moradia de Dona **W**.

Aproveitei o momento de pausa forçada para perguntar a Dona **W** sobre o que ela achava da ideia de atuar junto à UBS. Se ela gostaria de trabalhar com seus benzimentos junto com a equipe de saúde, contribuindo para melhoria da saúde local, e ela me disse que não. Que é muita carga para ela. Expôs para mim que é muito sensível, “*manda, tira e recebe de volta*”, isto é: a pessoa que a procura vem com um problema, ela “manda” sair, ou “tira” da pessoa, mas acaba recebendo a carga negativa de tudo isso no final do processo.

O tempo passava, mas ainda havia alguns minutos para uma última pergunta. Perguntei a Dona **W** quais as contribuições que o benzimento traz para as pessoas que estão ali buscando os serviços de saúde.

Ela respondeu à minha pergunta com outro exemplo, o exemplo do Adalto Botelho<sup>7</sup>. Disse que lá tinha gente internada que ela curou no terreiro. Que alguns funcionários do Adalto Botelho foram atrás dela com alguns internos. Os internos chegavam no terreiro “*doidinhos, doidinhos*” e saíam do terreiro sem saber onde estavam ou o que havia se passado com eles, além de estarem curados. Dona **W** me revelou que seu guia - um caboclo-, havia lhe dito que dentro do Adalto Botelho havia muita gente vivendo, sofrendo e morrendo como louco, mas estavam ali não por doença e sim por motivos espirituais.

Senti que era hora de parar, Dona **W** estava visivelmente cansada e meu corpo também já não me respondia. Não estava me sentindo bem, minha respiração estava difícil, as pernas não davam trégua e não paravam de tremer. Tive medo de cair na sala de Dona **W**. Desliguei o gravador.

Dona **W** ainda conversou comigo por um tempo e eu já não olhava para rua para esperar a ACS. Queria ouvir mais Dona **W** e ao mesmo tempo queria conversar. Mas era preciso sair dali, poupar Dona **W** – e talvez me poupar também- então juntei minhas coisas, me despedi de Dona **W**, que me pediu que voltasse em sua

---

<sup>7</sup> Antigo Hospital psiquiátrico do Estado do ES.

casa com mais tempo, e quando quisesse. Refez o pedido de interceder por ela junto à UBS.

O que vivi na morada de Dona **W** foi muito intenso, precisava de um tempo para me recuperar de tudo. Estava desvitalizada. Era preciso ar, era preciso ver o céu, queria retirar a sapatilha e pisar no chão da rua mesmo sendo um asfalto duro, preto e quente. Precisava recuperar as energias e desejei descansar ao invés de seguir o caminho atrás da próxima benzedeira. Mas não pude ouvir meu corpo. A pesquisa seguia e o tempo dela é bem diferente do tempo do corpo.

Saindo da casa de Dona **W** encontrei a ACS me esperando na esquina. Ela logo perguntou como foi o encontro, pedindo-me para contar tudo. Mas não estava em condições de contar nada. Disse apenas que o encontro foi bom, e mudei de assunto.

A ACS encontrou uma senhora de sua área e se pôs a conversar. Aproveitei esse momento para tentar me recompor. Parar de tremer, respirar um pouco, me movimentar. Era preciso ficar com a cabeça tranquila, pois iria encontrar a Dona **A**. A ACS se despediu da senhora e me perguntou se me incomodava de ir com ela a uma visita domiciliar.

Disse que não me importava – caminhar um pouco me faria bem, poderia quem sabe de novo sentir meu corpo e fomos andando pelas ruas do Bairro **G**. Entramos em rua, subimos escada, uma parada para conversa e voltamos ao percurso.

Chamou aqui, chamou ali. Quase onze horas da manhã e muitos dormiam. Quando chegamos à casa que a ACS iria fazer a visita domiciliar, ela me fez um sinal.

O sinal era para que eu não mencionasse o assunto “benzedeira”, pois ali era uma casa de evangélicos. Captei o sinal e entrei naquela casa. A visita transcorreu dentro da normalidade, conversamos sobre assuntos relacionados à saúde e seguimos em sentido à moradia de Dona **A**.

Durante o percurso, já com o corpo mais firme, tentava elaborar algum pensamento. Os olhos, presentes em todo o corpo, estavam abertos. Estava completamente

sensível a aquele Bairro **G** e a seus moradores. As cenas se repetiam em minha cabeça, e muitas delas me tocavam. À medida que caminhava e que conhecia novas pessoas, tinha que mudar de comportamento diante delas.

Os fatos, as cenas, tudo crescia rapidamente como uma bola de neve descendo geleira a baixo sem controle. O sentimento mais forte era em relação à exclusão das benzedeadas. Elas se tornaram “persona non grata” em muitos ambientes, e eu, como procurava por elas, também não era querida.

Quando comecei a pesquisar sobre as benzedeadas percebi alguns comentários maldosos, certos afastamentos, mas ignorava, relevava e deixava passar, mas perceber, sentir e sofrer até onde vão esses afastamentos e essa exclusão é diferente. Tornei-me parte do mundo das benzedeadas.

la pensando e andando, até chegarmos à morada de Dona **A**. Ela havia recebido a visita de seu filho que mora em uma residência terapêutica em outra cidade. Estava feliz com a visita, era dia de festa na casa dela, com direito a bolo e refrigerante. Os outros familiares estavam presentes e quando souberam que fui até lá para conversar com Dona **A** se sentiram felizes e animados.

Percebo logo de inicio que Dona **A** é muito querida pelos filhos, netos e vizinhos. Todos sabem que ela benze, e ali naquela casa, não há vergonha, ou motivo para esconder seu oficio. Entrei na moradia de Dona **A** e logo me deparei com uma mesa na sala, bem na entrada da casa debaixo de uma janela, que se assemelhava a um altar, com as figuras e imagens que Dona **A** mantinha. Tudo muito arrumado, e com flores.

A ACS, do lado de fora da moradia, pediu que a neta da Dona **A** me ajudasse, pois Dona **A** estava se recuperando de um acidente vascular cerebral e sua fala ainda estava prejudicada.

Antes de a neta chegar, sentei no sofá bem ao lado de Dona ▲ e comecei a conversar com ela. Ao ver que eu estava entendendo o que ela me dizia, assim como ela me entendia, dispensei a ajuda da neta.

Com uma pouco de dificuldade Dona ▲ assinou o TCLE e voltamos a conversar. Natural de Afonso Cláudio – ES tem 82 anos e reside em Vitória há 30 anos. Ela me fala que na época em que começou a benzer tinha nove anos de idade, e era de uma família católica. Mas perto de onde morava havia um centro espírita, que as mulheres desse centro se reuniram e foram até ela para dizer-lhe que era médium e que tinha que “trabalhar”. Então foi para Campo Grande:

*“fui para Campo Grande, pois lá tinha um terreiro que era guiado por um daqui e o caboclo veio, conversou, trabalhou e disse que eu iria trabalhar enquanto ele quisesse”*

(Dona ▲).

Junto a essa história, Dona ▲ conta a história da morte de seus filhos. Mistura o passado com o presente, mas deixa entender que ela ficou doente depois da morte de seus filhos. Segundo ela, no enterro dos dois ela caiu, indo direto para o hospital onde permaneceu internada por dois meses, sem falar nada; aos poucos foi melhorando e foi para casa.

Mas, devido aos problemas de saúde, ela não pode fazer muita oração, nem benzer, senão segunda ela, ficará ruim de novo, me alertou dizendo que se benzesse na situação em que está, enfraqueceria mais.

As benzedeadas que encontrei em meu cultivo, por estarem doentes, só benzem em situações especiais, que variam de uma para outra e de acordo com a enfermidade de benzedeadas. Todas alegam que ao benzer alguém estando doente, ficariam mais fracas e poderiam ter sua condição de saúde piorada.

Pergunto se benzer é um dom. E ela me disse que vem de Deus, e que ninguém ensinou. “*É o guia mesmo, o guia que dá força.*” Dona ▲ não escolhe quem benzer e benze independentemente do tamanho e a todos que a procuram, sempre em nome de Jesus. As pessoas aparecem reclamando de:

*“doença boa, outros de doença ruim, olhado... tanta coisa. Vem também problemas de saúde, picada, feridas, vem de tudo benzer”*

(Dona ▲).

Começando a perceber um desconforto em Dona ▲, não sei se pelo cansaço ou pelas emoções do dia, tentei abreviar minhas perguntas. Da mesma forma, ela também já começava a ser breve nas respostas.

Queria saber se Dona ▲ considera o benzimento como uma missão, e ela rapidamente me diz que é uma missão. Ainda me fala que se a pessoa está em necessidade ela benze, devagar, mas benze. As benzedeadas se preocupam em cumprir sua missão, ajudando a todos que necessitam mesmo não tendo às vezes condições para tal (VAZ, 2006).

Pergunto se ela gostaria de benzer junto com a unidade de saúde, se gostaria de atuar junto deles. E ela me diz que o pessoal da saúde não tem ido lá. Repito a pergunta de uma forma mais direta, perguntando se ela gostaria de trabalhar junto com as agentes de saúde, e o pessoal da unidade de saúde e ela me responde logo que não.

Então pergunto a ela se já sofreu algum preconceito ali de vizinho, de igreja e ela me diz: “*eu perdi o pensamento todinho*”. E quando ele tenta voltar ela diz que não sofreu nem sofre preconceitos.

Nesse momento via que a minha benzedeadora estava completamente exausta e achei por bem encerrar a entrevista. Agradei Dona ▲, me despedi, e ela da mesma forma

que Dona **W** me pediu para retornar à sua morada outras vezes. A ACS entrou na casa de Dona **A** para lhe agradecer e me pegar para continuarmos com a caminhada.

Sai da morada de Dona **A** esgotada. Minhas energias escoavam do meu corpo, estava cansada. A ACS novamente me perguntou como havia sido meu encontro, ela queria saber como estava Dona **A**, se ela havia conseguido responder minhas perguntas “adequadamente”. E lhe disse que sim, contei-lhe que dispensei a neta de Dona **A** e que o nosso encontro tinha sido bem produtivo, Dona **A** me respondeu tudo “adequadamente”.

Assim seguimos rumo à outra visita, seria a última visita da manhã. Eu seguia a ACS automaticamente. Subimos mais morro e mais escada até chegarmos na última casa desta parte do morro. A sensação de estar no alto vendo todas as outras casas é incrível. Essa visita me ajudou a relaxar um pouco, a respirar outros ares, ver de perto a pedra que encerra o morro, assim como pensava que iria encerrar minha visita ao Bairro **G**.

Na descida do Bairro **G**, já retornando para UBS, a ACS e eu continuamos a conversar - estava acompanhada apenas por uma ACS, pois a outra havia ido para o outro lado do bairro – e, de repente, ela pergunta qual era a minha religião. Dei a resposta para ela e esperei um tempo, achei por bem devolver-lhe a pergunta. A ACS me relatou ser Testemunha de Jeová, e me disse que a outra ACS também era evangélica, mas pertencente à outra igreja.

Foi me relatando que as pessoas ali daquele bairro, principalmente as mais idosas, quando se aproximavam da hora da morte, começavam a ficar mais religiosas, como se essa ida para religião fosse uma tábua de salvação para elas.

Comentei com ela que, era muito interessante, sendo ela da Testemunha de Jeová, e a outra ACS me apontarem a morada das benzedeiras.

Aqui abro um parêntese nesta história para comentar minhas percepções em relação as ACS e as benzedeiras. Elas me apontaram e me levaram até as moradas

das benzedeadas. A caminho da moradia de Dona **W**, a ACS estava incomodada de ter que falar com ela, havia um receio. Ela estava preocupada com a abordagem e nos perguntava como ela poderia bater na porta de Dona **W** e dizer que havia me levado até ela, pois eu estava procurando por Benzedeadas. Nesse momento achei estranho, mas ainda desconhecia os acontecimentos e os motivos que levavam a ACS evitar a ida à moradia de Dona **W**.

Não quiseram entrar nas residências das benzedeadas (uma delas entrou quando foi convidada, perguntou sobre a saúde da benzedeadas e saiu, ficando na varanda da casa, conversando sobre outro paciente). Aqui fecho o parêntese.

A ACS que ainda me acompanha disse que, malgrado sua religião, tenta atender a todos da melhor maneira possível. Que deixa sua religião de fora e que evita ficar “evangelizando” aqueles que não são da mesma religião que a sua. Senti que a ACS estava sendo sincera, ela não queria que isso influenciasse suas atividades.

Não estava ali para julgar o comportamento das ACS diante de um único encontro, mas podia notar que o contato entre elas e as benzedeadas era o mínimo possível.

Chegamos enfim na USB, me despedi da ACS que me acompanhava e agradei sua ajuda, assim como deixei agradecimentos para a outra ACS. Fui então pegar minhas coisas na sala da enfermeira da unidade. Ao me reencontrar, ela perguntou-me como haviam sido as visitas e rapidamente conversamos. Comentei com ela sobre as ACS evangélicas, e ela me disse que é raro encontrar uma ACS na unidade que não seja evangélica.

Despedi-me de todos e encerrei meu dia de cultivo no Bairro **G**. Estava saindo daquele bairro, mas meu pensamento permanecia preso ali. Entrei no ônibus a caminho de casa e durante o percurso me sentia perdida. Era preciso encerrar aquele dia, recarregar as energias e ficar pronta para os próximos cultivos. Ao invés de ir para casa, fui para o parque botânico. Contava com a companhia de meu sobrinho e de sua amiguinha, fui buscar um pouco de ar fresco, pisar no chão, escutar passarinhos e risadas de criança.

No outro dia, já mais energizada, diante da necessidade de ir atrás das benzedeiças dos outros territórios, me concentrei na busca ativa. Segui então com o cultivo.

No Território **E**, que no início da pesquisa pensara ser o território mais tranquilo para obter informações pois recebera muitos contatos de trabalhadores de lá, tornou-se o mais complicado e demorado. Não conseguia falar com a USB, nem com todos os telefones que os amigos haviam me passado.

Foi aí que sentei, respirei, busquei outros telefones e liguei para cada telefone que ia encontrando por várias vezes. Ia ligando, ligando, ligando e aqueles que não atendiam eram riscados.

Até que ouço um “alô” do outro lado da linha. E assim, depois de muitas e muitas tentativas, dei início à minha busca pelas benzedeiças do Território **E**. Conversei com uma ACS, pedi ajuda para ela e combinamos uma nova conversa, no dia seguinte.

Liguei no outro dia, ela não havia chegado ainda na USB. Mas eu não podia perder a oportunidade, então pedi para falar com outra ACS. Ela me disse que sua colega de trabalho já havia conversado com alguns deles, mas que muitos não estavam ali no momento para responder. Pediu que eu ligasse novamente no outro dia.

Mais um dia se passou. Desta vez ninguém atendeu quando eu liguei. Liguei novamente e nada. Tentei mais algumas vezes durante esse dia, mas sem sucesso. Fim do dia.

Não conseguia mais falar com a unidade do Território **E**. Liguei todos os dias durante quase uma semana inteira, e bem na sexta-feira eis que alguém atendeu ao telefone. Assim pude conversar com a primeira ACS, que me relatando sua pesquisa entre os demais ACS, disse-me que no Território **E** não havia mais benzedeiças. “– Não sei se por bem ou por mal, mas não tem mais. As que eram benzedeiças agora viraram evangélicas.”

Em meu pouso, no Território **E**, coloquei-me a refletir sobre a frágil identidade daquelas benzedeiças sob a coação religiosa de comunidades cristãs que as

qualificavam como bruxas e pecadoras, como se ainda estivéssemos sob o estigma do *Malleus Maleficarum*.

O medo e o histerismo se espalhavam por toda a Europa. As bruxas – grande parte mulheres- seriam capazes de fazer pactos com o diabo, causando danos às pessoas, além de produzirem ilusões e heresias. Era preciso reprimir a mulher em favor da dinâmica patriarcal (KRAMER e SPRENGER, 1991).

E assim as mulheres, a fim de causar alterações nos corpos de outras pessoas, às vezes se servem de certos elementos, que ultrapassam nossa compreensão, mas não sem a ajuda do diabo. E porque tais remédios são misteriosos, não lhe devemos atribuir aos poderes do diabo como havemos de atribuir às fórmulas malignas forjadas pelas bruxas (KRAMER e SPRENGER, 1991, p. 66)

Na Idade Média as mulheres consideradas bruxas eram perseguidas pelo Tribunal do Santo Ofício; na contemporaneidade as benzedeadas são perseguidas pelas igrejas cristãs de denominação neopentecostais.

O ofício de benzer está ameaçado na Área de Saúde de Maruípe. Ao morrerem, as benzedeadas que foram entrevistadas irão levar consigo toda sua cultura, pois não transmitiram seu ofício.

Poderíamos pensar que, assim como outras profissões, o ofício de benzer será extinto e substituído por outra prática/ofício ou profissão. Por outro lado, há de se considerar os movimentos de resistência e de manutenção da cultura popular.

Hall (1999) relata que é possível que exista um fortalecimento das identidades locais diante de grupos étnicos dominantes, uma vez que estes se sentem ameaçados pela presença de outras culturas.

O mesmo autor ainda coloca que, na era da globalização, do compartilhamento, da mistura cultural, as identidades podem retornar às suas raízes, ou simplesmente desaparecerem através da assimilação e da homogeneização. Bem como está acontecendo às benzedeadas que aceitam Jesus e param de benzer.

Diante desse fato, considerei assim encerrado meu cultivo no Território **E**. Passei então a buscar benzedeiros no Território **B**.

A busca pelas benzedeiros no do Território **B** contou com ajuda de algumas fontes de informação. Alguns moradores diziam que a benzedeira dali havia falecido, mas não tinham certeza. Considerei que seria melhor ligar para USB e conversar com as ACS, pois elas conhecem muito bem seu Território de trabalho. Liguei para USB uma vez, duas vezes, algumas vezes. Quando consegui estabelecer contato com a USB pedi para conversar com alguma ACS.

Feitas as apresentações e as explicações sobre a proposta da minha pesquisa, a ACS se dispôs a conversar com seus colegas de trabalho para me ajudar a localizar as benzedeiros. Combinei ligar no outro dia.

No outro dia, no horário combinado, liguei pra USB e conversei com a ACS, que me passou para outra companheira de trabalho. Esta me disse que em sua área havia uma benzedeira. Mas que ela estava em uma situação ruim, passando por muitos problemas. Sua filha, também idosa, está acamada, e é a própria benzedeira que cuida dela, pois moram sozinhas. A agente de saúde me disse que as visitas de saúde estão sendo feitas às pressas, através de gritos pelos portões, já que a benzedeira está sobrecarregada de tarefa.

Recomendou-me que não fosse até a morada de Dona **Θ**, pois a mesma realmente naquele momento não tinha condições de me receber. A ACS estava saindo de férias e gentilmente me propôs ir lá após esse período ruim de Dona **Θ**, depois que voltasse de suas férias.

Entretanto, o tempo de pesquisa é diferente do tempo que desejamos e, após me aconselhar com o meu orientador, decidimos por bem deixar esta benzedeira para outra oportunidade. Mas saber da existência de mais uma benzedeira na área de Maruípe foi muito bom para mim, foi um incentivo para dar continuidade às buscas.

Mais um novo dia de cultivo. Animada e disposta a descobrir outras benzedeiros na Área de Saúde de Maruípe.

Fui atrás de informações sobre o Território **C**. Não conhecia ninguém que more nesse Território, ou que trabalhe ali. Não havia contatos próximos a mim. Mais uma vez usei o recurso de ligar para USB.

E me pus diante do telefone, começando mais um dia de ligações. Sem muita demora consegui falar com um dos ACS. Expliquei-lhe sobre a pesquisa e se havia condições de me oferecer ajuda. Ela gentilmente disse que sim, que iria conversar com os outros ACS, e marquei de pegar a resposta com ela em dois dias.

Dois dias se passaram e retorno a ligação para a USB do Território **C**. A ACS me informou que ali não havia mais benzedeadas. Agradei a ACS e mandei agradecimentos aos outros ACS. Desliguei o telefone.

Durante meu cultivo, fui me aproximando de pessoas com as quais não mantinha contato e estas me ajudavam da forma que conseguiam. Conto isso para entrar no cultivo do Território **A**. Mais uma vez, o acaso se fez presente nesta pesquisa.

Em uma conversa informal com as funcionárias do CCS – aquelas que eu já conhecia - a que me levou até o Território **D** me perguntou como andavam as buscas pelas benzedeadas. Respondi-lhe que já havia encontrado algumas benzedeadas em meu caminhar e que faltava apenas um território para verificar.

Nesse tempo de conversa, outra funcionária me perguntou sobre o Território **A**, pois ela poderia me ajudar, caso desejasse. Mais que depressa disse que sim, que queria sua ajuda, pois era exatamente o território que estava faltando para concluir minha busca.

A funcionária imediatamente ligou para sua mãe, moradora antiga do Território **A**, solicitando informações. Sua mãe lhe disse que ali havia uma benzedeadas antiga e muito conhecida por todos, entretanto havia falecido. Mas que retornasse a ligação na hora do almoço que iria, enquanto isso, verificar com seus vizinhos se eles tinham conhecimento de outra benzedeadas.

Esperamos. No retorno da mãe da funcionária, a mesma resposta: sem benzedeadas, a que eles conheciam havia falecido.

Agradei a funcionária do CCS pela disposição e empenho em me ajudar, assim como sua mãe. Fui para casa. Como que para confirmar a existência de benzedeira no Território **A**, ou ainda para ouvir uma resposta diferente, ligo para USB.

Conversei com a ACS da USB e expliquei a pesquisa e perguntei se ela poderia me ajudar; aceita a proposta, retornei a ligação no dia seguinte.

A ACS me passa para outra ACS e esta me diz que há um senhor bem idoso que já não benze mais no Território **A**. Segundo ela, o senhor se converteu e agora é evangélico. Tentei combinar uma ida à morada deste senhor, mas a ACS, não se dispôs a me indicar o local de sua casa. Agradei pela informação e desliguei o telefone.

Mais uma vez ouvia que um benzedor havia aceitado Jesus. Quantos mais não se converteram?

No dia seguinte fui atrás da funcionária do CCS para que ela me ajudasse a localizar esse senhor. Mas em vão. Tentamos contato com os moradores mais antigos (através de sua mãe) e ninguém sabia sobre o senhor que era benzedor.

Diante da situação foi preciso encerrar a busca no Território **A**, concluindo o meu cultivo na Região de Saúde de Maruípe.

O que percebi com essa Região de Saúde é que as benzedeiras estão sumindo, morrendo ou se tornando protestantes.

## 6- CONSIDERAÇÕES SOB BENZEDEIRAS E O SIGNO DA MEMÓRIA E PRESERVAÇÃO

Então Di Cavalcanti, Oiticica e Frida Kahlo  
têm o mesmo valor que a benzedeira do bairro  
Disse que não ali o recém formado entende,  
Não vou espera você ficar doente... (CRIOLO, 2011)

No início desta pesquisa havia uma premissa de que as benzedei­ras pudessem se interessar de ter seu ofício articulado ao SUS junto às unidades de saúde, assim como aconteceu no Estado do Paraná com as cidades de São João do Triunfo e Rebouças. As benzedei­ras de Maruípe me responderam a esse questionamento de diversas maneiras, mas todas se negaram a se institucionalizar, já que isso significaria uma demanda de benzimentos aumentada e obrigatória, o que contraria a lógica da atenção prestada pelas mesmas, que só benzem de acordo com a conveniência: sentindo-se bem, praticam o benzimento; estando desvitalizadas evitam benzer.

Aliás, benzedei­ras não atendem à “demanda”. Atendem às necessidades de quem as procura. Não há hora agendada, nem data, nem dinheiro envolvido. Há apenas a necessidade.

Benedei­ras não cobram pelo atendimento, mas abrem exceções para receber doações (alimentos, velas, plantas). Algumas se dizem possuidoras de um dom e/ou de uma missão designada por Deus, mas todas seguem o preceito de que o ofício de benzer não pode ser comercializado. Não se vende benzimento. Segundo elas, não se paga o que não é delas e sim de Deus.

A pesquisa foi marcada pela “disputa” diária entre benzedei­ras e correntes religiosas pentecostais, numa disputa desigual marcada pelo enfrentamento dessas correntes

religiosas contemporâneas, numa força tão grande que é capaz de dizimar um Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro construído ao longo dos séculos.

A quantidade de benzedeadas diminui a cada dia - umas morrem sem que outras se interessem em aprender o seu legado, outras se deixam cooptar por uma denominação religiosa e assim abandonam a prática – e as que ainda resistem como guardiãs do ofício de benzer – na Área de saúde de Maruípe-, estão doentes e/ou muito idosas.

As considerações sobre os motivos que fazem com que a quantidade de benzedeadas diminua diariamente, entrando em extinção, poderiam estar pautadas na questão de que: as benzedeadas estão em extinção porque realmente não se justifica mais a existência das mesmas ou porque elas estão impossibilitadas de fazer o retorno à tradição frente às ameaças (religiosas)?

Em contrapartida, na contemporaneidade, o ofício das benzedeadas enfrenta uma crise de vocação o que impede que as benzedeadas existentes atualmente repassem seu ofício, fazendo com que todo seu legado morra. Outro fator de impedimento para a existência desta tradição é que no mundo atual em que vivemos ninguém consegue sobreviver sem um trabalho remunerado.

Enquanto no espaço em que pesquisamos as benzedeadas vivem sob o estigma da extinção, dada a efervescência do movimento pentecostal, em outros contextos culturais do Brasil, o que se observa, é um movimento de resgate e valorização cultural das benzedeadas.

Uma das formas de fortalecimento da identidade cultural das benzedeadas - a exemplos de cidades que as utilizam como ferramenta de apoio na assistência à saúde local- seria contar com a participação delas no sistema de saúde do município de Vitória. Mas todas relataram que seria um fardo a mais para elas, que não se sentiriam bem, que não queriam para si a responsabilidade de outros.

Uma proposta de resgate e manutenção cultural das benzedeadas da Área de Saúde de Maruípe seria a criação de um grupo semelhante ao Movimento Aprendizes da Sabedoria (MASA).

O MASA luta para o reconhecimento público e valorização das práticas tradicionais, bem como dos agentes dessas práticas, e realizou em novembro de 2012 o 2º Encontro das Benzedeadas do Centro Sul do Paraná, onde reivindicaram a sua participação social, a valorização de seu ofício, seu reconhecimento e entre outras reivindicações o desejo de realizar um Encontro Nacional das Benzedeadas (REDE PUXIRÃO DE POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS, 2014).

No Encontro, as benzedeadas também assumiram o compromisso de motivar as comunidades, disponibilizando seus conhecimentos para que estes sejam de uso da comunidade, e prometeram lutar contra todas as formas de repressão e marginalização dos saberes tradicionais de cura (REDE PUXIRÃO DE POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS, 2014).

Evans (2014) considera que a forma mais simples e rápida, de valorizar culturalmente as benzedeadas é a divulgação de seu ofício através da mídia. Nessa crença, a autora apresentou uma matéria em um caderno especial de um jornal de ampla circulação no estado de Minas Gerais (ANEXO D), sobre a valorização e o resgate do ofício de benzer.

O título da reportagem de capa é : “Longe do Fim”. Onde se lê “Considerados anjos, os benzedeados (como são chamados pela reportagem) carregam em si a fé e as boas energias que passam para outras pessoas. Em Minas Gerais, há um estudo para transformar o ato de benzer em bem imaterial”.

A reportagem do caderno sobre os benzedeados ocupa um espaço de destaque e é muito bem explorada. Fala da proposta de transformar o ofício de benzer em Minas Gerais em patrimônio imaterial e também da possibilidade de extinção dos benzedeados. A reportagem apontou que a busca pelos benzedeados cresce diariamente e destaca a opinião de Stephen Simim, filósofo e professor de religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG):

Eles têm algo incrível. São reconhecidos nas comunidades onde vivem, acolhem quem os procura e não cobram pelo que fazem. São pessoas boas, a maioria é de baixa renda, e não quer status nem fama. É algo milenar. Há o efeito da contemporaneidade, claro. Mas essas pessoas não vão desaparecer (Stephen Simim, 2014).

Hall (1999) afirma que, apesar de vivermos em um mundo globalizado, o retorno à etnia é possível e as tradições podem ser preservadas. Os resultados a que chegamos neste estudo dão conta de um movimento contrário: as benzedeadas de Maruípe – uma das áreas mais tradicionais de Vitória, uma cidade com 479 anos de existência -, estão vivenciando um processo de extinção. Trata-se, no entanto, de um fenômeno local, visto que em muitas cidades brasileiras o que se tem dado é um processo de resgate desta herança cultural.

Uma questão neste estudo, no entanto, ficou em aberto: em todas as rodas de conversa no espaço acadêmico, sempre que tive oportunidade de dialogar sobre as benzedeadas, os meus colegas ou professores mostraram-se muito interessados em conhecer, para se beneficiar do ofício das mesmas.

Isso aponta que, movimentos de pressão à parte, compete à academia desenvolver um movimento de empoderamento dessas mulheres, à revelia de toda a reconfiguração religiosa dessa área. Trata-se, portanto, de se criar na formação do profissional da saúde e na educação permanente dos profissionais em exercício um sentimento de valorização e divulgação da diversidade religiosa.

## 7- REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. W. B. Boletim Informativo - conhecimentos tradicionais e mobilizações políticas: o direito de afirmação da identidade de benzedoras e benzedores, município de Rebouças e São João do Triunfo, Paraná. **Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil**, Manaus, v. 1, n. 1, abr. 2012. ISSN 2237-4922.

ALMEIDA, A. W. B. Os movimentos indígenas e a autoconsciência cultural - diversidade linguística e identidade coletiva. **Raízes**, Campina Grande, v. 33, n. 1, p. 137-152, jan./jun. 2011. Disponível em: <[http://www.ufcg.edu.br/~raizes/artigos/Artigo\\_264.pdf](http://www.ufcg.edu.br/~raizes/artigos/Artigo_264.pdf)>.

ALVES, J. E. D.; BARROS, L. F. W.; CAVENAGHI, S. A dinâmica das filiações religiosas no Brasil entre 2000 e 2010: diversificação e processo de mudança de hegemonia. **REVER - Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, v. 12, n. 2, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/14570/10595>>. Acesso em: 04 jan. 2014.

AMADOR, F.; FONSECA, T. M. G. Da intuição como método filosófico à cartografia como método de pesquisa: considerações sobre o exercício cognitivo do cartógrafo. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 61, n. 1, p. 30-37, 2009. ISSN 1809-5267.

ANDRADE, C. D. **Antologia poética**: (organizada pelo autor). 24ª. ed. Rio de Janeiro: Record, 1990.

ARAÚJO, A. M. **Medicina rústica**. 2ª. ed. [S.l.]: Brasiliense, 1977.

BAREMBLITT, G. **Compêndio de Análise Institucional e outras correntes**: Teoria e Prática. Belo Horizonte: FGB/IFG, 2012.

BOFF, L. O cuidado essencial: princípio de um novo ethos. **Revista Inclusão Social**, Brasília, v. 1, n. 1, out./mar. 2005. ISSN 1808-8678. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/inclusao/index.php/inclusao/article/view/6/11>>. Acesso em: 22 ago. 2013.

BOFF, L. **Saber cuidar**: ética do ser humano - compaixão pela terra. 12ª. ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1999. 200 p.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1992.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA. **Normas para pesquisa envolvendo seres humanos (Res. CNS nº 196/96 e outras)**. 2ª. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2003. 64 p. ISBN 85-334-0593-6. Disponível em: <[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/norma\\_pesq\\_serres\\_hum.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/norma_pesq_serres_hum.pdf)>. Acesso em: 08 abr. 2012.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. SECRETARIA DE ATENÇÃO À SAÚDE. **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS - PNPIC-SUS**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. 92 p. ISBN 85-334-1208-8.

CAPRA, F. **O Ponto de Mutação: A Ciência, a Sociedade e a Cultura emergente**. [S.l.]: Ed. Cultrix, 2006.

COELHO, H. **A Benzedeira**. Rio de Janeiro, 2002. 1 gravura, pintura naïf.

COSTA, E. P. **Benzedeiras no sistema oficial de saúde do Ceará: relações entre religiosidade e medicina popular**. 2009. 83 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2009.

COSTA, F. **Profissão benzedeira**. Disponível em: <<http://redepuxirao.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 10 Julho 2012.

CRIOLO. Sucrilhos. In: CRIOLO. **Nó na orelha**. São Paulo: Oloko Records, p2011. 1 CD. Faixa 7.

DEL PRIORE, M. Magia e medicina, uma união obscura. In: DEL PRIORE, M.; M.; BASSANEZI, C. B. **História das mulheres no Brasil**. 9ª. ed. São Paulo: Contexto, 2009. p. 90-91.

DELEUZE, G. et al. **Lógica del sentido**. Barcelona: Paidós, 1994.

DERENZE, L. S. **Biografia de uma ilha**. Vitória: Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, 1995.

DIAS, N. M. O. **Mulheres: sanitaristas de pés descalços**. São Paulo: HUCITEC, 1991.

DONATO, H. O Éden americano: foi no interior do Brasil que a serpente ofereceu a Eva um suculento maracujá. **Revista Problemas Brasileiros**, v. ano 38, n. 343, jan./fev. 2001. Disponível em: <[http://www.sescsp.org.br/sesc/revistas\\_sesc/pb/artigo.cfm?Edicao\\_Id=94&breadcrumb=1&Artigo\\_ID=1022&IDCategoria=1177&reftype=1](http://www.sescsp.org.br/sesc/revistas_sesc/pb/artigo.cfm?Edicao_Id=94&breadcrumb=1&Artigo_ID=1022&IDCategoria=1177&reftype=1)>. Acesso em: 19 fev. 2014.

EVANS, L. Longe do Fim. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, Caderno Bem Viver, p. 1, 13 abr. 2014.

FARINHA, A. C.; SILVA, M. C. **Benzedeiras renovadas: A influência do movimento carismático na atividade das mulheres benzedeiras (1973-2002)**. 2011. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Goiás, 2011.

FERREIRA, L. O. Medicina Impopular : ciência médica e medicina popular nas páginas dos periódicos científicos (1830-1840). In: CHALHOUN, S., et al. **Artes e ofícios de curar no Brasil**. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

FIGUEIREDO, T. A. M.; SIMÕES, F. L.; BONALDI, C. M. O território do Bonfim: espaço de produção de conhecimento em saúde. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, Fortaleza, v. 24, n. 1, p. 73-79, jan./mar. 2011. Disponível em: <<http://ojs.unifor.br/index.php/RBPS/article/view/2054>>. Acesso em: 11 nov. 2013.

GASPAR, L. **Medicina popular. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife**. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 13 jul. 2012.

GUATTARI, F. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: Cartografias do desejo**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

HALL, S. **A identidade cultural na pós modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu Silva e Guaraciaba Lopes Louro. 3ª. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

IBGE- CENSO DEMOGRÁFICO 2010. **Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. 215 p. ISSN 0104-3145. Disponível em: <<http://loja.ibge.gov.br/censo-demografico-2010-caracteristicas-gerais-da-populac-o-religi-o-e-pessoas-com-deficiencia.html>>. Acesso em: jan. 2014.

IBGE. Perfil de Vitória. **Cidades**, 2013a. Disponível em: <<http://cod.ibge.gov.br/233VI>>. Acesso em: 31 out. 2013.

IBGE. Histórico de Vitória. **Cidades**, 2013b. Disponível em: <<http://cod.ibge.gov.br/9SP>>. Acesso em: 31 out. 2013.

IPHAN – INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Patrimônio histórico**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal>>. Acesso em: 01 abr. 2013.

JOHARI, H. **Chakras: Energy Center for transformation**. Rochester: Destiny Books, 1999. ISBN 978-089281760.

KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2009.

KRAMER, H.; SPRENGER, J. **Malleus maleficarum - o martelo das feiticeiras**. Tradução de Paulo Fróes. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos, 1991. 528 p.

LAPLANTINE, F.; RABEYRON, P. L. **Medicinas paralelas**. Tradução de Ramon Américo Vasques. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989. 120 p.

LEAL, O. F. Benzedeiras e bruxas: sexo, gênero e sistema de cura tradicional. **Cadernos de Antropologia**, Porto Alegre, n. 5, p. 7-22, 1992.

LIRA, P. S. Violência Urbana: uma análise no município de Vitória – ES. **Anais do Seminário Nacional da Pós-Graduação em Ciências Sociais - UFES**, Vitória, v. 1, n. 1, 2011. ISSN 2237-3314. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/SNPGCS/article/viewFile/1591/1190>>. Acesso em: 03 fev. 2014.

LOPES, R. C. **Bruxas, feitiçeras e curandeiras**: a mulher na Inquisição. Disponível em: <[http://www.pimenet.com.br/noticias.inc.php?&id\\_noticia=1341&id\\_sessao=2](http://www.pimenet.com.br/noticias.inc.php?&id_noticia=1341&id_sessao=2)>. Acesso em: 27 jul. 2012.

LOURAU, R. **Análise institucional e prática de pesquisa**. Rio de Janeiro: UERJ, 1993.

LOYOLA, M. A. **Médicos e curandeiros**: conflito social e saúde. São Paulo: DIFEL, 1984.

LUZ, M. T. Racionalidades médicas e terapêuticas alternativas. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v. 7, p. 108-128, dez. 1995.

MACHADO, M. S. A lógica da reprodução pentecostal e sua expressão espacial. In: SANTOS, M., et al. **Fim de século e globalização**. 4ª. ed. São Paulo: HUCITEC-ANPUR, 2002. p. 224-232.

MARGOTTO, S. B. **Terapias alternativas e medicina científica**: encontro ou confronto? Vitória: EDUFES, 1998. 153 p.

MATOS, I.; GRECO, R. M. Curandeirismo e Saúde da Família: conviver é possível? **Revista APS - Atenção Primária à Saúde**, Juiz de Fora, v. 8, n. 1, p. 4-14, jan./jun. 2005.

MATURANA, H. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Tradução de Cristina Magro e Victor Paredes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001. 203 p.

MELO, E. M. **Podemos prevenir a violência**. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2010. 278 p.

MERHY, E.; CECCIM, R. **Medicalização, medicamentação e corpo sem órgãos**. Disponível em: <<http://www.uff.br/saudecoletiva/professores/merhy/indexados-04.pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2013.

MIAN – Museu Internacional de Arte Naif. **Arte Naif**. Disponível em: Disponível em: <http://www.museunaif.com/>. Acesso em 4 fev. 2014.

MINAYO, M. C. S. Violência social sob a perspectiva da saúde pública. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 10, supl. 1, p. 7-18, 1994. ISSN 0102-311X.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 11ª. ed. São Paulo: Hucitec, 2008. 407 p.

MONTERO, P. **Da doença à desordem, a magia na Umbanda**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

MORRO DO MORENO. Maysa e o Barão de Monjardim. **Morro do Moreno**, 2013. Disponível em: <<http://www.morrodomoreno.com.br/materias/maysa-e-o-barao-de-monjardim.html>>. Acesso em: 28 nov. 2013.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MUHM. **Mulheres e práticas de saúde: medicina e fé no universo feminino**. Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul (MUHM). Mar./ jun. 2008.

NASCIMENTO, M.A.A. **As práticas populares de cura no povoado de Matinha dos Pretos - BA: eliminar, reduzir ou convalidar?** 1997. 34 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Faculdade de Enfermagem – USP, São Paulo, 1997. (Resumo). Disponível em: <[www.uesf.br/sientisbus](http://www.uesf.br/sientisbus)>. Acesso em: 27 jul. 2012.

OLIVEIRA, E. R. **O que é Medicina Popular**. São Paulo: Brasiliense, 1985a.

OLIVEIRA, E. R. **O que é Benzeção**. 2ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985b.

OLIVEIRA, N. Facebook viabiliza trabalho de benzedeira em shopping. **Cidades - Inusitado**, 10 nov. 2013. Disponível em: <<http://www.otempo.com.br/cidades/facebook-viabiliza-trabalho-de-benzedeira-em-shopping-1.744075>>. Acesso em: 27 fev. 2014.

ORO, A. P. Neopentecostais e Afro-Brasileiros: quem vencerá esta guerra? **Debates do NER**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 10-36, nov. 1997.

ORO, A. P. O neopentecostalismo macumbeiro. **Revista USP**, São Paulo, n. 68, p. 319-332, fev. 2006.

ORO, A. P. Intolerância Religiosa Iurdiana e Reações Afro no Rio Grande do Sul. In: SILVA, V. G. **Intolerância religiosa: Impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro**. São Paulo: Ed. USP, 2007. ISBN 978-85-314-1022-2.

PASSOS, E.; BARROS, R. B. Por uma política da narratividade. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2009.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2009. 207 p.

PIMENTA, T. S. Terapeutas populares e instituições médicas na primeira metade do século XIX. In: CHALHOUB, S., et al. **Artes e ofícios de curar no Brasil**. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

POHLMANN, G. G. A medicina popular na Ilha de Santa Catarina. **Revista Santa Catarina em História**, Florianópolis, v. 1, n. 2, 2007.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA. Dados Geográficos. **Vitória em dados**, 2013 a. Disponível em: <<http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/geral/geograficos.asp>>. Acesso em: 28 out. 2013.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA. Primeiros povos indígenas chamavam Vitória de Ilha do Mel. **Turista**, 2013 b. Disponível em: <<http://www.vitoria.es.gov.br/turismo.php?pagina=acidade>>. Acesso em: 28 out. 2013.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA. Localização do município de Vitória no Espírito Santo. **Vitória em dados**, 2013 c. Disponível em: <[http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/geral/dados/localizacao\\_vitoria\\_espiritosanto.pdf](http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/geral/dados/localizacao_vitoria_espiritosanto.pdf)>. Acesso em: 28 out. 2013.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA. Cidade nasceu apenas 34 anos depois da descoberta do Brasil. **Turista**, 2013 d. Disponível em: <<http://www.vitoria.es.gov.br/turismo.php?pagina=historiadevitoria>>. Acesso em: 28 out. 2013.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA. **Plano Municipal de Saúde 2010-2013**, 2013 e. Disponível em: <[http://www.vitoria.es.gov.br/arquivos/20100519\\_saude\\_plano\\_2010\\_2013.pdf](http://www.vitoria.es.gov.br/arquivos/20100519_saude_plano_2010_2013.pdf)>. Acesso em: 01 dez. 2013.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA. Joana D'Arc. **Vitória em dados**, 2013 f. Disponível em: <<http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/bairros/regiao4/joanadarc.asp>>. Acesso em: 29 nov. 2013.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA. Panela de barro é uma tradição quase tão antiga quanto a Ilha. **Turista**, 2013 g. Disponível em: <<http://www.vitoria.es.gov.br/turismo.php?pagina=paneladebarro>>. Acesso em: 28 out. 2013.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA. São Cristóvão. **Vitória em dados**, 2013 h. Disponível em: <<http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/bairros/regiao4/saocristovao.asp>>. Acesso em: 28 out. 2013.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA. Andorinhas. **Vitória em dados**, 2013 i. Disponível em: <<http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/bairros/regiao4/andorinhas.asp>>. Acesso em: 28 out. 2013.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA. Da Penha. **Vitória em dados**, 2013 j. Disponível em: <<http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/bairros/regiao4/dapenha.asp>>. Acesso em: 28 out. 2013.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA. Consolação. **Vitória em dados**, 2013 k. Disponível em:

<<http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/bairros/regiao3/consolacao.asp>>. Acesso em: 28 out. 2013.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA. Bonfim. **Vitória em dados**, 2013 l. Disponível em: <<http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/bairros/regiao4/bonfim.asp>>. Acesso em: 28 out. 2013.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA. Tabuazeiro. **Vitória em dados**, 2013 m. Disponível em: <<http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/bairros/regiao4/tabuazeiro.asp>>. Acesso em: 28 out. 2013.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA. **Santa Martha**, 2013 n. Disponível em: <<http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/bairros/regiao4/santamartha.asp>>. Acesso em: 28 out. 2013.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA. Santos Dumont. **Vitória em dados**, 2013 o. Disponível em: <<http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/bairros/regiao4/santosdumont.asp>>. Acesso em: 28 out. 2013.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA. Santa Cecília. **Vitória em dados**, 2013 p. Disponível em: <<http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/bairros/regiao4/santacecilia.asp>>. Acesso em: 28 out. 2013.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA. São Benedito. **Vitória em dados**, 2013 q. Disponível em: <<http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/bairros/regiao4/saobenedito.asp>>. Acesso em: 28 out. 2013.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA. Itararé. **Vitória em dados**, 2013 r. Disponível em: <<http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/bairros/regiao4/itarare.asp>>. Acesso em: 28 out. 2013.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA. Horto. **História dos bairros**, 2013 s. Disponível em: <<http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/bairros/regiao3/horto.asp>>. Acesso em: 28 out. 2013.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA. De Lourdes. **Vitória em dados**, 2013 t. Disponível em: <<http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/bairros/regiao3/delourdes.asp>>. Acesso em: 28 out. 2013.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA. De Lourdes. **Vitória em dados**, 2013 t. Disponível em: <<http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/bairros/regiao3/delourdes.asp>>. Acesso em: 28 out. 2013.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA. Maruípe. **Vitória em dados**, 2013 u. Disponível em:

<<http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/bairros/regiao4/maruipe.asp>>. Acesso em: 28 out. 2013.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA. Gurigica. **Vitória em dados**, 2013 v. Disponível em: <<http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/bairros/regiao3/gurigica.asp>>. Acesso em: 28 out. 2013.

QUINTANA, A. M. **A ciência da benzedura**: mau-olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise. Bauru: EDUSC, 1999. 226 p.

RAUTER, C. M. B. Percepções da violência nas práticas dos profissionais de saúde: famílias desestruturadas, tiroteios e outras estórias. **Passagens - Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 99-116, jan./abr. 2011. ISSN 1984-2503. Disponível em: <<http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4021721>>. Acesso em: 03 jan. 2013.

REDE PUXIRÃO DE POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS. **Rede Puxirão de Povos e Comunidades Tradicionais**, 2014. Disponível em: <<http://redepuxirao.blogspot.com.br/>>. Acesso em: jan. 2014.

ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2007. 247 p.

ROMAGNOLI, R. C. A cartografia e a relação pesquisa e vida. **Psicologia & Sociedade**, Florianópolis, v. 21, n. 2, mai./ago. 2009. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822009000200003>>. Acesso em: 19 fev. 2014.

SANT'ANA, E.; SEGGIARO, D. **Benedeiras e benzeduras**. Porto Alegre: Ed. Alcance, 2007.

SANT'ANA, E. **Parteiras, Benedeiras e Benzeduras**: uma cultura tradicional. Porto Alegre: Alcance, 2012.

SANTOS FILHO, L. C. **História geral da medicina brasileira**. São Paulo: HUCITEC - Ed. da Universidade de São Paulo, v. 1, 1977.

SANTOS, J. V. T. Violências, América Latina: a disseminação de formas de violência e os estudos sobre conflitualidades. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 8, p. 16-32, jul./dez. 2002. ISSN 1517-4522. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1517-45222002000200002>>. Acesso em: 05 fev. 2014.

SANTOS, M. A. et al. **Fragmentos de vida: entre buracos e afetos**. In: Jornadas Gilles Deleuze, II., 2013, Mar del Plata.

SECRETARIA DA CIDADANIA E DA DIVERSIDADE CULTURAL - MINC. Lei Municipal reconhece benzedoras do Triunfo. **Cultura Viva**, 2014. Disponível em: <<http://www2.cultura.gov.br/culturaviva/lei-municipal-reconhece-benedeiras-do-triunfo/>>. Acesso em: 30 abr. 2014.

SEFAZ - SECRETARIA DE ESTADO DA FAZENDA DO ESPÍRITO SANTO. Patrimônio Histórico. **Espaço Cultural Burle Marx**, 2013 a. Disponível em: <<http://www.sefaz.es.gov.br/painel/patri01.htm>>. Acesso em: 28 nov. 2013.

SEFAZ - SECRETARIA DE ESTADO DA FAZENDA DO ESPÍRITO SANTO. Museu Solar Monjardim. **Espaço Cultural Burle Marx**, 2013 b. Disponível em: <<http://www.sefaz.es.gov.br/painel/museu02.htm>>. Acesso em: 28 nov. 2013.

SILVA, V. G. **Benedeiras**. Curitiba: Máquina de Escrever, 2013. 108 p.

SILVA, V. G. **Candomblé e umbanda - caminhos da devoção brasileira**. 2ª. ed. São Paulo: Selo Negro - Grupo Summus, 2005. 149 p.

SIQUEIRA, K. M. et al. Crenças populares referentes à saúde: apropriação de saberes sócio-culturais. **Texto & Contexto - Enfermagem**, Florianópolis, v. 15, n. 1, jan./mar. 2006. ISSN 0104-0707. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072006000100008>>. Acesso em: 4 nov. 2013.

TESSER, C. D. Práticas complementares, racionalidades médicas e promoção da saúde: contribuições poucos exploradas. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 8, p. 1732-1742, ago. 2009.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VALENÇA, R.; VILA, M. Benedeiras Guardiãs. Intérprete: Martinho da Vila. In: VILA, M. **No Templo da Criação**. [S.l.]: Sony Music, p1992. 1 CD. Faixa 10.

VASCONCELOS, E. M. A terapêutica médica e as práticas populares de saúde. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, mar. 1996.

VASCONCELOS, E. M. Redefinido as práticas de saúde a partir da Educação popular nos serviços de saúde. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 29, n. 79, p. 323-334, set./dez. 2009a.

VASCONCELOS, E.M. A construção conjunta do tratamento necessário. **Caderno de Textos - Grupo de Estudos em Educação Popular e Saúde**. Caderno I, p. 21-31, 2009b.

VAZ, V. **As benedeiras da cidade de Irati: suas experiências com o mundo, e o mundo da benzeção**. 2006. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

VIANNA, C. M. M. Estruturas do sistema de saúde: do complexo médico-industrial ao médico-financeiro. **Physis**, v. 12, n. 2, p. 375-390, 2002.

WITTER, N. A. Curar como arte e ofício: contribuições para um debate historiográfico sobre saúde, doença e cura. **Tempo**, Niterói, v. 10, n. 19, dez. 2005. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-77042005000200002>>. Acesso em: 04 nov. 2013.

## APÊNDICES

## APÊNDICE A

### ROTEIRO DA ENTREVISTA COM AS BENZEDEIRAS

Onde a senhora nasceu?

Qual a idade da senhora?

Há quanto tempo a senhora mora aqui?

Quando a senhora descobriu que tinha o dom de benzer?

Que tipo de pessoas a senhora gosta de benzer?

Por que motivo as pessoas procuram a senhora?

O que mais aparece como problemas para a senhora benzer?

Suponhamos que tem uma pessoa aqui agora que será benzida. Passo a passo, como a senhora faria?

Como a senhora considera essa missão que lhe foi concedida através desse dom?

## APÊNDICE B

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar da pesquisa abaixo discriminada, nos seguintes termos:

Título da pesquisa: Benzedeiros De Maruípe: Uma Prática De Cuidado Humano Em Extinção

Pesquisadora: Juliana Pereira Simões

Orientador: Prof. Dr. Túlio Alberto Martins de Figueiredo

Instituição: Universidade Federal do Espírito Santo / Centro de Ciências da Saúde / Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva

Local de Pesquisa: A pesquisa será realizada no Município de Vitória-ES, na região de saúde de Maruípe.

Objetivos da pesquisa: Conhecer as benzedeiros da Área de Saúde de Maruípe e suas práticas.

Discutir se os profissionais, médicos e enfermeiros, que integram a Equipe de Saúde da Família das unidades de saúde da Área de Saúde de Maruípe conhecem as benzedeiros locais e que relações estabelecem com as mesmas.

Sujeitos da pesquisa: Benzedeiros moradoras na Região de Saúde de Maruípe, médicos e enfermeiros que compõem a equipe da Estratégia de Saúde da Região de Saúde de Maruípe, Agentes Comunitários de Saúde.

Método: Entrevista individual semiestruturada

Instrumentos de coleta de material: gravador, diário de campo.

## INFORMAÇÃO AO ENTREVISTADO SOBRE O TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O (a) Sr (a) está sendo convidado para participar de uma pesquisa, coordenada por um profissional de saúde agora denominado pesquisador. Para participar, é necessário que você leia este documento com atenção. Qualquer dúvida solicite ao pesquisador os esclarecimentos necessários. O propósito deste documento é revelar a você as informações sobre a pesquisa e, se assinado, dará a sua permissão para participar do estudo. Sua participação na pesquisa é voluntária, ou seja, você só deve participar do estudo se quiser. Você pode se recusar a participar ou se retirar deste estudo a qualquer momento. O pesquisador coletará informações que serão mantidas de forma confidencial, sua identidade não será revelada em nenhuma circunstância. Os dados coletados poderão ser utilizados em publicações científicas sobre o assunto.

### CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Após a leitura do termo e a explicação de todos os itens pelo pesquisador, eu concordo que os dados coletados para o estudo sejam usados para o propósito acima descrito.

Eu entendo que sou livre de aceitar ou recusar, e que eu posso interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento. Eu entendi a informação apresentada neste termo de consentimento. Eu tive oportunidade para fazer perguntas e todas as minhas dúvidas foram respondidas.

Eu recebi uma cópia assinada e datada deste documento de Consentimento.

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa.

Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

---

Assinatura do participante da pesquisa

---

Assinatura do pesquisador

---

Assinatura do orientador

Telefones para contato:

Professor Tulio Alberto Martins de Figueiredo: (27) 9891-7601

Juliana Pereira Simões: (27) 8181-7089

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde UFES:  
(27)333572111

**ANEXOS**



## PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Benzedeadas e profissionais de saúde: uma aliança possível na atenção do usuário do Sistema Único de Saúde?

**Pesquisador:** Juliana Pereira Simões

**Área Temática: Versão:** 3

**CAAE:** 11347613.0.0000.5060

**Instituição Proponente:** Centro de Ciências da Saúde

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 384.287

**Data da Relatoria:** 04/09/2013

**Endereço:** Av. Marechal Campos 1468

**Bairro:** S/N

**CEP:** 29.040-091

**UF:** ES **Município:** VITORIA

**Telefone:** (27)3335-7211

**E-mail:** cep.ufes@hotmail.com ;  
cep@ccs.ufes.br







## CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO JOÃO DO TRIUNFO

ESTADO DO PARANÁ

Rua Ten. Cel. Carlos Souza, 225 - Centro - CEP 84150-000 - São João do Triunfo - PR  
CNPJ 00.514.231/0001-13 - Fone/Fax: (42) 3447-1552 - E-mail: cmtriunfo@ibest.com.br

### LEI Nº 1370/11

A Câmara Municipal de São João do Triunfo, através de seu Presidente, no uso das atribuições que são conferidas por Lei, promulga o seguinte:

**SUMULA: “Dispõe sobre o processo de reconhecimento dos Ofícios Tradicionais de Cura, em suas distintas modalidades: benzedores (as), curadores (as), remedieiros (as), costureiros(as) de rendidura ou machucadura, massagistas tradicionais e parteiras e regulamenta o livre acesso a coleta de ervas e plantas medicinais nativas, no município de São João do Triunfo, Estado do Paraná, e dá outras providências.”**

Art. 1º – A consciência de sua Identidade de Detentor de Ofício Tradicional de Cura, associado a saberes, conhecimentos e práticas tradicionais de cura é o critério fundamental para o seu reconhecimento pelo Poder Público Municipal.

§ 1º – Para fins desta Lei, as pessoas que desejarem obter o **Certificado de Reconhecimento de Detentor de Ofício Tradicional de Cura** e a **Carteira de Reconhecimento de Detentor de Ofício Tradicional de Cura** em suas diferentes modalidades, deverão solicitar a Secretária Municipal de Saúde, mediante sua auto-definição, que poderá ser seguida de reconhecimento da coletividade usuária de seus serviços de proteção a saúde, se o solicitante desejar.

§ 2º – Entende-se pela auto-definição, a manifestação consciente de seu conhecimento em relação ao “ofício tradicional”, em que o interessado manifesta a(s) modalidade(s) que deseja ser reconhecido, descrevendo sua solicitação em **Carta de Auto-definição** informando as práticas tradicionais que domina. Tal documento deverá ser encaminhado à Secretária Municipal de Saúde de São João do Triunfo.

§ 3º – Entende-se pelo reconhecimento da coletividade usuária do serviço de saúde, a elaboração de **Abaixo Assinado de Reconhecimento** do Saber e Domínio das Práticas e Ofícios Tradicionais de Cura, entendido como declaração consciente dos usuários deste serviço de saúde popular aos referidos Detentores de Ofícios Tradicionais de Cura que se caracterizam por reconhecido domínio de conhecimentos e práticas tradicionais, cuja finalidade é promover a saúde pública.



## CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO JOÃO DO TRIUNFO

ESTADO DO PARANÁ

Rua Ten. Cel. Carlos Souza, 225 - Centro - CEP 84150-000 - São João do Triunfo - PR  
 CNPJ 00.514.231/0001-13 - Fone/Fax: (42) 3447-1552 - E-mail: cmtriunfo@best.com.br

Art. 2º - A Prefeitura Municipal, através da Secretária Municipal de Saúde de São João do Triunfo fica obrigada a emitir o Certificado e a Carteira de Reconhecimento do Detentor de Ofício Tradicional de Cura, no prazo máximo de 60 dias, após a solicitação.

Art. 3º - O Município de São João do Triunfo reconhece todas as pessoas detentoras de "ofícios tradicionais" assim como as praticas tradicionais culturais de cura, adotada pelos sujeitos sociais, efetivando toda medida para preservar a manifestação social e manutenção do patrimônio imaterial cultural do município.

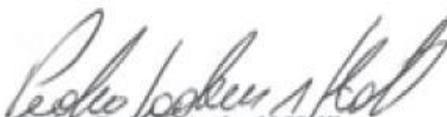
Art. 4º - As Ervas e Plantas Nativas de uso medicinal existentes no Município e São João do Triunfo são de livre acesso e uso comum dos Detentores de Ofícios Tradicionais de Cura, bem com as pessoas que desejarem realizar tratamentos medicinais, desde que orientados por "Detentores de Ofícios Tradicionais", reconhecidos pelo Poder Público Municipal, sempre observando o uso sustentável e a conservação ambiental.

Parágrafo Único - A fiscalização do disposto neste artigo caberá a Secretária Municipal de Saúde de São João do Triunfo-Pr;

Art.5º - O Município mediante as diretrizes da Política Nacional de Plantas Mediciniais e Fototerápicos bem como a Convenção sobre a Diversidade Biológica, através da Secretária Municipal de Saúde, firmará parcerias com as organizações populares e movimentos sociais, para auto-regularização do uso de plantas medicinais e fototerápicos e acolhimento das praticas tradicionais de cura no sistema formal de saúde.

Art.6º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revogando as disposições em contrário.

Câmara Municipal Vereador Agostinho Wisniewski, em 22 de fevereiro de 2012

  
 Pedro Gadens Andrade Halila  
 Presidente



**Decreto que cria a Comissão de Saúde Popular, regulamentando a  
Lei Municipal nº 1.401/2010 de Rebouças – Paraná**



## Prefeitura Municipal de Rebouças

Rua José Afonso Velloso Lopes, 98 - Fone (47) 3457 1200 CEP 84.515-000  
 CNPJ - 17.074.938/0001-82 - Rebouças - Paraná

### DECRETO N° 027/2010

O Prefeito Municipal de Rebouças, Estado do Paraná, no uso de suas atribuições legais, com fulcro no Art. 58, VIII, da Lei Orgânica Municipal, e considerando o disposto na Lei Municipal nº 1.401/2010.

#### DECRETA.

**Art. 1º** - A Secretaria Municipal de Saúde terá o prazo de até 60 (sessenta) dias, a contar da data de publicação deste Decreto, para criar a Comissão de Saúde Popular, a fim de incluir na Política Municipal de Saúde, as modalidades de ofícios tradicionais e suas práticas de saúde.

**Art. 2º** - A Comissão de Saúde Popular será composta por:

- 2 representantes do Conselho Municipal de Saúde;
- 3 representantes dos Detentores de Ofícios Tradicionais indicados pela organização dos próprios Detentores no Município;
- 1 representante da Câmara Municipal de Rebouças;
- 1 representante da Secretaria Municipal de Saúde;
- 1 representante da Assessoria Jurídica dos detentores de Ofícios Tradicionais;
- 1 representante da Entidade de Assessoria da organização dos próprios detentores de Ofícios Tradicionais.

**Art. 3º** - A Comissão terá o prazo de até 06 (seis) meses, para apresentar a inclusão a Política Municipal de Saúde ao Conselho Municipal de Saúde para sua apreciação.

**Art. 4º** - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal Caetano Castagnoli, em 29 de março de 2010.

  
**LUIZ EVERALDO ZAK**  
 Prefeito Municipal





# ESTADO DE MINAS

www.em.com.br

BELO HORIZONTE, DOMINGO, 13 DE ABRIL DE 2014

MG: R\$ 3 • NÚMERO 26.361 • 76 PÁGINAS • FECHAMENTO DA EDIÇÃO: 21H



Final da Superliga de vôlei masculino  
**10h** CRUZEIRO X SES - MINEIRINHO  
 Final do Campeonato Mineiro  
**16h** CRUZEIRO X ATLÉTICO - MINEIRÃO

Festa do esporte  
 hoje na Pampulha



MINISTÉRIO DO ESPORTE

No Mineirão, à tarde, cerca de 50 mil torcedores vão assistir à finalíssima do Campeonato Mineiro. Com a melhor campanha na competição, o Cruzeiro tem a vantagem de jogar pelo empate para levantar a taça. Já o Atlético conta com a volta de Ronaldinho Gaúcho para vencer e ficar com o caneco. Pela manhã, no Mineirão, com ingressos esgotados, a decisão da Superliga Masculina de Vôlei entre Cruzeiro e Ses, que já fizeram a final da temporada 2010/2011. **CAPA E PÁGINAS 3 E 4**

## ENVELHECER. Você está preparado? O BRASIL, NÃO

Se hoje o país tem 1,2% de idosos com idade acima de 60 anos, em 2030 o percentual estará em 20%, um quinto da população. Só que os brasileiros não se planejam para continuar no mercado do trabalho por mais tempo. E ficam expostos à perda gradual de renda depois da aposentadoria. Entre 1992 e 2012, a participação de idosos na população economicamente ativa subiu 70%. Só que a maioria faz bicos, por não ter investido em uma nova formação.

Esses trabalhadores acabam obrigados a preencher vagas que jovens, mesmo sem qualificação, não estão dispostos a ocupar. Especialistas ouvidos pelo Estado de Minas cobram uma política de Estado para tentar resolver a situação. Atualmente, o que dizem ser muito grave, praticamente nada é oferecido pelo governo. E sugerem que os próprios trabalhadores comecem a se preparar por volta dos 40 anos para o que chamam de terceira profissão.

PÁGINAS 12 E 14

DOMINGO

EM CÍTRIA

### PATRIMÔNIO RESTAURADO

O Centro Cultural da UFMG, que faz bodes de prata, está em festa depois de ter sido totalmente reformado. O prédio é de 1906. **CAPA**

BEAUVIVER

### ENERGIA BOA

Se a fé remove montanhas, pode procurar os benzedeiros, como Seu Mário (foto), que a ela alia as boas energias e são considerados anjos. **CAPA E PÁGINAS 3 E 4**



FEMININO

### MINAS TREND

É atrás das cortinas que profissionais conferem a produção dos modelos e dão os retoques finais antes da entrada na passarela. **CAPA E PÁGINAS 5, 6, 7 E 8**

degusta

### E VIVA O FUBÁ

Da bola ao mingau, da pamonha à broa. E tudo isso sem falar no angu no seu de cada dia. Os mineiros adoram as comidas com o ingrediente. **CAPA**



TRISTE REALIDADE

### O abandono da infância nos portos da Copa

Nas cidades portuárias que vão sediar jogos, os turistas estrangeiros serão recebidos por meninas seminus que se prostituem por um prato de comida. Ou por frantinos carregadores de mala em busca de um trocado. Sem falar no crack fumado por moradores de rua. **PÁGINAS 10 E 11**

DITADURA

### HISTORIADORA HELOISA STARLING COBRA A ABERTURA DOS ARQUIVOS

Pesquisadora da Comissão Nacional da Verdade diz que o Brasil só vai ser uma verdadeira democracia quando o poder militar se submeter ao poder civil. **PÁGINA 5**

### AI, QUE SAUDADE DA NOSSA ANTIGA CIDADE JARDIM!

**PÁGINAS 24 E 25**

ASSEMBLEIA

### PROJETOS DE CIDADÃOS PODEM IR AO PLENÁRIO E SER APROVADOS

**PÁGINA 9**

### FILAS E ATRASOS: FALTA DE INFORMAÇÃO COMPLEXA NOVA LINHA DO BRT/MOVE

**PÁGINAS 21 E 22**



9 771803 987014

Assinaturas e serviço de atendimento: Belo Horizonte: (31) 3263-5800 - Outras localidades: 0800 031 5005 Assinatura Uai: 0800 031 5000

DIÁRIOS ASSOCIADOS

CLUBE DE ASSINANTES ASSINE JÁ ANUNCIE FALE COM O EM NOTA FISCAL

# ESTADO DE MINAS

IMPRESSO

No site Arquivos EM Internet

busca  Envie

ver **em.com.br**

Diário: CIÊNCIA ECONOMIA CULTURA GERAIS INTERNACIONAL NACIONAL OPINIÃO POLÍTICA SUPERESPORTES

Semanal: Especiais Agropecuária Bem Viver Degusta Guri Informática Lugar Certo Pensar Turismo Vrum TV Pensar e Agir

Divirta-se Feminino & Masculino Negócios & Oportunidades Sabores de Minas Trabalho e Formação Profissional Direito e Justiça

A- A+ TAMANHO DA LETRA IMPRIMIR

## Longe do fim

Considerados anjos, os benzedeiros carregam em si a fé e as boas energias que passam para outras pessoas. Em Minas Gerais, há um estudo para transformar o ato de benzer em bem imaterial

Luciane Evans

Publicação: 13/04/2014 04:00



Sobre um banco de concreto, das 8h às 17h30, Mário Braz, de 81 anos, se senta à espera das cerca de 70 pessoas que o procuram todos os dias. Nos pés, um chinelo velho. Nas mãos, a fé e o mistério que não revela. "Tenho aqui os santos para todas as dores. Parece um molho de chaves, mas não é. É um segredo", diz, com toda a simplicidade que lhe cabe. Seu Mário, como é conhecido, não se formou em medicina, mas sabe de cor as orações para cada mal do corpo e da alma. "Sou benzedeiro. É um dom que Deus nos dá." Há 39 anos, ele benze quem o procura com as imagens de santo no chaveiro e a folha de arruda. Tem sabedoria de doutor. Não tem pressa. Sabe que cada palavra é divina e tem seu propósito. "Tem coisas, minha filha, que não são para os médicos. Só a fé pode curar." Sobre o sucesso que faz, sorri e diz que a busca pela benzeção está voltando ao que já foi um dia. "Nunca vai acabar", decreta.

Seu Mário tem razão. E está nas mãos dele o primeiro passo para a preservação da tradição em Minas Gerais. No próximo dia 28, a Comunidade dos Arturos, em Contagem, na Grande BH, recebe o título de Patrimônio Imaterial de Minas Gerais, registro dado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (Iepha). Seu Mário mora lá desde os 10 anos e é o benzedeiro mais conhecido da região, atraindo até mesmo gente de outros lugares do Brasil. Só não benze aos sábados e domingos, e nem à noite. "Se aparecer alguém, até benzo. Não se pode recusar. Mas não gosto. Fins de semana Deus fez para o descanso. Benzer à noite não é bom, não é uma linha boa. Pode ser perigoso", alerta.

A comunidade dos Arturos, onde vive seu Mário, será a primeira a receber o título do Iepha. Até hoje, como bem imaterial, o instituto tem na lista o modo de fazer queijo da cidade do Serro, na Região Central, e a festa de Nossa Senhora da Chapada do Norte dos Homens de Preto, no Jequitinhonha. "De lugar, esse será o primeiro. Trata-se de um reconhecimento da expressão da comunidade como um todo. Lá, há culinária, Festa do Rosário e a benzeção, que é um ponto forte deles", comenta o gerente de Patrimônio Imaterial do Iepha/IMG, Luís Gustavo Molinari Mundim.

Mas isso é só o começo. Desde o ano passado, o instituto está debruçado sobre o projeto de transformar o ato de benzer em Minas em patrimônio imaterial. "Fazíamos um inventário de proteção do Rio São Francisco quando identificamos várias benzedeadas e várias formas de benzer. Percebemos a necessidade de algo maior para o ofício", diz Luís Gustavo.

A intenção, segundo ele, é fazer um mapeamento para conhecer quantas são as pessoas que praticam a

Notícias

- Incorpore no dia a dia
- Na onda do integral
- QUALIDADE DE VIDA** - De bem com sua coluna
- EM SINTONIA
- CONTA-GOTAS** - Tratamentos a laser: os mais procurados
- ATIVIDADE FÍSICA** - Só para elas!
- SIMPLES ASSIM** - O país do futuro
- De frente com as frustrações

Fotos Vídeos



**BRINQUEDOS QUEBRADOS E FICHAÇÕES**  
Vandalismo e falta de manutenção em parque ecológico de Venda Nova afastam visitantes



**UAI** Acesso sem fio banda larga em aeroportos, hotéis, shoppings e muito mais no mundo inteiro

benzeção, quem são elas e os elementos invocados para a prática. “Queremos conhecer também como isso está sendo passado. O registro é baseado em um patrimônio vivo, ou seja, o benzer tem que estar ocorrendo. Com o registro, vamos identificar quais os principais problemas que essas pessoas enfrentam, e manter projetos para que a prática se mantenha.”

**DESAFIO** Essa curiosidade que está nas mãos do Iepha é também a de muitos. Para se ter uma ideia, no dia 16 de março o Bem Viver publicou matéria sobre a inveja e suas consequências. Entre um dos entrevistados, a benzeadeira Maria José Lima comentou sobre a proteção por meio da benzeção. Logo após a reportagem ser publicada, dezenas de pessoas ligaram para a redação em busca do contato da benzeadeira e muitos se queixaram de não achar mais o ofício em Belo Horizonte. Houve quem apostou que ele tinha chegado ao fim. Um dos leitores sugeriu: “O Estado de Minas podia procurar esses anjos para nós”.

O Bem Viver topou o desafio e foi atrás das pessoas das mãos abençoadas. Elas não desapareceram. Fácil, realmente não é. Porém, os benzedeiros e benzeadeiras estão vivos e sendo procurados cada vez mais. “Eles têm algo incrível. São reconhecidos nas comunidades onde vivem, acolhem quem os procura e não cobram pelo que fazem. São pessoas boas, a maioria é de baixa renda, e não quer status nem fama. É algo milenar. Há o efeito da contemporaneidade, claro. Mas essas pessoas não vão desaparecer”, aponta o filósofo e professor de ciências da religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), Stephen Simim. Estudioso do assunto, ele dá o caminho para o reencontro com essa bênção: “Se você treinar o seu olhar, vai redescobrir essas mulheres e homens que têm o dom de benzer”.



Envie sua história e faça parte da rede de conteúdo do grupo Diários Associados.

Clique aqui e envie seu vídeo, foto, podcast ou crie seu blog. Manifeste seu mundo.

## ESTADO DE MINAS

No site  Arquivos EM  Internet

busca

Portal Uai | Estado de Minas | Jornal Aqui | Guarani FM | TV Alterosa | Clube de Assinantes

DIÁRIOS ASSOCIADOS

## Será um dom?

Não há uma resposta científica que possa explicar o que é ser benzedeiro. Para muitos, uma força superior rege as energias para o bem

Luciane Evans

Publicação: 13/04/2014 04:00



Espírita, dona Nerci da Conceição é benzedeira há 30 anos e usa em suas benzeções ramos verdes, folhas de arruda e de guiné ao lado de um crucifixo

Uma sabedoria popular que ninguém sabe de onde veio nem para onde vai. Seria um dom ou uma experiência de vida? Não há respostas exatas. O certo é que, segundo os benzedeiros, para benzer não é preciso muito: basta ter o coração aberto e fazer o bem. Muitos, hoje em dia, não são católicos. Adaptaram suas crenças à prática. Assim, quem chega à casa desses anjos, independentemente da religião, percebe que a grande maioria não está em busca de holofotes e benze por acreditar em uma força superior. Dinheiro? "Dá-se de graça o que de graça recebeu", ensina Nerci da Conceição, de 68 anos, benzedeira na capital há 30 anos. Para a geração que chega, eles aconselham a ter boa vontade, o que pode significar largar um almoço para atender, sem pressa ou preguiça, alguém que precisa ser benzido.

Espírita, Nerci conta que seu dom veio da necessidade. Ela não encontrava benzedeiras na cidade para seus filhos e, assim, começou a benzer. No Bairro Aparecida, na Região Noroeste, ela é bem conhecida e usa a natureza em suas rezas. Há em sua casa ramos verdes, arruda e guiné - plantas que usa para benzer junto do crucifixo. "Antes do rito, gosto de ouvir as pessoas. Tenho até a oração para as doenças desconhecidas. Receita o uso de plantas também. Em casos de problemas de pele, é bom usar pomada recomendada pelo médico e um pouco de enxofre", diz. Ela benze até mesmo os animais e acredita que há pessoas que atraem o mal, "por isso, benzer é tão importante. Afasta os maus espíritos e abre caminhos".

Na linha da umbanda kardecista, a benzedeira Maria Aparecida da Silva, de 64, conta que benze desde os 12 anos e não sabe como aprendeu. Um dos dias mais marcantes para ela foi quando chegou em sua casa uma moça pedindo benzeção. "Não sabia o que tinha, nunca a tinha visto na vida. Veio o meu guia espiritual, que às vezes fala comigo quando preciso, e me pediu para benzê-la na luz. Acendi uma vela", conta.

Miriam se diz médium e, durante a entrevista, surpreendeu a reportagem muitas vezes. Segundo ela, é bom benzer com água, para limpar as coisas ruins. "Cada pessoa tem um tipo de vibração", comenta. Por

Notícias

- Incorpore no dia a dia
- Na onda do integral
- QUALIDADE DE VIDA** - De bem com sua coluna
- EM SINTONIA
- CONTA-GOTAS - Tratamentos a laser: os mais procurados
- ATIVIDADE FÍSICA** - Só para elas!
- SIMPLES ASSIM** - O país do futuro
- De frente com as frustrações

Fotos Vídeos



BH COM CLIMA LONDRINO  
Belo Horizonte amanheceu coberta por neblina nesta terça-feira; confira as imagens



acreditar nisso, ela pede cuidado com os abraços. “Um abraço mal dado é pior do que uma facada. Quando alguém lhe abraçar, feche os olhos. Aí você barra a energia do outro. Será um espelho para quem abraça você. Existe pior reflexo que o espelho?”, questiona.

Ela faz um alerta também para esse período da quaresma. “É uma época em que espíritos vagam muito facilmente. É preciso cuidado. A benzeção protege você”, comenta. Porém, mesmo defendendo essa proteção, Miriam diz que não se pode ser benzido por qualquer um. “Tenho medo de passar meu conhecimento para alguém. Pode-se benzer tanto para o bem quanto para o mal. O coração dos outros é terra que ninguém morre. Por isso, é preciso cuidado”, avisa. Quando a reportagem pediu a Miriam que fosse fotografada para a matéria, ela informou que as entidades que lhe acompanham não permitiram e pediram a ela que não falasse mais. Respeitamos.

De acordo com o filósofo Stephen Simim, as adaptações da forma de benzer são muitas, e uma delas está na assimilação de outros elementos e religiões. “Hoje, há no meio evangélico, por exemplo, aquela pessoa que ora pelas outras. É uma irmã de fé muito forte”, exemplifica, lembrando de práticas atuais esotéricas, que muito têm a ver com as benzeções. “Muitas coisas estão surgindo, mas ninguém está inventando. Por isso, não tenho medo de que a prática se perca. Pode haver uma ressignificação.”



[Envie sua história](#) e faça parte da rede de conteúdo do grupo Diários Associados.

[Clique aqui](#) e envie seu vídeo, foto, podcast ou crie seu blog. **Manifeste seu mundo.**

## ESTADO DE MINAS

No site  Arquivos EM  Internet

busca



[Portal Uai](#) | [Estado de Minas](#) | [Jornal Aqui](#) | [Guarani FM](#) | [TV Alterosa](#) | [Clube de Assinantes](#)

DIÁRIOS ASSOCIADOS

CLUBE DE ASSINANTES ASSINE JÁ ANUNCIE FALE COM O EM NOTA FISCAL

# ESTADO DE MINAS

IMPRESSO

No site Arquivos EM Internet

busca  Enviar

ver **em.com.br**

Diário: CIÊNCIA ECONOMIA CULTURA GERAIS INTERNACIONAL NACIONAL OPINIÃO POLÍTICA SUPERESPORTES

Semanal: Especiais Agropecuária Bem Viver Degusta Guri Informática Lugar Certo Pensar Turismo Vrum TV Pensar e Agrir

Divirta-se Feminino & Masculino Negócios & Oportunidades Sabores de Minas Trabalho e Formação Profissional Direito e Justiça

(A-) (A+) TAMANHO DA LETRA IMPRIMIR

## Um olhar acolhedor

Os benzedeiros são especiais. Além de tocar, ouvir e conversar, eles interagem com as pessoas que os procuram. Segundo os especialistas, é preciso ter fé para buscar a cura.

Luciane Evans

Publicação: 13/04/2014 04:00



Aos 91 anos, Dona Aurora Ferreira dos Santos cria as próprias orações. Ela é procurada por dezenas de pessoas interessadas em sua bênção

Quebranto, cobreiro, mau-olhado, espinhela caída, vento-virado, sentido... Esses nomes, longe do universo científico, fazem parte de um mundo mágico, povoado de rezas, crenças, simpatias e benzeções. São diagnósticos dos benzedeiros em Minas Gerais. São ditos por eles, sem enganos. E para cada um desses males, físicos ou espirituais, há orações e formas de benzer. Há quem use crucifixo, plantas, imagens de santos e até a água para o rito. A prática, em pleno século 21, não mudou muito, mas vem sendo adaptada. E hoje há até quem benza por telefone. Mas será que os rituais têm mesmo poder de cura? Para quem tem nas mãos e no olhar o dom, a resposta é uma só: é preciso ter fé.

Há 12 anos, o filósofo Stephen Simim, professor de ciências da religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), fez uma dissertação de mestrado sobre as benzedeadas no estado e, desde então, se interessa pelo assunto. "Muitas são analfabetas, vivem em casas muito simples. A maioria é de mulheres. Acredito que isso está ligado à relação do feminino com a natureza. Lembro-me de uma dizer que da terra vem a doença e da terra vem a cura." Diante de tudo que viu e ouviu, ele não duvida da cura e lembra-se de casos curiosos. "Todas as identificações de vento-virado, espinhela caída, mau-olhado e outros problemas estão associadas a algum mal. Diante do rito, percebi a mudança no estado da criança. Pude acompanhar de perto: as pessoas chegavam de uma forma e saíam de outra", comenta.

Ele acredita que nesse encontro ocorra algo importante, que pode ser um milagre ou não. "Às vezes, nada mais é que a dificuldade de alguém que não conseguia um lugar para ser acolhido. As benzedeadas, antes de tudo, acolhem. Elas conversam, ouvem, tocam e interagem com o problema de quem as procura. Vi pessoas saindo bem diferentes do que entraram e aquelas que, ao fim de um ciclo de benzeções, mudavam. Não tenho uma definição para isso, mas acredito que a prática traga algo novo, senão, não estaria até hoje", defende.

O segredo nada mais é que a fé, conforme resume Maria da Conceição de Souza, de 61 anos. Benzedeira no Bairro Nazaré, na Região Nordeste de Belo Horizonte, ela conta que aprendeu o ofício com uma senhora que benzia os filhos de sua patroa. Com o conhecimento adquirido, optou por benzer somente crianças, pois os "adultos chegam muito carregados". Para ela, a benzeção é o caminho para aquilo que a medicina não cura. "Mas as mães têm que ter fé, senão, os meninos não melhoram." Quando o Bem Viver esteve em

Notícias

- Incorpore no dia a dia

- Na onda do integral

**QUALIDADE DE VIDA** - De bem com sua coluna

- EM SINTONIA

**CONTA-GOTAS** - Tratamentos a laser: os mais procurados

**ATIVIDADE FÍSICA** - Só para elas!

**SIMPLES ASSIM** - O país do futuro

- De frente com as frustrações

Fotos Vídeos



ZONA DA MATA

Quatro pessoas morrem e sete ficam feridas em acidente entre ônibus e caminhão na MG-111



**UAI** Acesso sem fio banda larga em aeroportos, hotéis, shoppings e muito mais no mundo inteiro

sua casa, Michele Avelino, de 24 anos, já a aguardava. “Quando pequena cheguei aqui pois estava há dois dias sem comer. Quando ela me benzeu, comi até arroz com feijão. Hoje, trago o meu filho Lucas, de 1 ano.”

Quando chegou Miguel, de 3 anos, Maria deu o diagnóstico. “Está sentido.” Segundo ela, isso acontece quando a criança está indisposta, sem comer e triste, o que pode ser mau-olhado. “No caso de vento-virado, ela tem um dos braços ou uma das pernas mais curta que a outra. Isso pode ser um susto que tomou. Nesses casos, é bom benzer três vezes. Se a mãe está nervosa ou teve briga em casa isso reflete na criança. Quando os pequenos forem elogiados, é bom dizer ‘Benza Deus’, para protegê-los”, aconselha. Maria benze com folhas de arruda, manjerição, reza Pai Nosso, Ave Maria e Salve Rainha.

Ela não acredita no fim da prática, mas confessa não ter alguém para quem passar o seu conhecimento, já que seus filhos não querem tamanha responsabilidade. Segundo Stephen, há duas formas de eternizar a prática. A primeira delas é a transmissão por gerações. “A outra é a experiência mística. A pessoa não aprendeu com ninguém e passou a benzer por meio de uma vivência.” Ele lembra outros elementos que envolvem a prática, como o uso das plantas medicinais.

**ORAÇÕES** Outro destaque do pesquisador são as orações. Muitas benzedadeiras criam suas rezas, que ninguém sabe de onde vieram, nem elas (veja na página 4). É o caso de Aurora Ferreira dos Santos, de 91 anos. Famosa em Belo Horizonte, Aurora cria suas orações, que já salvaram muitos. Analfabeta, ela diz que benzer é retirar o mal das pessoas e uma das dicas que dá a todos é relacionada a esses males abstratos. Ela diz para ficarmos atentos àquelas mariposas que entram dentro de nossas casas. “Tem que retirar e mandar para longe. A bruxa é sinal de que há alguém não está lhe desejando o bem”, ensina.

Mesmo com a idade avançada, todos os dias ela é procurada por dezenas de pessoas, inclusive por quem mora fora do país. E, nesses casos, ela usa o telefone para benzer. Na sua casa, no Bairro Floramar, na Região Norte da capital, já foram de pedreiros a juizes em busca de suas mãos e olhos abençoados. Ela tem no seu altar imagens de Santa Bárbara, Cosme Damião e São Sebastião. Como bem observou Stephen, é comum não se benzer à noite, somente na luz do dia. Aurora tem esse hábito e outros também. “Uma vez, na Sexta-Feira da Paixão, uma mulher me procurou. Quando a benzi, saíram dela três espíritos. Nunca mais benzi nesta data”, recorda. Toda noite, depois de benzer as dezenas de pessoas, ela pega um terço e reza por cada um que lhe procurou. Nunca cobrou pelo serviço e diz que a recompensa está na saúde que Deus lhe dá. “Enquanto Ele me der licença, vou trabalhar”, afirma.



Envie sua história e faça parte da rede de conteúdo do grupo Diários Associados.

Clique aqui e envie seu vídeo, foto, podcast ou crie seu blog. Manifeste seu mundo.

## ESTADO DE MINAS

No site
  Arquivos EM
  Internet

busca

Envia

Portal Uai | Estado de Minas | Jornal Aqui | Guarani FM | TV Alterosa | Clube de Assinantes

DIÁRIOS ASSOCIADOS